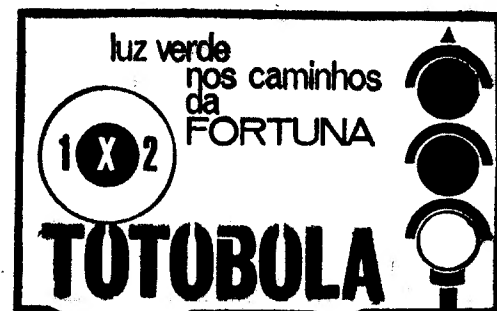


Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
SEXTA-FEIRA, 16 DE JANEIRO DE 1970, N.º 16 908 ANO 49.º PREÇO 1\$50



OBJECTIVO: MONTE CARLO — Eles começam hoje a grande corrida, lançados velozmente pelas estradas geladas da Europa. É o 39.º «Rallye» de Monte Carlo — o mais excitante do calendário internacional, e Lisboa foi a cidade escolhida por alguns dos concorrentes (no total, mais de duzentos) para o início da sua aventura. ... Aventura que se repete desde 1911, quando o francês Rougier, ao volante de um «Turcat-Méry» ganhou a batalha de três mil quilómetros, à média horária de... dez quilómetros! Os concorrentes que hoje partem de oito pontos da Europa terão de percorrer, dia e noite, cerca de 3500 quilómetros de itinerário de concentração, seguindo-se um percurso comum de 1500 quilómetros. Depois, para os 60 melhores, a odisseia continua na montanha coberta de neve e gelo.

(LER NA PÁGINA CENTRAL)

CLIMA DE GUERRA NA CHINA

Viajantes chegados a Hong-Kong dizem que tudo faz lembrar as vésperas do conflito sino-japonês

HONG-KONG, 16 — (F. P.) — Os habitantes da maior parte das grandes cidades chinesas parecem estar convencidos da iminência de uma guerra com a União Soviética — julga-se em Hong-Kong à luz das notícias de numerosos viajantes que chegam de Cantão, Xangai e de outras cidades do litoral da China.

Segundo estes viajantes, há abrigos anti-aéreos em construção por toda a parte, enquanto outros são edificadas, nas zonas proibidas, na previsão de um ataque nuclear eventual. Hinos militares são trans-

mitidos pela Rádio e cantados nos locais de trabalho nos intervalos para descanso. Toda a produção foi praticamente posta em pé de guerra. Tudo faz lembrar, acrescentam estes viajantes, as

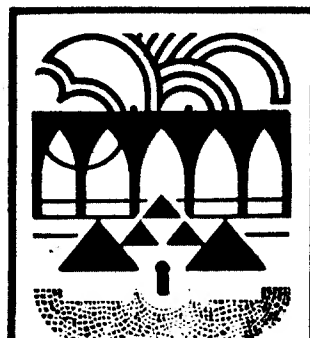
vésperas da guerra sino-japonesa, há trinta e três anos.

EVENTUALIDADE DE UM CONFLITO SINO-SOVIÉTICO

WASHINGTON, 16 — (F. P.) — O Governo de Nixon não afasta a eventualidade de um conflito entre a China e a União Soviética, revelou ontem um alto funcionário americano que pediu para manter o anonimato.

É evidente, acrescentou ele ao dirigir-se a um grupo de jornalistas da Rádio e da Televisão reunidos no departamento de Estado, que os Estados Unidos não desejam uma tal eventualidade mas será conveniente estar preparado. Acrescentou que por enquanto não via a União Soviética na situação de tentar aumentar o seu território mediante o emprego da força.

«ALBUM DE LISBOA» A RECEPÇÃO DE CADERNETAS EM TODOS OS BAIRROS DA CAPITAL



NA 2.ª PÁGINA
REPETIMOS
AS GRAVURAS
11 e 12
DO NOSSO CONCURSO

EM TODOS os bairros da capital, nas zonas mais populosas e populares vai fazer-se a recepção das cadernetas do nosso concurso «Album de Lisboa», que tem interessado o país inteiro e é acompanhado com o maior entusiasmo por muitos milhares de leitores do nosso Jornal.

Tal como ontem revelámos, com a colaboração da Cidra, que patrocina a nossa iniciativa, nos

(Continua na pág. seguinte)



No Ministério das Corporações, o titular da pasta, acompanhado pelo secretário e pelo subsecretário do Trabalho e Previdência, recebe os cumprimentos dos funcionários daquele departamento do Estado

Apertos de mão e sessões de trabalho para os novos membros do Governo

Foi hoje o primeiro dia de trabalho dos novos membros do Governo. Todos se reuniram com os mais directos colaboradores. Todavia, dado a proximidade do fim-de-semana, «o primeiro verdadeiro dia de trabalho» como nos disse um informador da Arcada — será segunda-feira próxima. Hoje,

sexta-feira, as primeiras horas dos novos ministros, secretários e subsecretários de Estado foram preenchidas — como dizemos na página central — com as saudações e cumprimentos do funcionalismo público. À tarde, efectuaram-se algumas sessões de trabalho.

MARCELLO
CAETANO
AO «FIGARO»:

«Não podemos
juntar-nos
completamente
à Europa»

(Ler na pág. central)

HOJE 36 PAGINAS
VISADO
PELA CENSURA

A recepção de cadernetas em todos os bairros da capital

(Continuação da pág. anterior)

«stands» Gazcidla vai promover-se a recepção de cadernetas, para comodidades dos concorrentes. Tranquilizem-se, pois, os que residem em Alfama, na Madragoa, no Bairro Alto, em Campolide ou Campo de Ourique, na Graça, em Benfica ou no Lumiar, nas Avenidas Novas ou em Arroios, em Alvalade ou nos Olivais, no Alecrim ou em Alcântara. Como ontem noticiámos, a partir do próximo dia 26, estaremos um dia em cada um dos «stands» Gazcidla espalhados por Lisboa e aí faremos a recepção das cadernetas. Sem deslocações ou demoras, os concorrentes têm apenas que ir acompanhando o noticiário do concurso, e ficar atentos às datas que indicaremos.

Depois dos «stands» de Lisboa, deslocar-nos-emos ao Porto, onde permaneceremos dois dias, seguindo-se um dia em Coimbra mas sempre nos «stands» Gazcidla daquelas cidades. Só depois é que começará a recepção de cadernetas, feita pessoalmente, nos nossos serviços da Rua Castilho, 185. Até lá, os concorrentes da província (ou mesmo de Lisboa) se assim quiserem, podem remeter-nos as suas cadernetas mas sempre pelo correio e acompanhadas de um selo de 1000, se pretenderem a devolução do boletim de identificação devidamente numerado. Evidentemente,

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA HOSPITAL DE SANTA MARIA
CONCURSO PARA O ANO DE 1970
MATERIAL CLÍNICO PARA O SERVIÇO DE SANGUE
Concurso público n.º 30/70

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 às 12 e das 14 às 17 horas, excepto aos sábados, em que o horário será das 9 às 12,30 horas, na Secretaria do Serviço de Aquisições.

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicados no Caderno de Encargos.

Lisboa e Hospital de Santa Maria, em 14 de Janeiro de 1970

O CHEFE DE SERVIÇO DE AQUISIÇÕES,

a) Manuel Brito Pina de Jesus

BOM TERRENO para a indústria

Em Alenquer, junto à Estrada Nacional Lisboa-Porto, com serventia a toda a volta. Plano e quase rectangular com cerca de 60 000 m2. Vende-se por 2500 contos. Resposta a este jornal ao n.º 411.

os que o assim não fizeram estão também habilitados ao sortelo de óptimos prémios, cujo valor excede os trezentos contos, onde se salientam o confortável apartamento mobilado, nos blocos de prédios já construídos pela Realimo em Miratejo, a cidade panorâmica; o magnífico automóvel Toyota, modelo Corolla 1100, os excelentes televisores Siemens, entre os quais o modelo «Estoril», home-

nagem daquela empresa ao nosso País.

Com a repetição de gravuras a que procedemos para corresponder a inúmeras solicitações dos nossos leitores que pretendiam participar na nossa iniciativa com mais do que um «Album», o concurso entre na sua fase final, mas sempre acompanhado com muitos milhares de leitores.

Album de Lisboa



Recorte e cole as gravuras no espaço marcado na caderneta

Todos os assuntos referentes ao Concurso deverão ser tratados na RUA CASTILHO, 185-1.º — Telex.: 65 45 33/65 45 34

instantâneos de LISBOA

UM ARSENAL NA RUA DA PAZ

CALHARIZ: o alfarrabista em obras, fechado, sem a novidade dos livros velhos. Calçada do Combro até ao Poço dos Negros: calçada de fivela nas montas, botas de vitela e sola de pneu penduradas do tecto. A subir os Poiais de S. Bento, carros parados, no passeio a descer. Depois a curva e, antes das Escadinhas, a Rua da Paz.

Ando, por estes lados, á procura de Lisboa

Já não há candeeiros com portinhola, nem o homem da haste muda com morrão vivo, botas cardadas e boné de oleado, acende estrelas de gás pelas esquinas. A noite é outra. O povo o mesmo: vizinhança.

Já não há quem fique á espera dum resto de pregões que sobrou do fim da tarde. Não se vêem, nem se ouvem, as vendedeiras de peito farto, encorpado, que vinham da Madragoa, com os seus açafates de marmelos, autênticos, assados no forno. Na mão, velas de cera, como as dos altares, metidas em candelabros de papel pardo de embrulho. E, nas suas maneiras, em todas elas, até nas roupas de baixo á vista, dos fregueses, o mesmo melado do açúcar amido dos marmelos quentes.

Já não se vê, encostada á porta com gateira, a velha das castanhas cozidas que, no Verão, substitua o tacho de barro, da cozedura permanente, por um tabuleiro com quadradinhos de gergelim e pedras de torrão-de-alicante. Mas era bem no inverno que a velha enchia — e já não enche — a Rua da Paz daquele bom cheiro a erva-doce.

Nesse tempo, não andava eu, por esses lados, á procura de Lisboa. Dava essas curvas, sempre que ia a casa do meu avô. Era o caminho mais directo. Ele morava na Rua da Paz. Naquele primeiro andar que tinha, encostado á varanda, um candeeiro de gás. Mas o grande mistério, a grande atracção, não dava para a frente — estava no quintal que encostava as traseiras á casa de pasto dos Poiais de S. Bento, onde, pela noite fora, se jogava á laranjinha,

se deitava abaixo o ultimo Governo e, ás vezes, se ouviam palavrões.

Durante muitos anos, o barracão do quintal foi-me uma casa interdita. O mesmo acontecia com a vida do meu avô. Sempre me fecharam a porta da sua juventude. Nasceu burguês; ele povo: fragateiro. A diferença era a de quem cresce agarrado a apelidos de registo e nome de baptismo e a de quem arrasta, até á velhice, uma alcunha que lhe deu o povo — definitivamente, mesmo sem documentos. O meu avô era o Remísio. E como o seu nome andou nas revoluções, em casa, burguesa, retiraram-no das conversas. Fecharam-no á chave, como a casa do quintal.

Quem me contou tudo, usando a denúncia, sorridente e traiçoira, de menino-família que rejeita a presença do pequeno-burguês de primeira geração, foi um camarada de liceu, cujo pai tinha sido, na frota de fragatas da Casa Sabido o último patrão do meu avô. Ainda hoje, quando vejo o Sabido, filho de Sabido, sinto que ele não me perdoa ser neto de um fragateiro. Eu, por mim, devo-lhe essa grande revelação.

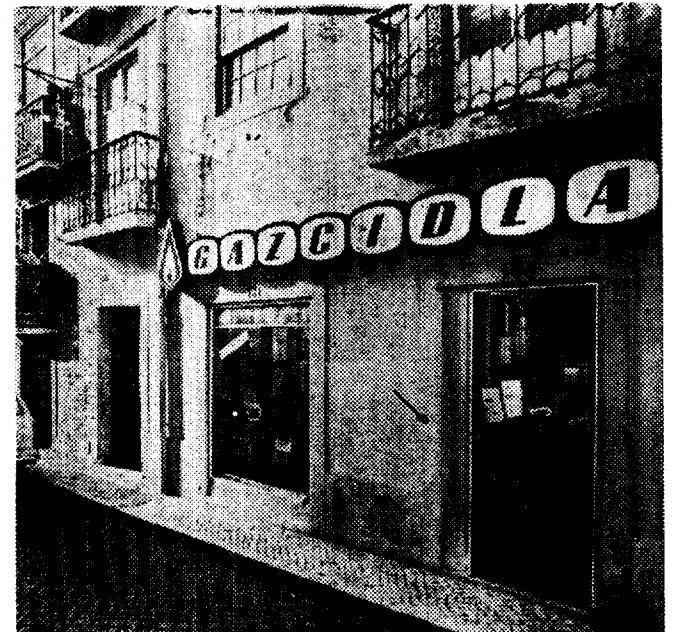
Em casa, calei-me. Deixei passar tempo. Mas, uma noite em que já tinham acendido os candeeiros, a gás e se comiam marmelos, á vela, comprados na rua, perguntei ao meu avô pelo tempo das revoluções.

Era coisa em que ele, desde a ditadura já não falava. Ir preso por atirar bombas, vá lá; ser engalotado só por falar nisso, é que não. Mas animou-se na conversa e deu pormenores.

E, pela primeira vez, arrastando o seu caseiro chinelar de embarcação do rio, o meu avô abriu-me a porta do barracão do quintal, que era também a janela da sua juventude, tão ocultamente guardada pela família de segundo andar, com porteira, da casa em que eu nasci.

Um arsenal completo e já tão batido pela ferrugem que tinha dum castanho de areia os canos das espingardas, os gatilhos das pistolas e as próprias bainhas dos sabres. Neste País tudo enferruja antes de ser utilizado: até os candeeiros de gás, já substituídos; até as articulações da velha das castanhas, já levada, num caixão de pinho e por ironia, para os Prazeres; até os corpetes, com ilhós de ferro, das vendedeiras de marmelos quentinhos; até a casa sombria do alfarrabista do Calhariz, onde, na volta, desisto de encontrar a Lisboa que procuro e que teve um verdadeiro arsenal do povo na Rua da Paz.

TAVARES DA SILVA



Este é o «stand» Gazcidla do Bairro Alto, exactamente na Rua da Atalada, 131, onde vai proceder-se brevemente á recepção das cadernetas do nosso concurso. Se é consumidor Gazcidla e mora no Bairro Alto, visite o seu «stand», onde encontrará todas as boas soluções Gazcidla com a maior simpatia, eficiência e rapidez

Prisão maior (16 anos) para o autor do crime da Cidade Universitária

Dezasseis anos de prisão maior, mais três meses de prisão por uso ilegal de arma e ainda igual tempo de multa a dez escudos por dia — foi a pena atribuída, no 2.º Tribunal Militar Territorial, em Santa Clara, a Belchior Monforte Pinho, de 36 anos, casado, natural de Roiz (Chaves), ajudante de motorista, autor do crime de homicídio voluntário praticado, em 24 de Outubro de 1968, nas imediações da Cidade Universitária, na pessoa de Salvador dos Santos Ginjeira, de 44 anos, motorista, de Alcochete, residente em Lisboa. Este, como por várias vezes já se disse, foi atingido com dois tiros disparados com arma de guerra, depois de barbaramente agredido, vindo a falecer no Hospital de Santa Maria.

O julgamento foi presidido pelo coronel Alves Monteiro, ladeado pelo coronel Hermínio Roma e pelo juiz-auditor dr. Pessoa Monteiro. Durante a audiência, a que estava presente numeroso publico, o tenente-coronel Lemos da Fontana, coronel, defendeu a tese da manifesta intenção de matar, enquanto o patrão do réu se referiu a «acidente ocasional». Uma testemunha, o jardineiro Diamantino Ferreira da Silva, descreveu a perseguição do réu sobre a vítima, que não opôs resistência, sendo violentamente agredida a pontapé depois de prostrada por um tiro na testa, á queima-roupa.

O tenente-coronel Lemos da Fontana salientou que o crime não teve qualquer relação com a organização política á qual o réu pertencia como ajudante de motorista — e que este não tinha licença de porte de arma.

O tribunal considerou o crime provado, com as agravantes de o homicídio ter sido precedido de ofensas corporais, manifesta superioridade em razão da arma, sucessão e acumulação de crimes. O réu beneficiou das atenuantes do bom comportamento anterior, espontânea confissão, embora parcial, e apresentação voluntária ás autoridades, decorridos dois dias após a prática do crime.

O Belchior Pinto (que voltou á cadeia) declarou, por intermédio do seu patrono, que vai recorrer da decisão para o Supremo Tribunal Militar.

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

HANÓI E A CONVENÇÃO DE GENEVRA

I — PRISIONEIRO OU CRIMINOSO DE GUERRA?

Desde há pouco mais de um século que se vem desenvolvendo um direito internacional, costumeiro, e convencional, nos conflitos armados, para salvaguarda das vítimas — feridos, doentes, prisioneiros, pessoas civis. Está actualmente codificado nas quatro convenções de Genebra de 1949, que obrigam 125 estados. O seu órgão executivo é o Comité Internacional da Cruz Vermelha. Este direito humanitário rege todos os conflitos armados — internacionais e internos.

Paralelamente, a conduta das hostilidades tornou-se mais recentemente objecto de regulamentação internacional pela interdição ou limitação do emprego de certas armas e de certos métodos de combate (convenções da Haia de 1899 e de 1907, protocolo de Genebra de 1927, onde se proíbe os gases asfixiantes, tóxicos ou similares e todos os líquidos, matáveis ou análogos). O direito em vigor — como vemos todos os dias — está longe de ser observado, e, além disso, não está adaptado à evolução da tecnologia e das formas de operações.

As armas actuais — bombas, artilharia, projecteis especiais, napalm, produtos químicos para tirar as folhas da vegetação, etc. — têm, por si mesmas, efeitos que vão necessariamente além dos objectivos assinalados. Estes objectivos englobam agora não só as zonas industriais e as redes de comunicação, mas também as zonas rurais que alimentam e dissimulam o inimigo. As operações de guerrilha utilizam a tela protectora das multidões como dantes as pequenas unidades utilizavam o terreno. Estes progressos singulares revelam as lacunas do direito relativo à condução das hostilidades e paralelamente a aplicação das obrigações assumidas pelos Estados para com as vítimas dos conflitos armados — e nomeadamente as tocantes à protecção dos feridos e à salvaguarda das populações civis.

No quadro da convenção de Genebra de 1949 sobre os prisioneiros de guerra põe-se um problema limitado: terá o Governo da República Democrática do Vietnã fundamento jurídico para recusar o estatuto de prisioneiros de guerra aos pilotos americanos que têm em seu poder?

Uma ressalva norte-vietnamita...

Lembremos os textos aplicáveis. O artigo 85.º da Con-

venção de Genebra dispõe: «Os prisioneiros de guerra demandados judicialmente em virtude da legislação da potência detentora por actos cometidos antes de serem feitos prisioneiros, continuando, mesmo que sejam condenados, ao abrigo da presente convenção.» A R. D. Vietnã aderiu a esta convenção, no dia 28 de Junho de 1957, a qual entrou em vigor a 28 de Dezembro. Formulou, contudo, a seguinte ressalva ao artigo 85.º: «A R. D. do Vietnã declara que os prisione-

ros de guerra demandados e condenados por crimes de guerra ou por crimes contra a humanidade, de acordo com os princípios formulados pelo tribunal de justiça de Nuremberga, não beneficiarão das disposições da presente convenção, como ficou especificado no artigo 85.º»

Não temos conhecimento do texto autêntico vietnamita; só foi publicada a tradução francesa que o acompanhou. A interpretação que a República Democrática do Vietnã deu desta ressalva está exposta na primeira comunicação geral do C. I. C. V. às sociedades nacionais da Cruz Vermelha sobre a sua acção de socorro no Vietnã: «A Cruz Vermelha e as autoridades da República Democrática do Vietnã fizeram saber ao C. I. C. V. que os pilotos americanos feitos prisioneiros beneficiavam de um tratamento humano, mas não podiam, no entanto, ser considerados prisioneiros de guerra. O Governo norte-vietnamita entende, na verdade, que os bombardeamentos constituem crimes pelos quais esses prisioneiros terão que responder perante os tribunais vietnamitas; e que a convenção de Genebra n.º III (prisioneiros de guerra) não lhes é aplicável. Referiu-se, pois, a esta, mas lembrando

guerra ou crimes contra a humanidade? E, na negativa, quais as consequências jurídicas? Por outro lado, admitindo que a ressalva seja lícita, o seu alcance será exactamente aquele que o Governo norte-vietnamita lhe confere — exclusão do benefício da convenção dos prisioneiros simplesmente demandados judicialmente?

...compatível com a convenção

A jurisprudência do Tribunal Internacional de Justiça e a recente codificação sob a forma de convenção do direito dos tratados admitem a possibilidade de ressalvar aos tratados multilaterais, sob condição de a ressalva não ser incompatível com o objecto e o fim do tratado» (2).

Dois autores que examinaram esta questão consideram que a ressalva ao artigo 85.º — na interpretação que lhe é dada pelo Governo da República Democrática do Vietnã — é incompatível com o objecto e o fim da convenção. Segundo um de-

les, a ressalva tem o efeito de permitir que o Estado se livre de responsabilidades, invocando violações das leis da guerra e instaurando processos (3). Este motivo não nos parece pertinente. O Estado autor da ressalva deve, na verdade, aplicá-la de boa fé. Instaurar por sistema processos contra todos os prisioneiros para lhe recusar o benefício da convenção e do estatuto de prisioneiro de guerra seria perverter todo o alcance da ressalva. Para o outro autor, a ressalva teria «um teor tão gravemente contrário à «ratio» do artigo 85.º que devia considerar-se... interdita» (4). Contudo, Meyrowitz não explica a «ratio» do artigo 85.º. É necessário, sobretudo, que a ressalva seja incompatível com o objecto e o fim da convenção, na sua essência. Por definição, toda a ressalva a um artigo se opõe ao objecto e ao fim do artigo, seja para ficar aquém, seja para ir além das suas disposições.

A primeira vista, recusar, aderindo a ele, o benefício da convenção sobre os prisioneiros de guerra a certas categorias de prisioneiros, demandados por crimes de guerra ou contra a humanidade não constitui uma deformação do objecto e do fim do tratado. A própria história do artigo 85.º mostra que uma ressalva, pela qual se exclua pura e simplesmente o mecanismo deste artigo, não é incompatível com o objecto e o fim da convenção.

A origem do artigo 85.º

A convenção de 1929 não previa o caso dos prisioneiros demandados e condenados por infracções cometidas antes da sua captura. O Supremo Tribunal dos E. U. A. pôde, assim, decidir, em 1946, que um general japonês, processado por crimes de guerra, não podia invocar o benefício da convenção. A mesma jurisprudência foi aplicada em França, nos Países Baixos e na Itália (5). O C. I. C. V., quando dos trabalhos preparatórios da revisão da convenção de 1929, sugeriu ao comité de técnicos, reu-

(Continua na pág. seguinte)

Bases de uma política universitária em Portugal

O primeiro numero deste ano lectivo de «Tempo», «jornal universitário de informação», respeitante ao mês de Novembro, publicou uma editorial em que propõe algumas «bases de uma política universitária». Atendendo ao seu interesse, até como base de discussão, transcrevemos, daquele mensário estudantil, as nove bases propostas e seus «objectivos» — independentemente da explanação justificativa que os acompanha. Eis as nove bases propostas por «Tempo»:

1. CRIAÇÃO DE NOVAS UNIVERSIDADES

Objectivo: atender ao crescimento da população estudantil e às suas várias incidências e proporcionar factores de dinamização da Universidade portuguesa, em geral.

2. FORTALECIMENTO DAS VIAS DE FINANCIAMENTO

Objectivo: estudar os meios e aplicar as medidas tendentes a fortalecer as vias de financiamento de todo o processo educativo em geral, como forma de aumentar os investimentos no ensino universitário.

3. CRIAÇÃO DO SERVIÇO NACIONAL DE BOLSAS

Objectivo: participação no processo de democratização do ensino.

4. CRIAÇÃO DE NOVOS CURSOS UNIVERSITÁRIOS

Objectivo: atender às necessidades de uma sociedade em desenvolvimento e às exigências decorrentes do progresso cultural, social, político, científico e económico.

5. REVISÃO DA LEGISLAÇÃO SOBRE ACTIVIDADES CIRCUM-ESCOLARES E ESCOLAR SOCIAL ESCOLAR

Objectivo: atender às garantias jurídicas e possibilidade de expansão das Associações de Estudantes; reestruturação dos Serviços Sociais Universitários; nova política de habitação estudantil.

6. FORMAÇÃO PEDAGÓGICA DOS DOCENTES UNIVERSITÁRIOS

Objectivo: preparação pedagógica e actualização de métodos dos docentes universitários; familiarização no uso de computadores.

7. ESTATUTO DO PESSOAL DOCENTE E INVESTIGADOR

Objectivo: garantir, no ensino, o concurso dos elementos mais dotados cientificamente e pedagogicamente e fomentar a investigação.

8. REVISÃO DA COMPOSIÇÃO DOS ÓRGÃOS DE GOVERNO UNIVERSITÁRIO E SUAS COMPETÊNCIAS

Objectivo: fazer participar os estudantes, os assistentes e entidades exteriores à Universidade nos seus órgãos de governo; coordenar a acção interuniversitária; garantir a autonomia universitária nas suas distintas vertentes.

9. NOVA DEFINIÇÃO DA FIGURA INSTITUCIONAL DAS UNIVERSIDADES

Objectivo: abolir a cátedra como base de ensino; articular, nas Faculdades e Institutos, uma estrutura departamental; fazer a Universidade participar no aperfeiçoamento das estruturas sociais e no progresso das regiões menos desenvolvidas do território nacional.

CARNE NA TRIPA

Lembrei-me, ontem, dos tempos em que, na casa de meus pais, se faziam chouriços. Havia uns grandes alguidares de barro, que já em períodos distantes, quando «moravam» na aldeia dos meus avós, serviam ao domingo de banheira para todos os pequenos da casa. Enchiam-se de carne magra, que é como quem diz, cortada aos bocadinhos, trefa de que todos nos ocupávamos, à noite, quando nada havia que fazer e a batida do rádio estava descargada e não se percebiam muito bem as notícias da guerra que o meu pai e um cantoneiro escutavam, em doentio silêncio.

Voltando ainda a esse tempo, lembro-me que a minha mãe usava um pequeno funil de folha-de-flandres, através do qual a carne passava para a tripa. E para mim,

que ainda mal conhecia as primeiras letras, era um regalo ver aumentar o enchido, torce-se, tomar os mais estranhos movimentos que, presentemente, talvez classificasse de pornográficos.

Depois, acontecia muitas vezes, a minha mãe, com uma comprida agulha, furava os futuros chouriços «para tirar o sangue» — dizia. E como eu gostava de ver «encher a tripa» e apanhar, de quando em quando, com um facto de líquido vermelho pelo nariz!

Tudo isto me veio ontem à memória. Eu senti-me também um dos tais bocadinhos de carne ao passar pelo estreito funil de uma porta para encher uma das longas e extensas tripas metálicas que se alinhavam, tal como as outras, sujas e mal cuidadas. E depois, lá dentro, sentia cada vez mais os

dedos opressores recalçando, recalçando, tentando meter mais um bocadinho de carne, já sem o sangue, que ficara cá fora, num recipiente de vidro com um buracinho emoldurado de metal.

E era um «encher» de tripa cada vez maior, cada vez mais intenso. Um acumular de carne, que corria o risco de, à semelhança do que acontecia à minha mãe, se tornar moída, embora a tripa, metálica e forte, não estivesse em perigo de reventar.

E cada vez se enchia mais a tripa.

Mas onde foi que isto aconteceu? Ah! Já sei! Eu ia para casa, no comboio, como todos os dias.

ENCARNAÇÃO VIEGAS

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

ITAU
INSTITUTO TÉCNICO DE ALIMENTAÇÃO HUMANA

GABINETE DE INVESTIGAÇÃO E PEDAGOGIA
 direcção de JÚLIO ROBERTO

CURSOS DE ALIMENTAÇÃO RACIONAL

ESTÃO ABERTAS AS INSCRIÇÕES
 INFORMACOES: Na Av. da Republica, 46-A, r/c-Esq.
 LISBOA — Telef.: 763307 - 763201 - 763283

Os prisioneiros de Hanói e a Convenção de Genebra

(Continuação da pág. anterior)

ndo em Genebra, que remediou esta omissão. Os prisioneiros processados, presumidos inocentes — segundo o princípio fundamental do Direito Penal — até à declaração de culpabilidade, deviam beneficiar do estatuto de prisioneiro até à sentença condenatória definitiva. Mas o comité de técnicos governamentais, nomeadamente sob a influência das potências anglo-saxónicas, aceitou apenas que o benefício da convenção fosse mantido até ao momento em que se verificasse a inculpação «prima facie». Quando da 16.ª Conferência Internacional da Cruz Vermelha de Estocolmo, o C. I. C. V. retomou o seu projecto inicial, apoiado, em especial pela U. R. S. S. A 16.ª conferência decidiu ir além disso e propôs que se mantivesse para os prisioneiros o benefício da convenção mesmo depois da sua condenação definitiva. Tal é a origem do artigo 85.º, inserido na nova convenção sobre os prisioneiros de guerra pela conferência diplomática de 1946 (6). É incontestável que o art. 85.º constitui um progresso. Supõe outros progressos, no domínio das armas e dos métodos utilizados na condução das operações armadas, progressos, que ainda não foram realizados. Contudo, a sua aceitação pura e simples não nos parece condição *sine qua non* da participação de um Estado na convenção sobre os prisioneiros de guerra. O art. 85.º prevê uma situação excepcional. Os Estados, partes na convenção, podem não se julgar em condições de conceder o estatuto de prisioneiros de guerra aos prisioneiros, demandados, depois condenados, por crimes de guerra. O fim não é o de retirar a esses acusados as garantias de Processo Penal reconhecidas por todos os Estados civilizados, nem o de ir contra o princípio fundamental da presunção de inocência. Trata-se, pois, acima de tudo, de sublinhar, tanto para os Estados como para os combatentes, as suas obrigações e de os incitar a não utilizarem a tortura, os tratamentos aviltantes e a não executarem pessoas desarmadas e não combatentes, a não efectuarem bombardeamentos sem ressalvar as populações civis.

A rejeição, sob a forma de ressalva, do art. 85.º permite que um Estado preencha, pe-

lo seu direito interno, as lacunas do Direito Internacional humanitário, que não proíbe a utilização de armas (napalm) e certos métodos (destruição sistemática da vegetação, bombardeamentos aéreos de zonas habitadas, sem prévia advertência) condenados pela consciência universal. Um tal objectivo está em conformidade com as preocupações do C. I. C. V., que se esforça por obter «a reafirmação e o progresso das leis e costumes aplicáveis aos conflitos armados».

(7). Nas vésperas da 25.ª Conferência da Cruz Vermelha, em Istambul, o C. I. C. V. dava o seguinte exemplo à imprensa: os soldados sabem que a execução deliberada de mulheres e de crianças é um acto odioso, mas um avião pode deixar cair bombas, que irão matar homens, mulheres e crianças sem discriminação. Se o avião é abatido e se a tripulação sobrevive, esta pode pedir a protecção da convenção de Genebra sobre os prisioneiros de guerra. Com efeito, não existem regras universalmente reconhecidas a observar pelas tripulações de um avião, a fim de pouparem os civis (8).

A validade da ressalva formulada por um certo número de Estados, entre os quais a U. R. S. S., que exclui o art. 85.º — e, portanto, o estatuto de prisioneiros de guerra — em caso de condenação definitiva, não foi posta em dúvida. Em nosso entender, a mesma conclusão se impõe, se a ressalva exclui a aplica-

ção do art. 85.º em caso de procedimento judicial ou de inculpação.

(1) «Revue Internationale de la Croix Rouge» (1966, n.º 359, 363).

(2) Opinião consultiva da C. I. J. sobre as ressalvas à convenção para a prevenção e repressão do crime de genocídio (1951), «Recueil», pág. 15, art. 19.ª da Convenção de Viena sobre o direito dos tratados (1969).

(3) «The Geneva Convention and the treatment of prisoners of war in Vietnam», 80. Harvard Law Review (1967), 851, pág. 866.

(4) Henri Meyrowitz, advogado. «O direito da guerra no conflito vietnamita», «Annuaire français de Droit International» (1967), 153, pág. 197.

(5) Supremo Tribunal dos E. U. A.: Yamashita, 327 US 1; Tribunal de Cassação Francês, 24 de Julho de 1946; Tribunal de Cassação dos Países Baixos, 12 de Janeiro de 1949; Tribunal de Supremo de Cassação Italiana, 28 de Outubro de 1950.

(6) Seguimos a história de Pictet, membro do C. I. C. V. e director-geral encarregado das questões jurídicas nos seus comentários, vol. III, pág. 439-440, H. S. Levie («Maltreatment of prisoners of war in Vietnam»), 48 Boston University Law Review (1968) relata diferentemente o parecer da comissão de técnicos (p. 346). Mas não temos nenhuma razão para pôr em dúvida a informação de Pictet.

(7) Segundo a fórmula de Pictet (relatório de actividade de 1969, R. I. C. V., 1969 pág. 65, (8)).

(8) O «Times» (Londres), 9 de Setembro de 1969.

ULTIMO ARTIGO:
UM PROBLEMA
DE «RECIPROCIDADE»

DE ONTEM PARA HOJE

AS VIAGENS DE QUINHENTOS

O ministro da Marinha presidiu ontem, no Museu da Marinha, a conferência do comandante Teixeira da Mota sobre «A Viagem de António de Saldanha, em 1503, e a rota de Vasco da Gama no Atlântico Sul». A seu lado os almirantes Ramos Pereira, director do Museu, e Sarmento Rodrigues, antigo ministro. O comandante Teixeira da Mota falou dos ventos do Atlântico, daqueles ventos contra os quais se não pode navegar como os povos não podem caminhar contra os ventos da História, e da ignorância que deles manifestava Américo Vespúcio nos seus escritos. Referiu-se ao traçado que da viagem de Vasco da Gama fez Gago Coutinho na sua memorável polémica com o académico José Maria Rodrigues. Teixeira da Mota apresentou documento inédito em que se corroboram as opiniões de Gago Coutinho. Nesse documento se esclarece a rota entre S. Tomé e o Cabo. E depois: «O relato não indica as razões por que, na proximidade do cabo das Palmas, rumaram para dentro do golfo da Guiné em vez de se fazerem na «volta do Brasil», mas a consciência de que o deviam ter feito sugere que foram forçados a isso, talvez devido a condições meteorológicas adversas. De S. Tomé decidiram, finalmente, navegar para o cabo de Lopo Gonçalves, a ganhar barlavento, e daí foram, com dificuldade, um pouco mais ao sul, ao cabo de Catarina, de onde se lançaram para oeste e sudoeste, numa imensa «volta do mar» em que atingiram a elevada latitude austral de 40º e 30º (no limite norte dos icebergs), só passando o cabo da Boa Esperança depois de andarem três meses sem verem terra, tendo morrido e adoecido muitos tripulantes. A relação revela, ainda, que o pólo austral era referido pelos pilotos através do Cruzeiro do Sul, isto apenas três anos após as observações de Mestre João na armada de Cabral, o que é indicio de que ele já seria antes correntemente observado pelos marinheiros no golfo da Guiné. Para rematar, a relação anónima, agora estudada, comprova a impossibilidade prática em levar naus para a Índia ao longo da costa de África, demonstra a sabedoria da rota genialmente inaugurada por Vasco da Gama e fornece amplo testemunho do acerto das conclusões dos estudos de Gago Coutinho em tal matéria.»

ACADEMIA

DAS CIÊNCIAS

Reuniu-se ontem a Classe de Ciências da Academia, tendo o prof. António da Silveira evocado a memória do grande físico Max Born, laureado Nobel. Depois o prof. António de Almeida fez uma comunicação sobre «As presenças eutotónicas portuguesas no Brasil».

TRÊS DIAS E TRÊS NOITES

Três dias e três noites esteve na ponte do comando o capitão do navio alemão «Alioth», sr. Max Albert Gamber, de 54 anos. Sem dormir noite e dia esteve no seu posto, no Atlântico, em tempo de desfecho. O navio baloiçava nas ondas e o comandante não abandonou o pos-

INVERSÃO DE MARCHA

Descerá o viaduto da auto-estrada do Estoril e parou ao começo da Av. Duarte Pacheco um carro guiado pelo sr. eng.º Joaquim Ramos Telhada, de 50 anos, morador na Rua Nicolau Coelho, 16. Depois foi inverter a marcha, não se sabe porquê, em sitio onde o não podia fazer. Veio outro lauro que o apaixonou em cheio. O carro ficou quase destruído e o eng.º Ramos Telhada deu entrada, muito ferido, no Hospital de S. José.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da República recebeu os srs. eng.ºs Rogério Martins, secretário de Estado da Indústria, com o sr. eng.º Torres Campos, director-geral dos Serviços Industriais e director do Instituto Nacional de Investigação Industrial; almirante Armando de Rôboredo e prof. dr. Teixeira Pinto, deputado; os componentes da comissão organizadora do VI Congresso Internacional de Asmologia; e os elementos da administração do grante.

ora diga-nos...

Já alguma vez dormiu ao relento?

Há muitas formas de dormir, como diria o sr. de La Palisse. Há quem durma tranquilamente, entre lençóis de linho (embora não se perceba muito bem como é que em certas condições se pode dormir tranquilamente...) e há quem durma intranquilamente, entre lençóis de estopa e até sem lençóis. A pior forma de dormir é ao relento.

● O primeiro entrevistado, o jovem Alberto Cristiano Gaspar, de 15 anos, serralheiro mecânico (25\$00 por dia), disse-nos:

— Nunca dormi ao relento, não senhor.

— Nem uma única vez?...

— Bom... Já dormi algumas vezes, mas na praia. Na Costa da Caparica... Apenas algumas horas.

O Cristiano fez-nos ainda mais algumas confidências acerca de dormidas fora de casa, que omitimos prudentemente...



dormiu ao relento. Declarou:

— Sim, já dormi ao ar livre. Quando era estudante. Tínhamos ido, eu e quatro colegas de Castelo Branco, a Évora (num carro a cair aos bocados). Era a noite de 1.º de Dezembro e ficámos debaixo das Arcadas, na Praça do Giraldo, conhece?

— Muito bem...

— Pois dessa noite nunca mais me esqueço. Acabámos numa padaria a comer pão mole. Lembrou-me de que a certa altura a porta se abriu e o padeiro perguntou:

«Gostam de mangarina, vocês?»

● Último entrevistado: um agente de leilões, Hermínio Mendonça, de 65 anos:

— Sim, já dormi ao relento, quando era miúdo. E tenho bastantes saudades desse tempo. Então fazia campismo. Gostava muito daquela vida: ar livre, saúde... Ainda hoje sou apaixonado da Natureza. Olhe, até sou vegetariano...

— Gostava de voltar à experiência do campismo?

— Oh, gostar, gostava... Mas já não tenho idade para essas coisas...



O «FRANCE» NA ALEMANHA

Desde a sua entrada em serviço em 1962 o paquete «France», tem obtido brilhantes resultados, o que levou a Cie. Generale Transatlantique a estender o seu campo de acção. Em 1970, fazendo escalas na Alemanha Federal. Assim, o «France» escalará por cinco vezes o porto de Bremerhaven nos dias 27 de Maio, 22 de Julho, 2 e 30 de Setembro e 28 de Outubro.

Esta decisão marca o interesse que aquela companhia presta à importância do mercado em potencial representado pela Alemanha Federal, pela Escandinávia e pela zona da Europa Central, bem como aos movimentos turísticos dirigidos a estas regiões por uma parte da clientela americana.



● José Correia Tavares, tenente miliciano, já

O caso do azeite lotado corrente

Ainda sobre o caso do azeite lotado corrente e a qualidade do produto que se encontra no mercado, recebemos dos nossos leitores sr. Albano Ferreira Fonseca e D. Rosário Carvalho, de Lisboa, as duas cartas que a seguir transcrevemos.

Diz o primeiro:

«Merece todo o aplauso a carta, publicada no cada vez mais actuante «Diário de Lisboa», de um leitor que analisa o problema relativo ao azeite lotado corrente, cuja venda foi proibida recentemente.

O lotado corrente, dada a acessibilidade do seu preço, proporcionava a milhares de famílias um produto com boas características, mantendo o paladar do azeite — produto tão do nosso gosto tradicional. Agora é o que efectivamente diz o sr. Rui Rodrigues; ou só temos azeite (caro) sem garantia de genuinidade ou óleos vegetais de outro tipo. Não há alternativa. Lotado corrente, azeite ainda assim, a cerca de 16 escudos é que acabou.

«Se quiséssemos ser anedóticos, poderíamos perguntar: porque não se interfere no sector de pastelaria, acabando também com as misturas? Assim, teríamos, por exemplo, o caso dos doces de nata. Ou se fariam doces de ovos puros (e caros) não misturados com farinha e pasta, ficando estas para bolachas ou nos deixam tranquilamente continuar a ir a Belém saborear o velho pastel de nata com a camela e

o açúcar que lhe quisermos pôr.

«Portanto, e concluindo: todo o meu aplauso para as considerações do «Diário de Lisboa» que levantou o problema».

Por sua vez, diz a nossa leitora D. Rosário Carvalho:

«Li no jornal que V. Ex.ª é muito digno director, uma notícia no dia 10 do corrente mês sobre o azeite lotado corrente e, achei as considerações do sr. Rui da Silva Rodrigues do maior interesse.

«Na verdade, acho que o assunto devia ser discutido, porque afinal, nós, donas de casa, de uma classe não muito abastada, estamos a pagar muito mais caro um produto que não nos garantem ser puro e que nem sequer é fiscalizado.

«Acho grande diferença na qualidade do azeite que agora estou a utilizar. Que haja azeite puro a um preço mais elevado, concordo, mas «puro», deixando uma possibilidade às donas de casa com menos posses de terem acesso a uma mistura que pelo menos saiba a azeite».

CASA DAS BEIRAS

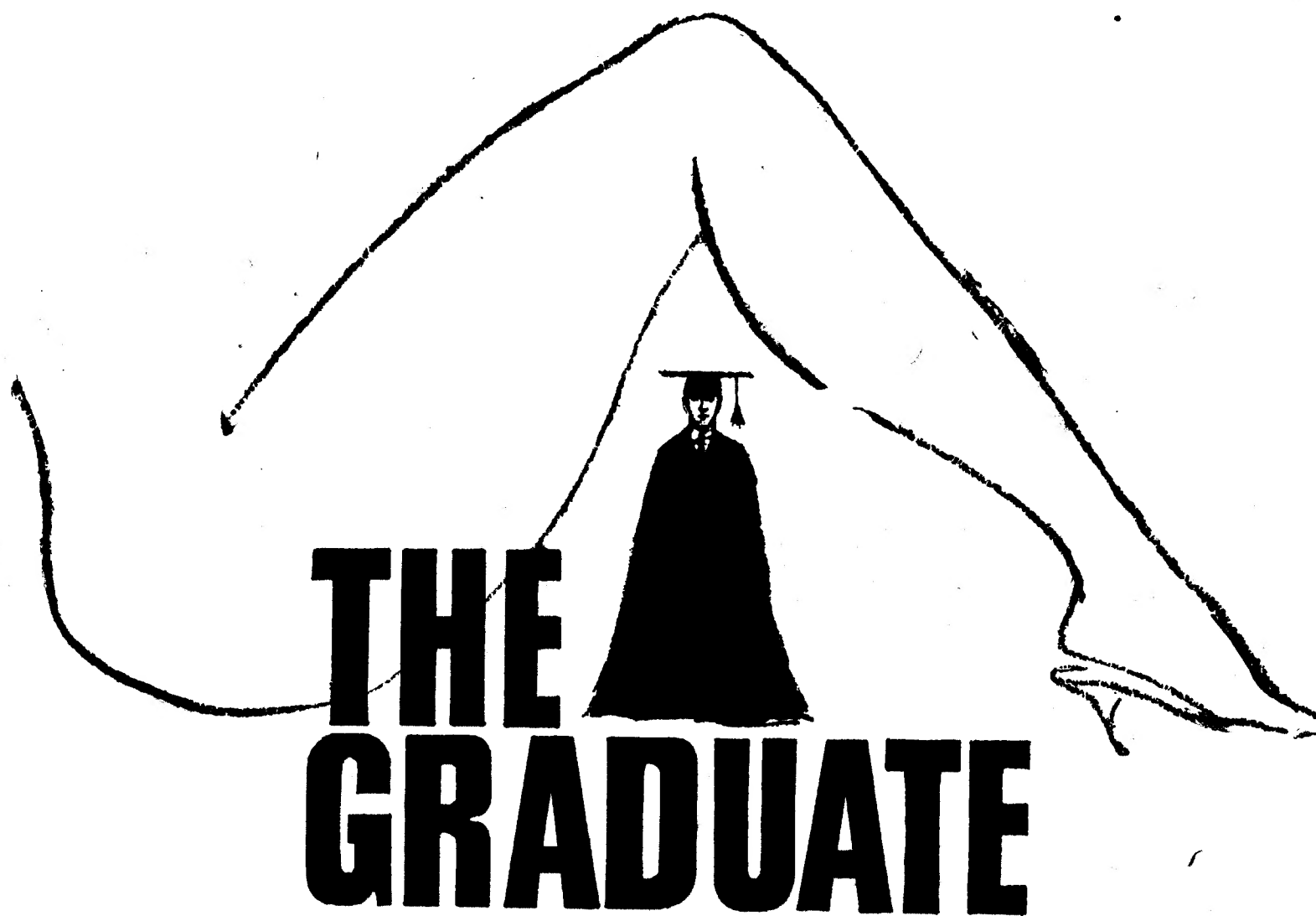
No dia 23, às 21 horas, decorre, na Casa das Beiras, a assembleia geral ordinária para a eleição dos corpos gerentes e apreciação do orçamento para este ano.

OSCAR PARA O MELHOR REALIZADOR

MIKE NICHOLS



UMA PEDRADA NO CHARCO DA HIPOCRISIA!



THE GRADUATE

A PRIMEIRA NOITE

ANNE BANCROFT e **DUSTIN HOFFMAN** · **KATHARINE ROSS**
argumento **CALDER WILLINGHAM** e **BUCK HENRY** canções **PAUL SIMON**
por **SIMON** e **GARFUNKEL** produção **LAWRENCE TURMAN**
realização **MIKE NICHOLS** **TECHNICOLOR® PANAVISION®**

HOJE ÀS 21.30

ESTREIA

DUM FILME

SENSACIONAL

**SÃO
JORGE**



ADULTOS

United Artists
Entertainment
Corporation

2 **A**
SEMANA

15.157 PESSOAS
VIRAM "A FLOR DO CACTO"
NO SAO LUIZ e NO ALVALADE
ESTÃO INCLUIDAS:

Pessoas que deixaram de fumar
Pessoas com dietas de 900 calorias
Pessoas com problemas no escritório
Pessoas com consulta marcada no dentista
Pessoas que não conseguiram estacionar o carro
Pessoas que só conseguiram bilhetes no contratador

Se "A FLOR DO CACTO" as fez rir...
pense então como o fará rir a SI!



UMA PRODUÇÃO FRANKOVICH

Ingrid Bergman Walter Matthau

A FLOR DO CACTO
CACTUS FLOWER

com Goldie Hawn

com JACK WESTON RICK LENZ VITO SCOTTI IRENE HERVEY I.A.L. DIAMOND ABE BURROWS BARILLET and GREY DAVID MERRICK
prod. de QUINCY JONES, prod. de M.J. FRANKOVICH, prod. de GENE SAKS TECHNICOLOR

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO CONDES E NO ROMA

Título: «Missão no Artico» (Lee Station Zebra).
Realização: John Sturges, 1968 (E.U.A.).
Interpretes: Rock Hudson, Ernest Borgnine, Patrick McGowan, Jim Brown, etc.

Esta é uma fita superpanavisionada, supermilimétrica, supermetrocromada, superestereofônica e superchata (de chato: que não tem relevo; liso; plano; baixo; rasteiro; vulgar; maçador, etc.), fabricada pelo superFraga americano John Sturges («que ninguém se engane: o grande Sturges é o outro, Preston», dizia o velho Sadoul quando já havia muito boa gente a peremptorizar que os «Westerns» do John é que eram bons...) e superestrelada pelo supercanastrão Rock Hudson e por outros superidém.

A superfita ora decorre no interior superexibido de um supersubmarino super-nuclear, ora nas superiluminadas profundidades oceânicas (sob supericebergs de superestruque ou tanto faz), ora na superfície de uma superaldrabada região polar onde há que levar a cabo uma supermissão supersecreta. O superestrambólico argumento (que nos enche de supersono) assenta num rolo de filme superprecioso que por ser superbilhoteiro registou imagens supercomprometedoras, o que põe as superpotências superenrascadas e supercobiosas de o obter em superexclusivo.

Após uma supertrapalha-
da de espões, agentes du-
plos, C. C. C. P. a despejar
para-quadistas e «marinês»
que estão ali para encher, ge-
ra-se entre russos mal enca-
rados e americanos anjolas
uma pequena guerra super-
fria (ou seja ártica) que
serve para provar, na super-
esperteza do realizador, ser
a «coexistência pacífica» uma
superfreta.

Tudo isto já nós supersa-
bíamos. Tudo isto já nós su-
pervivimos. Mas tudo isto a
superindústria cinematográ-
fica americana superinsiste
em fabricar, em exportar,

em impingir — na mira (e
no proveito, pois não!) do
superlucro. Como há sem-
pre superpúblico para estes
supermamarrachos, é de pôr
aqui um superponto final —
antes que fiquemos super-
zangados.

VITOR SILVA TAVARES

• NO EDEN

TÍTULO: «Comando Suicida» (Suicide Commando)

(Continua na pág. seguinte)

VASCO MORGADO APRESENTA SO PARA ADULTOS

HOJE, 2 SESSÕES
às 21 h. e às 23 h.

AR CONDICIONADO
TEATRO VILARET
o mais moderno e confortável de Lisboa



A ALEGRE E PICANTE COMÉDIA

OVISON VOADOR
COM

RAUL SOLNADO

lo Apoloni • Artur Se-
medo • Fernanda Bor-
satti • Vasco de Lima
Couto • Yola • David
Silva • Georgina Cor-
deiro • Rolando Alves
• Maria e a colaboração
de Maria Paula

UMAGARGALHADAPEGADA!

COLISEU

HOJE, ÀS 21.30
(Maiores 12 anos)

SENSACIONAL ESTREIA

GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO 1970

A COMPANHIA DO ANO NOVO

NÚMEROS DE SENSACÃO

ELEFANTES, URSOS, CÃES, JOCKEYS, ETC.

A MANHÃ

A TARDE, entrada gratuita às crianças até 10 anos
À NOITE, podem assistir crianças a partir dos 6 anos

Teatro Capitólio

AS 21.45 HORAS

O ORIGINAL PORTUGUÊS
DE ROMÉU CORREIA

«O CRAVO ESPANHOL»

Encenação de PEDRO LEMOS

Telef. 32 03 79

(M/ 17 anos)

Amanhã às 16 horas
Tarde a preços reduzidos

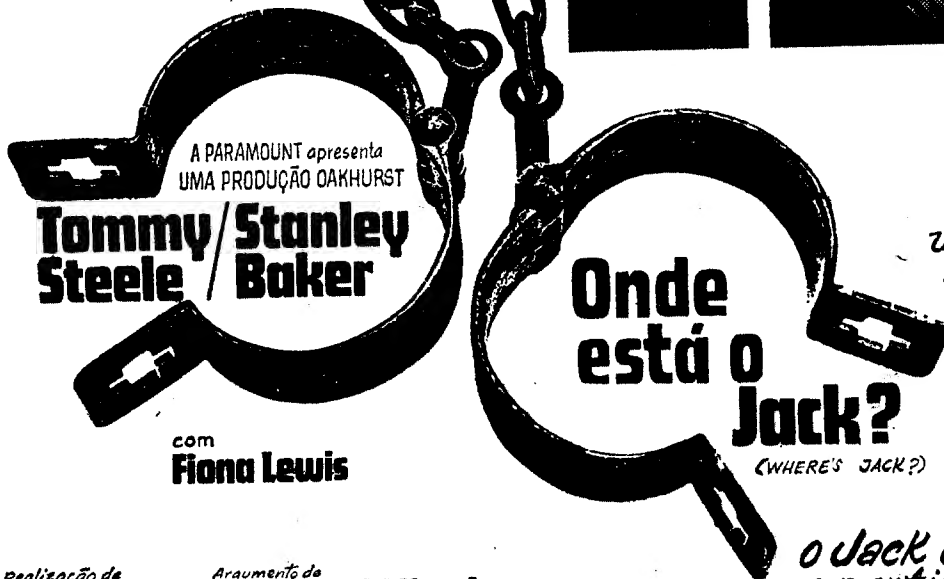
Em LAGOS o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no Café Por-
tugal.

QUEM É JACK?

TEMIDO PELOS REIS, ADORADO PELAS
CORTESÃS, IDOLATROADO PELO POVO.

JACK!

SALTEADOR, AVENTUREIRO,
APAIXONADO!



Uma balada por
Mary Hopkin

O Jack estará, HOJE
a partir de

no **EUROPA**

ÀS 21.30

Realização de James Clavell/Rafe e David Newhouse

Produção de Stanley Baker/Michael Deeley

ADULTOS

Um filme PARAMOUNT



• Hoje, às 20,45 e 23 horas
EM TRIUNFAL 4.º MÊS, A
COLOSSAL REVISTA DA GAR-
GALHADA

MARIA VITÓRIA



ESPERTEZA SALOIA

O triunfo de um ótimo elenco, com:
• SALVADOR • JOSÉ VIANA
• MARIEMA • BARROSO
• DORA LEAL
• VITOR MENDES • DINA MARIA
• CRISTINA CASSOLA
A ATRACÇÃO NACIONAL
• HELENA TAVARES

BARROSO LOPES
no «Apreciador da
Natureza»

A frente de uma grande companhia
DOMINGO: «MATINÉE», ÀS 16 H.

DISCOS

Estab. **MELODIA**

LISBOA - R. DO OARMO, 28
PORTO - R. DE S.ª CATARINA, 360
R. DE S.ª ANTONIA, 35

NO «TEATRO CAPITÓLIO»

«O CRAVO ESPANHOL»
DE ROMEU CORREIA

Encenação: Pedro Lemos;
cenário: Luís Suarez; **inter-
pretes:** Varela Silva, Rogé-
rio Paulo, Pedro Lemos, Ce-
cília Guimarães, Henriqueta
Maya, Rui Pedro, Carlos
Santos, João Lopes, Glória
de Matos, Luís Filipe, Luís
Pirnhão, Solos de guitarra:
Fontes Rocha, Sonoplastia:
Leonei da Silva.

O que nos agrada nesta
peça de Romeu Correia, como
no geral do seu teatro, é o
facto de o povo não ser para
ele um pretexto para fazer
poesia ou para fazer dema-
gogia mais ou menos folclo-
rística. As personagens que ele
traz para o palco reflectem
valores ou vivências bem
reais e autênticos.

O que me desagrada — de-
finitiva e irremediavelmente
— no espectáculo que o Teat-
ro Nacional nos deu com
este texto é o contrário dis-
so, ou seja, a tração que esse
espectáculo representa para
com ele. Tração que não é
só reflexo de tudo o que há
de postico e de inautêntico
no espectáculo, mas também
de uma profunda ignorância
dos valores estéticos e ideol-
ógicos em causa.

Que não teríamos uma en-
cenação criadora, ou recria-
dora, como compete a uma
encenação que o seja, não
seria difícil prevê-lo. O que
não poderia prever (apesar
de tudo) seria assistir a uma
reprodução mecânica e desin-
teressada, a uma leitura do
texto tão pobre e empobre-
cedora com a qual não só se
perderam as suas virtualida-
des como veio ao de cima o
que tem de menos conseguido
(por exemplo, uma certa
tendência para a chalacha fá-
cil). Não esperava que o en-
cenador conseguisse median-
te o indispensável exercício
de imaginação que todo o
teatro pressupõe e que um
texto como este reclama, criar
o espectáculo vivo, de caracte-
rísticas populares, que aque-
le potencializa (como é óbvio
numa leitura de leitor) —
mas esperava, pelo menos
aquele mínimo de qualidade
que não nos envergonha, aque-

le mínimo de inteligência,
aquele mínimo de subtiliza-
sem os quais não se ultrapasa
o nível do (mau) teatro
de amadores. Mas, começando
por uma encenação cuja con-
cepção, se existiu, carece da-
quele mínimo de coerência
que se deve pedir; prosse-
guindo com um cenário em
que os elementos que definem
a acção (de um mau gosto

direito de exigir que o di-
nheiro que se gasta seja gas-
to com aquele mínimo de pro-
veito que pode proporcionar.

Falei de encenação mas a
verdade é que não sei como
ainda hoje se pode encenar
como se encena no Nacional:
Cecília Guimarães está de cos-
tas para o publico e tem que
bater com a mão na barriga;
dá meia volta para que o pu-
blico veja; a moração faz-se
à boca da cena, horizontal-
mente; onde o autor publica
«No início do espectáculo há
objectos de feira espalhados
(...) que dão cor e clima ao
local e à fauna que o habita»
— vêem-se as coisas muito
arrumadinhas nos seus sítios
como se houvesse receio de
os estragar, não dando nem
cor nem clima nenhuns; co-
locam-se duas personagens a
um canto a travar um diálo-
go fundamental na acção da
peça enquanto o centro do
palco é ocupado por outros
actores representando e con-
tando, consequentemente, a
atenção do mais importante.
Não se encontra uma linha
de encenação e muito menos
de interpretação. Não se ob-
teve o necessário compromis-
so entre um teatro realista
e um teatro de robotos —
que é aquilo que o texto pe-
de, um texto que está sempre
entre a «cégada» e o «quoti-
diano». Compõe-se uma per-
sonagem — o Escriturário —
precisamente ao contrário do
que a peça pede, um poeta
popular não uma persona-
gem de Tchekhov. Fazem-se
arbitrariedades no que diz
respeito ao guarda-roupa (ve-
ja-se, por exemplo, o efeito
do vestido de Miló com as
cortinas no 2.º acto). E como
se pode aceitar que se re-
presente como Luís Filipe,
Carlos Santos ou Pedro Le-
mos? A meu ver, aliás, na

interpretação só Henriqueta
Maya e, por vezes, Cecília Gui-
marães deram aquilo que as
personagens pediram. Mas
deram-nos, estou certo, graças
ao seu próprio esforço, ao seu
próprio entendimento dos res-
pectivos papéis. O «Miguel»
de Varela Silva não consegue
sequer comover-nos, não obsta-
nte tratar-se de uma perso-
nagem humana e teatral-
mente muito rica. (Varela Sil-
va não está atento é umas
vezes manca, outras vezes,
não manca). Rui Pedro, num
dos papéis principais, só na
cena da declamação consegue
expressar alguma coisa. Luís
Pirnhão e João Lopes conse-
guem manter uma certa me-
diocridade.

E, por falar em papéis,
quando darão um papel a
Glória de Matos que continua
a gastar o seu tempo em per-
sonagens — como esta «Es-
treia» — sem interesse nem
significado? E que mal teria
ela feito para a vestirem da
quele maneira?

Como já vai sendo hábito,
aliás, salutar, pateadas acom-
panharam as ovações dos fi-
nais de acto e do fim do es-
pectáculo. Infelizmente, estas
pateadas levantam vários
equivocos que convém desfa-
zer. O primeiro dos quais é
dar certa importância ao que
apenas merece o nosso silêncio
(ressalvai acima o que está
fora disto). Que haja, tam-
bém, pessoas que se levantam
e dão «bravos» — é um di-
reito que não se pode recusar-
lhes. Embora, evidentemente
não saibam o que estão a fa-
zer e ajudem a perpetuar um
lamentável estado de coisas
de que é vítima o nosso infe-
liz teatro.

CARLOS PORTO

UMA FARSA-
-TRÁGICA

Romeu Correia nasceu
em Almada, em 1917.
Tem-se dedicado ao ro-
manço e ao teatro. Escre-
veu: «Sábado sem sol»
(contos); «Trapo azul»;
«Calamento», «Gandaia»;
«Desporto-Rei», «Boncos
de Luz» (romances); «Ca-
saco de fogo», «O vaga-
bundo das mãos de ouro»;
«Jangada», «Bocage»;
«Amor de Perdição», «Sol
na Floresta», «Laurinda»;
«Céu da minha rua»
(teatro).

☆
«Em síntese direi que
se trata de uma farsa-
-trágica, conflito de amor
e de frustração, inspira-
da nas cégadas carnava-
lescas que recordo dos
anos vinte. História pica-
resca, com muito sal do
Povo, dialogada numa
linguagem directa e rude,
sem papas na língua, co-
mo acontecia nos espec-
táculos de rua desses tem-
pos.»

ROMEUE CORREIA

efetivo: basta ver aquela ár-
vore) e os objectos que a ha-
bitam estão perfeitamente er-
rados, terminando numa in-
terpretação que não foi diri-
gida e que está na maioria
dos casos fora das persona-
gens — e que encontramos
neste espectáculo da que de-
via ser a nossa primeira com-
panhia de teatro. Deixo a per-
gunta em suspenso mas é
evidente que todos temos o

mando Suicida» é, simulta-
neamente, um dos mais des-
carados e um dos mais con-
seguidos. Entenda-se, porém,
e desde já (para que não
restem dúvidas a ninguém)
que a fita é um espectáculo
grotesco de violência a mé-
tro para encher o olho do es-
pectador incauto. O esquema
é o mesmo de sempre: meia
dúzia de «desesperados» que
são lançados no interior do
III Reich para aí irem des-
truir um qualquer quartel in-
migo, cuja importância estra-
tégica seria decisiva para o
futuro avanço das tropas
aliadas. Em «Comando Suicida»
o objectivo é um aereo-
porto de «caças» alemães,
mas para o facto tanto fazia,
pois há sempre mil quatro-
centos e oitenta e sete ob-
jectivos decisivos a partir dos
quais se «transformou» o curso
da História.

Mas a receita poderia ser
tragável caso não estivesse
visceralmente impregnada de
uma mentalidade violenta,
verdadeiramente intolerável.
Ora, «Comando Suicida» é um
produto envenenado.

L. A.

CINECLUBISMO

O ABC Cineclub de Lis-
boa tornou publico o seu pro-
grama de actividades para o
presente mês de Janeiro. As-
sim será exibido hoje no Ci-
nema Lys, pelas 18 e 40, o
filme de Richard Wilson «Al
Capone»



Daniel reaparece no mer-
cado discográfico em qua-
tro composições com mu-
sica de sua autoria inclui-
das num 45 rpm para a
«Estúdio». Trata-se de
«Meu povo» (letra de Cé-
sar Pratas), «Se eu tives-
se um chicote» (Miguel
Bernardes), «Ceifeiro»
(Manuel Ribeiro Santos)
e «A tua mão chora»
(com poema do próprio
Daniel)

No próximo dia 23, poderá
assistir-se à projecção do
clássico de Raoul Walsh «Fu-
ria Sanguinária», com James
Cagner e Virginia Mayo.

No dia 30 será a vez de
«Perseguição Impiedosa», pe-
lícula de rara violência, diri-
gida por Arthur Penn, o
autor de «Bonnie e Clyde».

Também o ABC Cineclub
(que tem a sua sede na Rua
de Conde Redondo, n.º 20, 3.º
dt.º), levará duas sessões in-
fantis destinadas aos filhos
mais jovens dos seus asso-
ciados, e que terão lugar na
sede nos dias 17 e 24.

ASSEMBLEIA GERAL

No próximo dia 20, pelas
20 e 30, na Sociedade Nacio-
nal de Belas-Artes, e nos ter-
mos dos seus estatutos, efec-
tuar-se-á a assembleia geral
dos associados, para eleição
dos novos corpos gerentes
do Cineclub de Lisboa para o
ano de 1970.

IMPRENSA

«Ecos de Belém»

Entrou no 38.º ano de pu-
blicação o quinzenário «Ecos
de Belém», rigoroso defensor
dos valores e interesses baír-
ristas, que tem como direc-
tor o sr. Custódio Baptista
Vieira. Apresentamos-lhe e
aos seus colaboradores as
nossas felicitações.



João Vasco, Santos Manuel e Luís Lello numa cena da
peça «Antepassados, Vendem-se»

«ANTEPASSADOS, VENDEM-SE»

- ESTREIA HOJE EM CASCAIS

No «Gil Vicente», de Cas-
cais, estreia-se hoje, às 22 ho-
ras, a peça de Joaquim Paço
d'Arcos «Antepassados, ven-
dem-se» — peça em um acto
e treze quadros, cuja acção
decorre num período indeter-
minado, que vai de meados
do século XIX aos nossos dias
e, paradoxalmente, num pe-
ríodo breve da vida de Gugú,
para nos descrever «a trajetó-
ria de uma família portu-
guesa, que encerra, e como
que sintetiza, a trajetória da
sociedade portuguesa, e, im-

plícitamente, a evolução so-
cial-universa».

A encenação é assinada por
Carlos Avilez e a interpreta-
ção está a cargo de Vítor Ri-
beiro, Fernanda Coimbra, Zita
Duarte, Carlos Paulo, João
Vasco, Santos Manuel, Luís
Lello, Constança Navarro,
António Anjos, Elisa Lisboa,
Ana Leiria, Mário Viegas, Gui-
lherme Antunes, Luís Cer-
queira, António Marques, Vi-
cente Batalha e Vítor de
Sousa.

LUIZ FRANCISCO REBELLO
REPRESENTADO EM ITÁLIA

A peça em um acto de
Luiz Francisco Rebello, «O
dia seguinte» acaba de
ser estreada em Itália, pe-
la Companhia do «Teatro
Stabile Reggino», no Teat-
ro Rendano, de Reggio,
na Calábria. No mesmo
programa com que aquela
companhia inaugurou a
sua temporada, foram re-
presentadas mais as peças
em um acto «A patente»,
de Pirandello, e «O canto
do cisne», de Tchekov.

«O dia seguinte» foi pu-
blicado, há cerca de um
ano, na conhecida revista
de teatro «Il dramma» (de
cujo conselho director fa-
zem parte alguns dos maio-
res nomes da dramaturgia
contemporânea) em tradu-
ção de Arrigo Repetto e
com o título «Il giorno do-
po». Foi esta a versão uti-
lizada pelo «Teatro Stabi-
le Reggino», que vai apre-
sentar o espectáculo agora
estreado em diversas cida-

des da Calábria (Catanza-
ro, Palmi, Crotona, Castro-
villari, Vibo, Valentia), e
ainda em algumas das
principais cidades italia-
nas, como Roma, Milão,
Bari e Pesaro.

Noite de «Jazz»
no «Hot-Club»

Logo á noite, pelas 22 ho-
ras, na sede do Hot-Club de
Portugal (Praça da Alegria,
38), decorrerá a «2.ª Noite de
Jazz 1970», iniciativa da ac-
tual direcção daquele clube.
Participarão, entre outros, o
trio de Kevin Hovdale, os
conjuntos do «Hot-Club» e
«Bossa Jazz 3», Rui Ressur-
reição, Vasco Henriques e
Thilo Krassman. O numero
de entradas é limitado: quem
chegar depois da hora, amri-
ca-se a ficar á porta...

PRIMEIRAS
EXIBI-
ÇÕES

(Continuação da pág anterior)

REALIZAÇÃO: Camilo
Bazzoni, 1969 (Itália)
INTERPRETES: Aldo
Ray, Gaetano Cima-
rosa, Hugh Sangar-
Smith, Luís Davilla,
Manuel Zarzo e Pa-
mela Tudor

Após o êxito comercial de
«Doze Indomáveis Patifes»,
que Aldrich dirigiu com a
costumada eficiência, muitos
têm sido os plágios mais ou
menos descarados, mas os
menos bem conseguidos. «Co-

MIRENE CARDINALI
E CARLOS BELO

Na próxima segunda-feira
a Emissora Nacional manda
celebrar, na Igreja de São
Mamede, missa do trigésimo
dia por alma dos artistas Mi-
rene Cardinali e Carlos Belo.
Também no mesmo dia a
estação oficial transmite (às
15 e 10) um programa inte-
gramente preenchido com in-
terpretações de Mirene.

BAILE

do Liceu Passos Manuel
no Espelho de Água
com os conjuntos
«ZOO» e «BEATNIKS»
Amanhã às 21.30 horas

Teatro
Maria
Matos

AV. FREI MIGUEL CONTREIRAS
(à av. ROMA) TELEF. 717017

(Maiores de 17 anos)
50 ATE DOMINGO
HOJE ÀS 21.45
Sábado e Domingo à tarde
e à noite
a preços baixíssimos
Balcão: 10\$, 25\$ e 50\$
Plateia: 30\$, 40\$ e 50\$
a peça de
AQUILINO RIBEIRO

TOMBO
NO INFERNO

Dirigida por
IGREJAS CAEIRO
BREVEMENTE
em teatralização de
Sttau Monteiro e Artur Ramos
«A RELIQUIA»
de EÇA DE QUEIROZ
(Adultos)
Bilhetes à venda

MANUEL DE LIMA RESPONDE A CARTA DE FRANCINE BENOIT

Do escritor e crítico musical Manuel de Lima — que respondeu ao nosso inquérito de fim de ano, sobre os aspectos mais negativos da música de 1969, a propósito da cuja resposta ontem publicámos uma carta de Francine Benoit — recebemos também uma carta, que é do seguinte teor:

«É apenas por um dever de ética elementar, infelizmente nem sempre respeitado, entre nós, e que se resume, tão só, a responder a quem se nos dirige, que eu venho rogar a V. para inserir esta minha breve resposta a Francine Benoit. O fim desta carta é, portanto, declarar que tomei conhecimento da censura de que fui objecto por parte da Ilustre musicista.

Ressalvando a consideração que é devida a quem tem a trás de si uma extensa actividade tanto de crítica, como de professora de música, penso dever usar do direito que julgo me assistir de não concordar com a sua acusação de eu me ter pronunciado levemente.

As minhas considerações enquadram-se num ponto de vista colectivo, hoje muito generalizado, com o qual tento identificar-me e que, quer-me parecer, aplicado aqui poderia oferecer subsídios para uma transformação da estrutura social da nossa música, nas bases de uma propozição não autoritária.

Não foi, por conseguinte, levemente mas por me parecer oportuno que apresentei algumas ideias que têm sido centro de discussão em vários pontos do globo onde a música tem características comuns. De resto, as minhas declarações (e não desabafos) obedeceram á questão que me foi apresentada sobre o que eu entendia como dados negativos na música, a salientar no ano findo. Referi aqueles que me pareceram não só mais evidentes, como mais emperrantes no interior de uma classe que, se quiser subsistir nos tempos actuais, terá de encarar os problemas presentes da política e administração da música. Antes disso nunca terá possibilidades de exercer as funções da sua interdependência com todos os grupos culturais e insti-

tuições afins, que lhe pertencem.

Entramos aqui no capítulo dedicado aos componentes organizadores, e mediadores, referidos nas minhas simples

considerações do fim de ano, muitos dos quais, mormente entre nós, exercem outras actividades, quer sociais e distanciadas dos interesses da profissão musical, quer pro-

fissionais á margem da música e que, por esse motivo, o mais que podem fazer é conseguir conservar artificialmente um sistema nominal em detrimento das se-

guintes incidências bem co-corporação social na actualidade de todos os que es-dade; o mercado especulativo os problemas do con-de trabalho; as condições da «sensação da musi-prévias artísticas; e as condições: a evolução histórica da dições prévias económicas «classe» músicos; a sua in-do presente.»

O ASSUNTO É DINHEIRO?!

EMISSION ESPECIAL DE «TELE-RITMO»

Depois de amanhã, o programa «Tele-Ritmo» assinala a conclusão da sua 1.ª série, com uma retrospectiva dos momentos que alcançaram maior êxito entre a crítica e o público.

Assim, vão desfilar nesta emissão especial: «Ballet» Hungaro — Bilhari Janos, prof. Martinho d'Assunção, Margaret Savage, «Ballet» de Fernando Lima, Duo Orpheu, «Consortium», «Los Indios», «Ballet Filipino Donrado Dancers», «The Wallace Collection», Zizi Jeanmaire, «Ballet» Sul Americano, «The Foundation», Philippe Brunna, Duo N'Gola, O Rancho Tá-Mar da Nazaré, Barata Moura, Simone, O guitarrista Carlos Paredes, com Fernando Alvim á viola, Rika Zarai, Mike Kennedy, Annie Fratellini, Dalida, Antoine, Ellana Pitman.

Apresentação de Henrique Mendes, chefe de produção Mello Pereira, cenografia de António Casimiro, realização de Luís Andrade.



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

O PERFIL DAS PROAS (conclusão)

UMA «BOMBA» DE PLÁSTICO NA CONSTRUÇÃO NAVAL

A transformação da madeira em barco parece condenada nos pequenos estaleiros. Atenção, mestre Brites! Atenção, Zé Manel! As matérias-primas vão sendo outras no decorrer dos anos.

No decorrer dos dias. Hora a hora... Os tempos são outros — e há já muitos séculos que as naus portuguesas desbravaram os mares. Estamos em Janeiro de 1970 e o homem já pisou a Lua.

da. Mas as pessoas ricas não são um campo de trigo: são poucas.

— E se o estaleiro tentasse um programa de vendas destinado a classes menos abastadas? O empregado bancá-

«Tudo muito em baixo»

Ouçamos Manuel dos Santos Parracho, encarregado do estaleiro Crismar, de propriedade dos irmãos Quina:

— Isto vai muito mal. Está tudo muito em baixo. A Crismar tem quatro anos de existência e, presentemente, dedica-se a reparação de barcos. As encomendas não abundam.

Exactamente: a indústria de construção naval (desporto e recreio) não está a progredir. Mau é o mercado nacional e a exportação não é suficiente. Que fazer?

Setecentos contos

— Calcule o senhor — diz-nos Manuel Parracho — que durante o último ano não construímos um só barco. Só reparações. Além disso, posso afiançar-lhe que desde que o estaleiro abriu não construímos mais de cinquenta barcos: JETS, GOLD-FINGERS, SAPIES, VACRENS etc. Destes últimos — VACRENS — ainda temos doze para venda... Sim, é gente rica quem os encomen-

Reportagem de PEDRO ALVIM

rio, o funcionário de seguros, o jornalista?...

— Não pega. Esses compram um automóvel a prestações. E até se compreende que assim seja...

Claro a tradição marítima (a nossa) não consegue passar a barreira das economias médias.

E Parracho acrescenta:

— De vez em quando lá aparece uma encomenda de peso. A maior, até hoje, foi a de um iate de meio cruzeiro. Quem o encomendou? O dr. Carlos de Melo Espírito Santo. Setecentos contos...

Uma nova torre de Belém

— Qual a razão da crise



«O plástico foi uma bomba na pequena construção naval»

cujos preços iam de 28 a 150 contos. Tentou a exportação, o fabrico em série. Os negócios, no entanto, não progrediram muito...

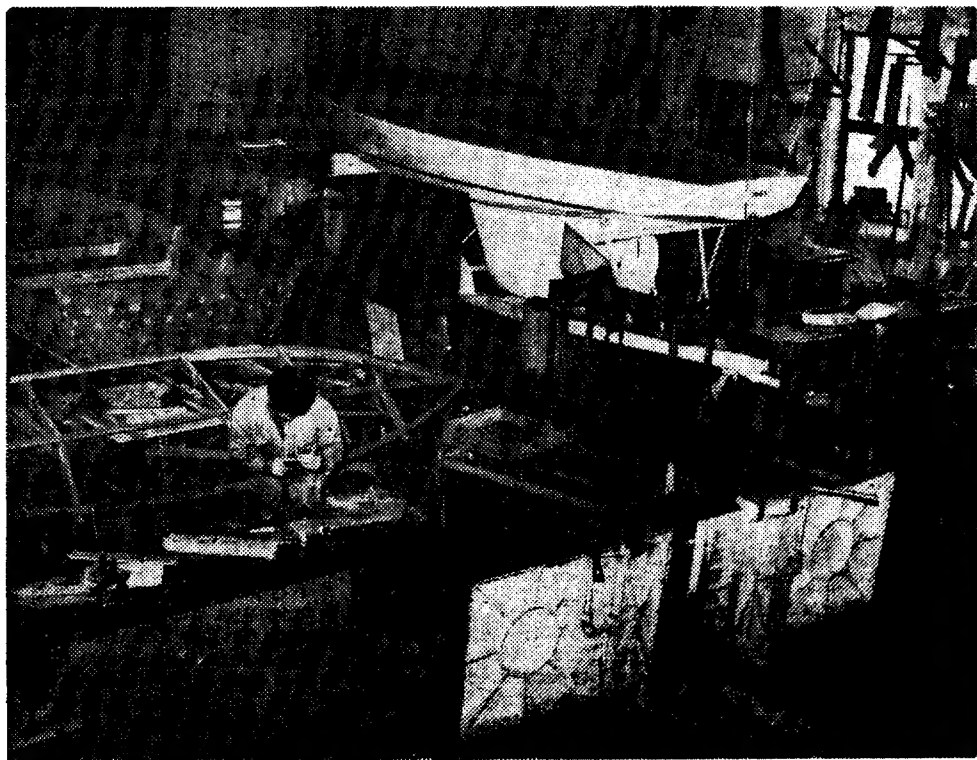
— Mestre Brites tem futuro, ali em Pedrouços?... — perguntou o repórter.

— Tanto como nós. Talvez sim, talvez não.

— E Zé Manuel, o que constrói barcos dentro da cidade?...

— Igualmente.

E perante os doze operários da Crismar (110\$00 de salário diário), o encarregado Parracho, encostado à



Dois homens trabalham, às 10 da manhã de 14 do corrente, na linha de montagem da Crismar...



«PSICOLOGIA DA NOVA GERAÇÃO»

Realizou-se, ontem, no Externato Conchinha, uma reunião de pais, com a colaboração do prof. dr. Barranquero Orrego, que falou sobre «Psicologia da nova geração». Estiveram presentes os drs. Amílcar Mesquita, deputado da Nação, e Mourão de Paiva, secretário do subsecretário das Corporações

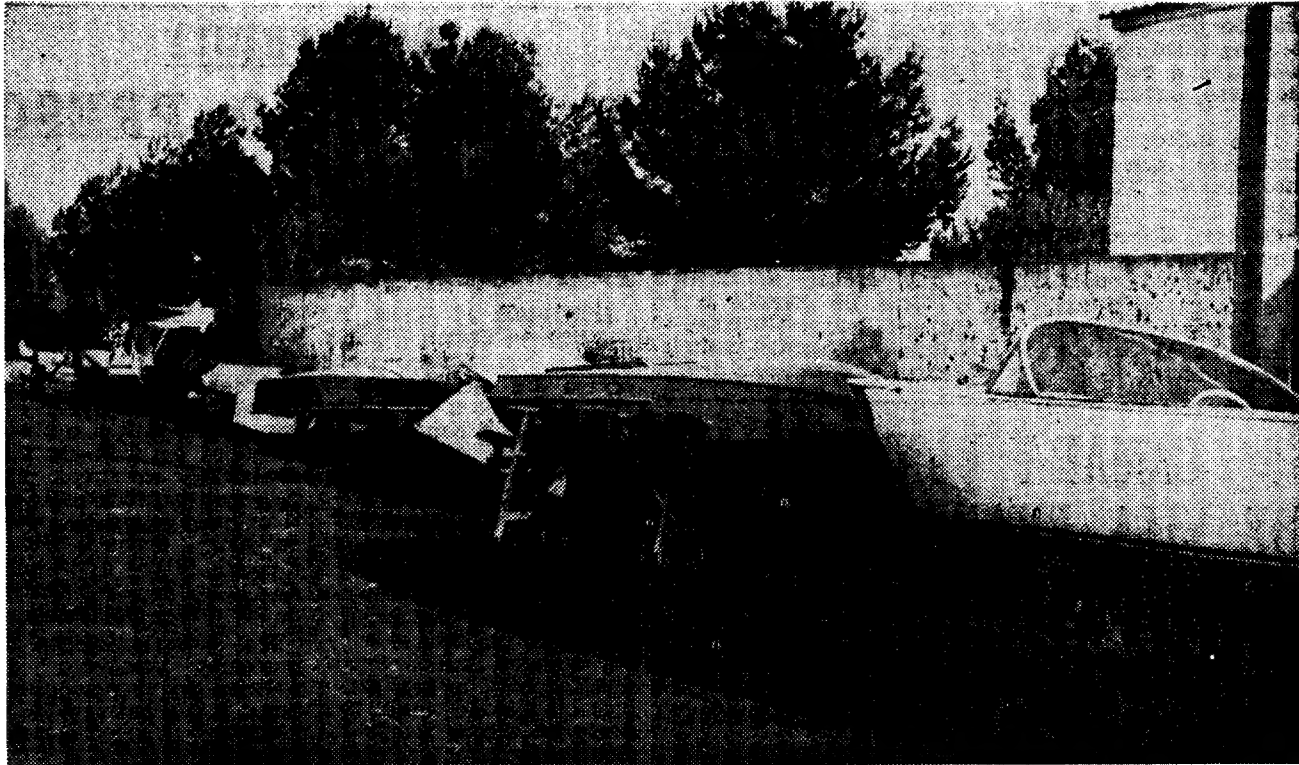
ANTÓNIO MARQUES DA SILVA MOREIRA

MISSA DO 1.º ANIVERSÁRIO

GARAGEM PARISIENSE participa que amanhã, dia 17, às 11,30 horas, na Igreja de Nossa Senhora de Fátima, no altar de Santo António, será celebrada missa pelo eterno descanso do seu saudoso proprietário e ente querido.

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.



Barcos aguardam reparação. «Mas reparação não mantém uma indústria...»

ANTÓNIO MARQUES DA SILVA MOREIRA

MISSA DO 1.º ANIVERSÁRIO

Sua mulher Lourdes da Conceição Nobre Moreira, filhos e mãe participam que amanhã dia 17, às 11,30 horas na Igreja de Nossa Senhora de Fátima, no altar de Santo António, será celebrada missa pelo eterno descanso de seu saudoso marido, pai e filho agradecendo a quem se dignar assistir a este piedoso acto.

nos barcos de madeira? Parracho explode:

— O plástico. O plástico foi uma autêntica bomba na construção naval. Já se podem importar todas as peças que constituem uma embarcação... Se tivéssemos uma indústria de plásticos de grandes proporções, os estaleiros talvez se aguentassem. Mas assim...

A Crismar, segundo o encarregado, construiu barcos

proa de um barco, acaba por repetir que «o plástico foi uma bomba nos pequenos estaleiros».

— Mas — sorri — haverá sempre barcos no mar.

— De plástico?

— De madeira, de plástico e de outros materiais que se descubra ou fabrique.

Pois é: o futuro exige uma torre de Belém feita de plástico, de fibra de vidro, de esperovite.



Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

Actualidade internacional

Encontro Makários-Constantino em Roma

ROMA, 16 — (R.) — O arcebispo Makários chega hoje a esta capital para informar o rei Constantino da Grécia acerca da situação em Chissegundo revelou a noite passada nesta cidade um informador do soberano.

O presidente cipriota visitará o rei na vivenda nos arredores de Roma, onde a família real grega vive desde 1968.

No princípio deste mês, o presidente Makários conferenciou com o primeiro-ministro grego George Papadopoulos acerca de actividades terroristas em Chipre. O arcebispo manifestou a sua ansiedade acerca dos incidentes, que tinham posto em perigo a ordem pública e a segurança na ilha.

TROCA DE TIROS EM COPACABANA

• Dois mortos

RIO DE JANEIRO, 16 — (F. P.) — Um soldado do Exército brasileiro e um extremista da esquerda foram mortos na terça-feira, no Rio de Janeiro, durante uma troca de tiros entre militares e extremistas — Soube-se, ontem, nesta cidade.

Dois outros extremistas, incluindo uma mulher, e um soldado ficaram feridos.

Os tiros foram trocados durante uma operação policial montada pelo Exército contra um apartamento em que se alojavam extremistas, no bairro de Copacabana.

CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA EDITAL

REPARAÇÃO DO CAMINHO MUNICIPAL QUE LIGA AS ESTRADAS MUNICIPAIS 524-1 e 524 (QUINTA DE SANTO ANTÓNIO A PARVOÍCE)

LUIS ROSADO FÉRIA THEOTÓNIO, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA:

FAZ SABER que esta Câmara Municipal, em sua reunião ordinária de 16 de Dezembro de 1969, deliberou abrir concurso público, pelo prazo de 20 dias, a terminar em 2 de Fevereiro de 1970, para a empreitada de obras em epígrafe, conforme a seguir se indica:

BASE DE LICITAÇÃO 234 500\$00
DEPÓSITO PROVISÓRIO 5 862\$50

O depósito definitivo será de 5 por cento do valor da adjudicação.

Para ser admitido ao concurso é necessário apresentar documento comprovativo de ter efectuado o indicado depósito na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações à ordem deste Município, mediante guia preenchida pelos próprios interessados, segundo o modelo que figura no programa de concurso.

O Programa de concurso e caderno de encargos estão patentes todos os dias úteis, durante as horas regulamentares, nos Serviços Técnicos de Obras e Urbanização deste Município.

Paços do Concelho de Vila Franca de Xira, 13 de Janeiro de 1970.

O Presidente da Câmara
Luís Rosado Féria Theotónio

Possível visita do Papa à Grã-Bretanha

CIDADE DO VATICANO, 16 — (F. P.) — O cardeal Jean Willebrands, presidente do Secretariado para a União dos Cristãos, partiu ontem à noite para a Grã-Bretanha, onde se encontrará hoje com o dr. Michael Ramsey, arcebispo de Canterbury.

Esta visita faz parte dos contactos regulares entre as Igrejas Católica e Anglicana. Sabe-se, no entanto, que entre as questões mais delicadas que lhes dizem respeito figura, além do casamento entre membros das duas confissões, a canonização eventual de uns cinquenta ingleses martirizados pouco depois do cisma.

Por outro lado, lembra-se que o dr. Ramsey visitou em Roma Paulo VI em Março de 1968. Não parece impossível que esta visita do cardeal Willebrands tenha também por objectivo a preparação de uma viagem pontifical à Grã-Bretanha. Mas, neste momento, não é possível obter do Vaticano a confirmação ou precisões a este respeito.

Os EUA vão tentar melhorar as relações com a China

—segundo William Rogers

WASHINGTON, 16 — (R.) — O secretário de Estado norte-americano William Rogers afirmou a noite passada que a decisão do presidente Nixon de terminar o papel bélico americano na guerra do Vietnã é irrevogável e conduzirá à retirada eventual de todas as tropas americanas.

Em observações feitas numa conferência nesta capital, Rogers disse ainda que os Estados Unidos farão certas propostas a Pequim, destinadas a melhorar as relações sino-americanas.

OPTIMISMO CAUTELOSO

O secretário de Estado declarou também numa conferência sobre política externa, a que assistiram editores de jornais e locutores, que o Governo de Nixon se mostrava cautelosamente optimista acerca

do seu programa de entregar a condução da guerra aos Sul-Vietnamitas.

Proseguiu: «Este programa será realizado até todas as forças de combate — e, por fim, as outras — terem sido retiradas ou até Hanói decidir estabelecer a paz por meio de negociações, que darão ao povo do Vietnã do Sul o Direito de livre escolha.» Rogers não revelou quan-

to tempo demoraria o presidente a concretizar o seu objectivo.

Contudo, Nixon ordenou já a evacuação de cerca de 110 000 soldados americanos até 15 de Abril e espera retirar todas as forças americanas, com excepção de cerca de 50 000

INGLATERRA

O DEPUTADO PRESO É O CONTRÁRIO DE UM JAMES BOND

LONDRES, 16 — (F. P.) — William Owen, o parlamentar trabalhista preso ontem na sua residência, em Carshalton (Surrey), por atentado contra a segurança do Estado é o contrário de um James Bond. O «Who's Who» descreve-o como um homem que gosta de jardinagem, passeios e pintura.

Com 68 anos de idade — festejará o 69.º aniversário dentro de um mês — cabelos brancos, largas entradas, suportada a sua idade com facilidade mas tem deste há algum tempo dificuldades com a vista e já deu a entender que não se apresentaria nas próximas eleições.

Filho de mineiro, ele também mineiro durante seis anos, Owen fez uma carreira típica no Partido Trabalhista.

William Owen foi detido pelo major J. Wilson, da «Special Branch» da Scotland Yard, que após meses de paciente investigação, tinha acabado por desmascarar em princípios de 1961 o cúmplice número um do casal Kroger, Gordon Lonsdale, Condenado a 25 anos de prisão por espionagem a favor da União Soviética, Lonsdale foi trocado em 1964 pelo cidadão britânico Greville Wynn, que estava detido na U. R. S. S.

Owen tinha vastas rela-

ções com os países do Leste. Foi durante anos secretário da comissão comercial do grupo parlamentar britânico Leste-Oeste e a esse título visitou a União Soviética em 1966. Os seus contactos soviéticos são, no entanto, muito mais antigos, pois antes da segunda guerra mundial foi secretário de um conselheiro da central das cooperativas da República da Rússia.

Em 1966, finalmente, foi nomeado presidente da agência de viagens «Berolina», cujas actividades se centram na Alemanha Oriental.

conselheiros dos sul-vietnamitas, em princípios de 1972.

O secretário de Estado revelou que os Estados Unidos apresentariam algumas propostas a Pequim na esperança de melhorar as relações com a China, quando conversações a nível de embaixadores recomencem na próxima terça-feira em Varsóvia, após uma interrupção de dois anos.

Não revelou, porém, que propostas seriam. Seguir-se-iam a diligências, incluindo um abrandamento ligeiro do embargo comercial americano contra a China, na esperança de que Pequim procurasse estabelecer relações normais com Washington.

Rogers disse, depois, que a política externa americana se afastava da preocupação total com a guerra no Vietnã e tendia a tratar de outros problemas mundiais.

Se a política externa do Governo de Nixon se concentrava desde há um ano no Vietnã, a política externa da União Soviética ocupava-se com a disputa fronteira com a China.

«Tornamos claro que não temos a intenção de tentar explorar as diferenças entre a U. R. S. S. e a China» — afirmou Rogers.



AVIAO DO TIPO «MIRAGE» que a França vai fornecer à Líbia. Por outro lado, e de acordo com uma fonte francesa, 30 a 50 destes aviões poderão ser também adquiridos pela Espanha. Em Paris, reiniciaram-se, entretanto, conversações com vista ao fornecimento de outras 50 unidades ao Iraque.

Cinco oficiais egípcios condenados à morte

BEIRUTE, 16 — (F. P.) — Foram condenados à morte cinco oficiais egípcios, em consequência da captura da estação de radar de Ras Ghareb por comandos israelitas em 26 de Dezembro último, noticiou o jornal libanês «Al Hayat» citando relatórios diplomáticos recebidos do Cairo.

O jornal acrescenta que «um tribunal militar de campanha reuniu-se (em data não indicada) para julgar os oficiais responsáveis pelas instalações de radar de Ras Ghareb. As acusações iam da negligência à traição. Entre os cinco condenados à morte figura o coronel comandante da base. Houve ainda penas de prisão para um certo número de sargentos».

É provável, porém, segundo «Al Hayat», que as sentenças não sejam executadas.

Ameaçou matar Spiro Agnew

AUCKLAND (Nova Zelândia), 16 — (A. N. I.) — A Polícia prendeu um homem não identificado por ter ameaçado que mataria o vice-presidente dos Estados Unidos, Spiro Agnew, durante a sua permanência na Nova Zelândia.

Ontem, as autoridades dispuseram cerca de 150 manifestantes que durante a noite tentaram impedir Agnew de dormir, gritando «Paz, Paz», em frente do hotel.

QUARENTENA

VANCOUVER, 16 — (F. P.) — O paquete britânico «Orosay», a caminho da Austrália, com mil passageiros, foi posto de quarentena no porto de Vancouver, depois da descoberta de vários casos de febre tifóide. Seis tripulantes, atacados pela doença, tiveram de ser desembarcados.

Praticamente esgotada a 1.ª edição do livro

A Guerra de Biafra

de F. BONNEVILLE

10.000 exemplares vendidos!

124 fotografias vivas sobre o genocídio do
BIAFRA 50\$00

A VENDA NAS LIVRARIAS

EDITORIAL INÍCIO, LDA.

AV. ALMIRANTE REIS, 21-2.º
LISBOA TEL. 4 00 92/3

PRIMEIRO DIA DE PAZ NA NIGÉRIA DESDE 1967

LAGOS, 16 — (R.) — A Nigéria tem hoje o seu primeiro dia completo de paz normal desde o fim da guerra civil, mas continuará o estado de excepção, em vigor desde Maio de 1967.

Funcionários nigerianos e antigos dirigentes do agora defuncto Estado secessionista de Biafra discutirão hoje, segundo se espera, as urgentes necessidades de auxílio à região

ocidental, devastada pela guerra.

As antigas partes em luta conferenciarão nos aquartelamentos de Dodan, em Lagos, residência oficial do major-general Yakubu Gowon, que recebeu ontem a rendição oficial de Biafra.

A declaração de rendição incondicional, a seguir a dois anos e meio de sangrenta guerra civil, que causou quase dois milhões

de mortos, foi entregue pelo major-general Philip Effiong, novo comandante das forças separatistas derrotadas.

O filme da cerimónia, exibido a noite passada na Televisão nigeriana, mostrava chefes militares biafrenses, em traje civil, a rirem e a abraçarem oficiais de alta patente nigerianos, incluindo o general Gowon, que tratou os antigos dirigentes rebeldes pelo primeiro nome.

CHAMPANHE

Entretanto, U Thant, actualmente numa viagem por dez países africanos, foi convidado pelo Governo nigeriano a visitar Lagos, segundo declararam ontem fontes bem informadas. Esperava-se que o secretário-geral da O. N. U. chegasse de avião a Lagos no próximo domingo, após o fim de uma visita

de dois dias à Costa do Marfim.

Por outro lado, Lorde Hunt, enviado especial da Grã-Bretanha, chegou ontem à capital nigeriana, a fim de preparar um relatório para o primeiro-ministro britânico, Harold Wilson, sobre a situação quanto a socorros na região oriental, onde dezenas de milhares de crianças estão sujeitas a morrer de fome.

Enquanto o fim da guerra civil era festejado com brindes de champanhe entre antigos inimigos, o general Odumegwu Ojukwu, dirigente de Biafra, avisou ontem que a situação se tornará irremediável se alimentos não forem levados para a zona da guerra dentro de 72 horas.

A declaração do general Ojukwu, que se encontra ainda escondido, foi emitida por uma firma de relações públicas de Genebra.



YAKUBU GOWON, major-general do Exército e chefe da junta militar que, desde 1966, governa a Nigéria.

NÃO HÁ INDÍCIOS DE GENOCÍDIO

—afirmam observadores

OTTAWA, 16 — (F. P.) — Os observadores internacionais na Nigéria não verificaram nenhum indício de genocídio, nem ouviram falar de extermínio nas últimas zonas libertadas visitadas — declara um relatório transmitido para Ottawa pelos membros canadianos do grupo de observadores, relatório que o Ministério dos Negócios Estrangeiros canadiano tornou público esta manhã.

Os observadores indicam ter visitado as antigas zonas de combate entre 10 e 14 de Janeiro, com «completa liberdade de movimentos» e afirmam que a

rendição se faz com ordem, havendo poucos casos de fome.

As estradas atravessando o território biafrense pareciam em bom estado e as tropas federais encaminhavam viveres para onde havia mais necessidade.

Excepção de alguns refugiados em Oweri, a população biafrense parece estar fisicamente em boas condições.

O grupo de observadores é formado por dois suecos, dois ingleses, dois canadianos, um polaco e um representante das Nações Unidas.

JEAN PETERS DIVORCIA-SE DO MILIONÁRIO HOWARD HUGHES

LAS VEGAS (Nevada), 16 — (R.) — A antiga estrela de cinema Jean Peters, de 43 anos, revelou a noite passada que se ia divorciar de Howard Hughes, um dos mais famosos magnates norte-americanos.

A comunicação, emitida por intermédio dos escritórios de Hughes, dizia que a decisão acerca do divórcio, após 13 anos de casamento, fora tomada com «o maior pesar».

Jean Peters descreveu o casamento como «longo pelos actuais padrões».

A antiga estrela e Hughes, considerado um dos homens mais ricos do Mundo, projectam chegar a um acordo particular acerca de bens — dizia a comunicação.

Hughes vive em Las Vegas e é proprietário de hotéis, casinos, ranchos, uma companhia de transportes aéreos, uma fábrica de aviões, outra de máquinas-ferramentas e de uma dúzia de minas de prata. A Trans World Airlines pertenceu-lhe em tempos.

Durante o seu casamento, o magnate, de 64 anos, raras vezes foi visto em público. As aparições públicas de Jean Peters foram, também, quase raras, mas compare-

ceu em algumas festas de Hollywood durante o Natal e os festejos do Ano Novo.

Jean Peters interpretou 15 filmes em Hollywood, incluindo «O Pirata Negro», com o falecido Tyrone Power.

Hughes, que teve romances de amor com algumas das mais formosas vedetas de Hollywood, incluindo Ginger Rogers e Lana Turner, casou-se quando tinha 19 anos com a namorada de infância Ella Rice, mas divorciaram-se decorridos quatro anos.

Antigo magnate do cinema de Hollywood produziu alguns filmes populares, incluindo a discutida película do oeste «The Outlaw», que tornou famosa Jane Russell, transformando-a numa estrela.

Jean Peters fora anteriormente casada com o milionário de Hollywood Stewart Cramer III.

Recentemente matriculou-se na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, para tirar um curso de Sociologia e frequentou as aulas e outras instalações do estabelecimento de ensino sem ser reconhecida pelos outros estudantes.

num abrir e fechar de olhos



JOMA BFB-5



BANCO FONSECAS & BURNAY
o banco para toda a gente

É jovem e sonha o sonho, é jovem e vive o sonho, realiza, obtém, faz. Como?

— Não desperdiça tempo: Dispõe da rapidez de decisão do nosso Banco e tem a oportunidade de começar a singrar na vida com uma vantajosa estabilidade económica. Num abrir e fechar de olhos — a alegria das grandes realizações.

ECOS

LOUISE DE VILMORIN nasceu para as letras sob a tutela de Santé-Exupiry, morreu companheira de André Malraux. Foi amiga de Cocteau e de Roger Nimier. Escreveu «Madame de...». Frívola, brilhante, bela, espirituosa, houve quem lhe chamasse Cleópatra da poesia. Madame de Rambouillet do século XX. encarnação da graça francesa e outras coisas do género. Tinha um salão japonês querido dos seus amigos e dizia nada possuir senão um punhado de histórias. Era uma figura gentil, sem ódios, meigamente irónica, com alguma coisa de Madame Récamier, de Georges Sand, de Madame de Staël. Não poderemos compará-la, pela obra que deixa, a uma Natalie Sarraute, a uma Marguerite Duras, a uma Simone de Beauvoir. Mas, de qualquer modo, deixa vazio um lugar que ninguém preencherá.

NO pano de fundo de hipocrisia generalizada do mundo publicitário, desenham-se duas tendências que os ases da mídia TV em França, os srs. Eric Lipman e Yvon Coulet classificam de espécie proteriana (do nome da efficacíssima empresa americana «Procter and Gamble») e espécie criativa. Esta última seria a mais subtil, mais livre, mais distanciada dos estudos de mercado e dos inquéritos de motivação. Mesmo assim, a avaliar por alguns exemplos que o «Nouvel Observateur» nos dá, ainda contribui sensivelmente para o embrutecimento, ou entorpecimento, dos «mass media». Avalie-se por este achado: «Quem tornou a pôr galinha na sopa?» — «Foi Maggi» — responde a cozinheira. «E outra voz encerra o edificante diálogo: «É normal, é normando». Por este caminho, há o perigo de se conseguir a igualização do mundo pela estupidéz.

O Instituto Luso-Brasileiro de Lisboa acaba de lançar, em homenagem à memória de Guimarães Rosa, uma pequena

colectânea de estudos de Adonias Filho, Oscar Lopes, Curt Meyer-Clason e Vítor Manuel de Aguiar e Silva. E não há, de facto, preito mais significativo e importante que o da inteligência crítica. O volume, com o que de naturalmente bem diverso terá de haver na metodologia e até na apreciação estética-literária de espíritos de tão várias procedências ideológicas, mantém entretanto um nível fora do comum. A obra de João Guimarães Rosa merece bem esta reflexão de Oscar Lopes: «Quando alguém encontra uma obra de arte da qual, realmente, e sem o saber, precisava muito, então descobre por ela uma coisa muito mais importante: descobre que a vida tem um sentido antes desconhecido.»

PARA Jerzy Grotowski, cujo «Teatro pobre», tanto dá que falar no mundo, importa mergulhar o espectador na representação, na cruel «partitura» do espectáculo, cruel não no sentido de crueldade exterior mas no sentido de não mentir. «Urge — diz ele — misturar os espectadores aos actores.» É esta a situação na peça «Acrópolis», experiência de teatro e ritual ou de Jerzy Grotowski à procura do seu teatro. Todavia, os actores que correm pelo meio da plateia, infiltrando-se no espaço reservado ao público, representam mortos do campo de concentração de Auschwitz, enquanto os espectadores são vivos que vieram ao teatro depois de um bom jantar. A comunicação não é pois possível. Por isso Grotowski declara à revista «Il Dramma»: «Conduzindo as minhas pesquisas tenho-me esforcado por determinar o eixo do ritual. O mito?, o arquétipo?, segundo a terminologia de Jung ou as «representações colectivas» ou o «pensamento selvagem»? Grotowski, no seu laboratório, levou a cabo tentativas de grotesco integral, mas nunca, segundo explica, consentiu em explosões de euforia barata, ou seja, de baixos instintos, melhor dito, de instintos em pequena escala.

COMEÇA HOJE O 39.º «RALLYE» MONTE CARLO

• **PARTIDA DO PRIMEIRO CONCORRENTE DO ITINERÁRIO DE LISBOA, ÀS 21.04, JUNTO À SEDE DO A. C. P.**

A Europa, coberta de neve e fustigada por temporais, espera os 220 concorrentes ao «Rallye» de Monte Carlo, que hoje iniciam esta «clássica» do automobilismo europeu, partindo de Atenas, Frankfurt, Lisboa, Dover, Monte Carlo, Oslo, Reims e Varsóvia.

O itinerário de Lisboa foi escolhido por 16 equipas, contando-se entre estas algumas favoritas, como sejam as constituídas por Jean Vinatier-Jean-François Jacob, franceses, em Alpine Renault; Sandro Munari-Arnaldo Bernasconi, em Porsche; e Sergio Barbasio-

possibilidades de vencer, mas, se o mau tempo persistir e a neve aparecer em grande quantidade, o «handicap» de uma maior potência, válido em piso seco, desaparecerá a favor de outros carros menos potentes.

A estrutura do «rallye» é igual à do ano passado

Entre as firmas construtoras que participam oficialmente na competição, os locais de partida são escolhidos não pelos pilotos, mas pelos responsáveis técnicos. A Alpine-Renault tem manifestado preferência por Lisboa, fazendo sair da capital portuguesa Jean Vinatier e Jean-Luc Thérier. Este último, com 24 anos, é o mais jovem da equipa e participa pela segunda vez no «Rallye» de Monte Carlo. O ano passado classificou-se em 5.º lugar da geral e 1.º do grupo. Considera esta prova verdadeiramente significativa e de grande valor no ponto de vista competitivo. Devido a várias provas de natureza profissional, apenas pôde treinar 15 dias. Disse-nos, referindo-se à prova:

— A estrutura da prova é igual ao ano passado, mas há desta vez um grande problema com o tempo. A partir de 1200 metros de altitude neve nas zonas mais difíceis da prova.

Explicou-nos, depois, que os concorrentes depararão com enormes dificuldades de pneus, pois vão encontrar, dentro da mesma prova de classificação, parte da estrada molhada e com neve e outra parte seca. Para a neve recomendar, como quase todas as marcas, a um moderno tipo de pneus japoneses. Mas a substituição em plena prova é problema que não sabem ainda como vai ser resolvido.

— Se estiver bom tempo e pouca neve, a Porsche deve ganhar, mas se a estrada estiver molhada e com muita neve Andruet ou Vinatier podem vencer.

— E Makinen, Tony Faill, etc.?

— Não penso que tenham

possibilidades. Só um Alpine ou um Porsche.

Jacques Férét, responsável pelo Departamento de Competições da Alpine-Renault, veio, também, a Portugal:

— Como vê — disse-nos — sempre flutua a Lisboa. Estamos optimistas, e só temos pena de não nos ter sido possível alinhar os novos Alpine, que não foram homologados a tempo. Agora, com a construção de uma nova fábrica, vamos poder fabricar viaturas da cadência da Porsche e de outras marcas e fazer as respectivas homologações.

PRIMEIRO

DEMOROU A CERIMÓNIA NO MINISTÉRIO

O sr. dr. Baltasar Rebelo de Sousa, ministro das Pastas das Corporações e Previdência Social e Saúde e Assistência, recebeu hoje, no 16.º

piso do Ministério da Saúde e Assistência, o Sr. dr. José Ribeiro dos Santos, ministro da Saúde e Assistência, acompanhado de sua esposa e de sua filha.

J. RIBEIRO DOS SANTOS

Por motivo de saúde, interrompe hoje a sua actividade no «Diário de Lisboa» o nosso colaborador dr. José Ribeiro dos Santos. Ele próprio espera, como nós, que esta sua forçada ausência seja de curta duração.

TRAVE COM
Calções para travões
Discos para Embragem
PEREIRA & BESSONE
Av. 24 Julho, 52, 1.º D.

AS ÁGUAS DESCEM LENTAMENTE NA ZONA RIBATEJANA ALAGADA

• **Continuam isoladas povoações e cortadas numerosas estradas**

SANTARÉM, 16. — Não se alterou a dramática situação provocada pelo mau tempo em toda a zona ribatejana. Mantém-se o caótico panorama que assola a lavoura local: a água cobre campos, corta o trânsito nas estradas, alaga searas e terras de cultivo.

Estão completamente alagados os terrenos junto de Valada, Abrantes, Golegã e Salvaterra de Magos, arrastando para a crise centenas de rurais que ficaram impedidos de trabalhar.

Os prejuízos sofridos pelos agricultores atingem

muitos milhares de contos. Há, igualmente, grande perda de gado: manadas sobreviventes refugiaram-se em terrenos ligeiramente mais altos onde o pasto começa também a escassear. Tudo isto avoluma as preocupações de toda uma província duramente flagelada pelos últimos temporais.

Continuam isoladas as localidades de Reguengo do Alviela, Porto de Muge e Reguengo de Valada. E permanecem interrompidas as ligações rodoviárias entre Valada - Reguengo, Santanar - Cartaxo, Vale de Santarém -

Porto de Muge, Tapada-Alpiça, Santarém - Almeirim, Almeirim-Benfica do Ribatejo, Golegã-Chamusca, Azinhaga - Pombeiro, Golegã - Azinhaga, Alpiça-Vale de Calvalos e Alcanhões-Ribeira de Santarém.

A estrada Santarém-Lisboa está cortada no sítio da Ponte de Asseca, onde apenas passam veículos pesados. O único troço aberto ao trans-

ito na tarde de ontem, foi o compreendido entre Rio de Moinhos e Abrantes onde, apesar disso, a marcha rodoviária é obrigada a processar-se em ritmo muito lento.

Lenta descida das águas

As escalas hidrométricas do Tejo acusaram uma leve descida. As leituras verificadas às 3, 6 e 9 horas indicaram, respectivamente, 13 metros e 10, 12 e 95 e 12 e 80, em Vila Velha de Ródão; 10 e 16, 10 e 7 e 9 e 96, em Abrantes; 7 e 73, 7 e 67 e 7 e 62 em Vila Nova de Barquinha; 7 e 49, 7 e 47 e 7 e 44, em Santarém.

AVULTADOS PREJUÍZOS EM ROSSIO AO SUL DO TEJO

ROSSIO AO SUL DO TEJO, 16. — Depois da cheia que na noite do dia 10 invadiu a parte baixa desta freguesia, nova enchente assolou esta localidade, em maior escala, causando verdadeiro pânico e prejuízos sem conta.

Desde a lavoura às casas comerciais, industriais e habitacionais, nada foi poupado, ascendendo os prejuízos a largas dezenas ou mesmo centenas de contos.

Caminhos danificados, muros caídos, animais mortos, tudo se verificou neste segundo período de cheia, em maior extensão que no primeiro.

O facto de as informações serem dadas de 3 em 3 horas, em vez de hora a hora, através dos Serviços Hidráulicos, prejudica o salvamento de muitos haveres. A população do Rossio ao sul do Tejo, que está grata à sua Junta de Freguesia, Câmara Municipal de Abrantes, Batalhão de Pontoneiros de Tancos e Guarnição Militar do Campo Divisório de Santa Margarida, pelos auxílios prestados, lamenta que os Serviços Públicos não disponham de Rádio para estas emergências e espera que sejam tomadas sérias providências em tal sentido.

PAQUETE «MOÇAMBIQUE»

Informamos os senhores passageiros de que a saída do paquete «Moçambique» está marcada para as 12 horas do dia 20 do corrente, da Estação Marítima da Rocha de Conde de Óbidos.

A bagagem de porão é recebida no Cais da Fundação em Santa Apolónia nos dias 17 até às 12 horas e 18 até às 20 horas.

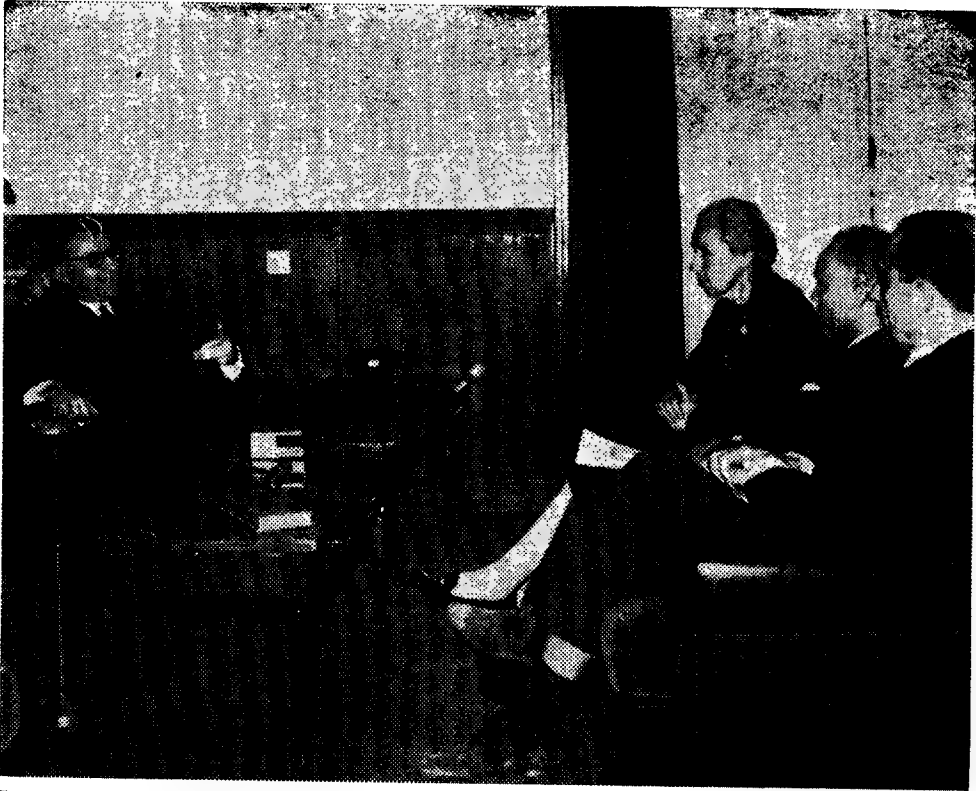
COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

COM TAKY
NÃO HA PROBLEMAS
PARA A MULHER
MODERNA
TAKY
O DEPILOTÓRIO FRANCÊS
QUE ELIMINA OS PELOS
EM POUCOS MINUTOS
SEM DOR
SEM IRRITAÇÃO
PEÇA LITERATURA

COM TAKY
NÃO HA PROBLEMAS
PARA A MULHER
MODERNA
TAKY
O DEPILOTÓRIO FRANCÊS
QUE ELIMINA OS PELOS
EM POUCOS MINUTOS
SEM DOR
SEM IRRITAÇÃO
PEÇA LITERATURA

M
E
V
Car
prai
ma
ril,
renc
xén
sóid
pon
de
com
nos
da
e C
rem
com
prai
o c
mer
gor
soci
por
ma
Tec
bro
539
e 7



O secretário de Estado da Saúde na reunião com os directores-gerais

PRIMEIRO DIA DE TRABALHO DO NOVO GOVERNO EM 45 MINUTOS FÉLIX DE CUMPRIMENTOS ESTREITAS DAS CORPORAÇÕES

piso do edifício da Praça de Londres, os cumprimentos e felicitações dos funcionários daquele primeiro departamento do Estado.

O ex-governador-geral de Moçambique encontrava-se acompanhado dos srs. das Silva Pinto e Nogueira de Brito, secretário e subsecretário de Estado do Trabalho e Previdência.

Durante 45 minutos, os três novos membros do Governo apertaram a mão a centenas de funcionários.

Terminados os cumprimentos, o dr. Baltasar Rebelo de

Sousa, bem como os dres. Silva Pinto e Nogueira de Brito, reuniram-se com os seus mais directos colaboradores. Todavia, segundo um informador do Ministério, a acção do dr. Rebelo de Sousa só se fará sentir quando regressar de Moçambique, pro-

víncia, que o aguarda para uma manifestação de despedida. A partida está marcada para 19 do corrente e o regresso a 23

● Ler mais notícias na pág. 15.

«Estreitas relações com a Informação» — propósito do dr. Rui Patrício

O dr. Rui Patrício, novo chefe da diplomacia portuguesa, passou a manhã no gabinete ministerial abrindo

telegramas de felicitações e continuando a trabalhar em assuntos que profundamente conhece desde que, há alguns meses, exercia as funções de subsecretário de Estado para os Negócios Estrangeiros.

— Recebo os jornalistas com o prazer e posso dizer que tenciono manter com os meios de Informação relações estreitas — disse o dr. Rui Patrício.

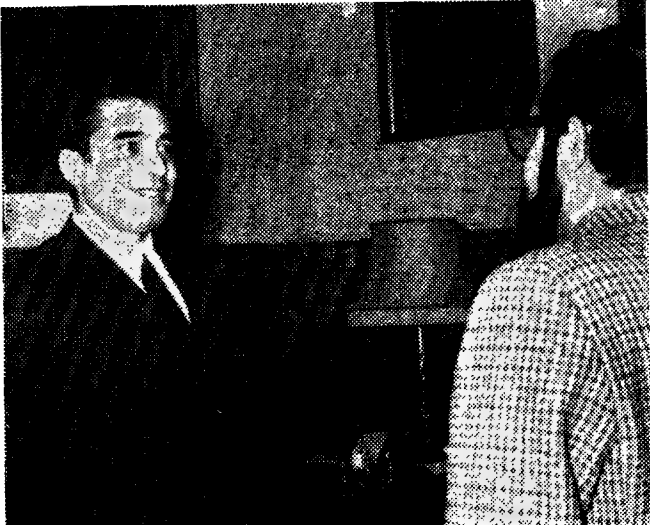
Interrogado sobre o modo como essas relações iriam desenvolver, o novo ministro disse que provavelmente seria através de conferências de imprensa.

— Mas não sei com que periodicidade se sucederão

essas conferências de imprensa.

O dr. Rui Patrício teve depois palavras de muita simpatia para com o «Diário de Lisboa» e o seu director, dr. António Pedro Ruella Ramos afirmando designadamente:

— Nas minhas relações com a Informação a Imprensa ocupará um lugar muito especial, nesta, muito especialmente o «Diário de Lisboa», jornal que muito aprecio, apesar de nem sempre concordar com os seus pontos de vista, mas ao qual tenho de reconhecer e apreciar a vivacidade com que aborda as questões.



Dr. Rui Patrício: «Tenciono manter estreitas relações com a Imprensa»

Marcello Caetano ao «Figaro» «Não podemos juntar-nos completamente à Europa»

PARIS, 16 — (R.) — O presidente do Conselho português, professor dr. Marcello Caetano, defende hoje a política do seu Governo quanto aos territórios africanos e afirma que Portugal não podia abandonar as suas comunidades ultramarinas.

Numa entrevista concedida ao jornal francês «Le Figaro», o dr. Marcello Caetano diz que as recentes eleições portuguesas demonstraram que o povo apoiava há muito a existente política do seu Governo quanto aos territórios ultramarinos.

Declara: «Não podemos abandonar as comunidades que se têm formado nestes territórios, especialmente em Angola e Moçambique.»

Em comentários acerca do Comum, o chefe do Governo português afirma que era mais a favor da associação de Portugal com a comunidade do que de uma filiação completa no Euromercado.

O dr. Marcello Caetano sublinha que, além de ser europeu, Portugal era, também, uma nação atlântica que tinha ligações históricas com o Brasil, na América do Sul, a África e o Extremo Oriente.

Continua: «O Mercado Comum tem uma estrutura e requisitos que tornam a integração de todos os países europeus difícil.

«Não se pode ignorar o Mercado Comum. Gostaríamos mesmo de estar a ele associados, de estabelecer um tratado ou assinar uma convenção comercial, como se fosse com outro país.

«Contudo, não podemos de momento juntar-nos completamente à Europa e esquecer os nossos interesses extra-europeus» — acrescenta o chefe do Governo português

DEPOIS DE MILHARES DE EXPERIÊNCIAS OS CIENTISTAS DESCOBREM O SUPERALIMENTO VITAMINADO DYNAVIT

Muitas pessoas que se sentiam fracas, esgotadas e anémicas têm agora uma outra vida, têm mais energia, outra vitalidade

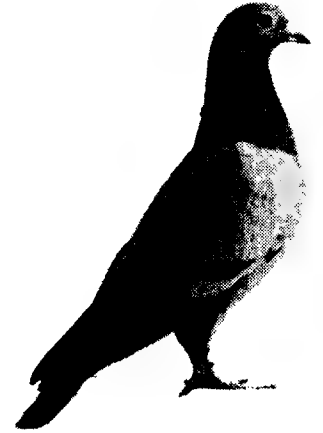
A maior parte das pessoas anda fatigada. Isto mesmo sem estarem submetidas a um trabalho físico ou mental exagerado. Muitas pessoas sentem-se fracas, completamente esgotadas. Verificou-se que isso é devido, muitas vezes, à alimentação pobre em vitaminas do complexo B e ferro.

EXPERIÊNCIA REPETIDA MILHARES DE VEZES

Um pombo alimentado só com pão branco, ao fim de 15 dias, não se pode aguentar nas patas. O seu sistema nervoso é duramente atingido pela falta de vitaminas do complexo B. É a isso que se chama a polinevrite. O sistema nervoso do pombo fica paralisado, incapaz de coordenar os movimentos. (Fenómeno semelhante produz-se no homem, se a sua alimentação é pobre em vitaminas do complexo B). Basta tomar alguns gramas de Levedura de Cerveja Estabilizada DYNAVIT, para os restabelecer em poucas horas. Isto porque a DYNAVIT é a fonte natural mais abundante em vitaminas do complexo B e ferro.



Astronauta M. Scott Carpenter, primeiro piloto na segunda missão tripulada dos Estados Unidos. A alimentação dos astronautas é reforçada com alimentos ricos em complexo B e ferro



Algumas horas antes, este pombo estava por terra, completamente aniquilado, sem forças. Bastaram alguns gramas de DYNAVIT para o recuperar. Agora está óptimo, cheio de vivacidade e energia, com o sistema nervoso totalmente recuperado. A acção da Levedura de Cerveja Estabilizada DYNAVIT sobre os seres humanos é exactamente a mesma que nos pombos

...TAMBÉM COM SOLDADOS

Milhares de soldados receberam 5 gramas de levedura incorporados na sua alimentação diária. Isto foi suficiente para dar outra resistência e outra «endurance» a estes homens. Durante as experiências não foram atingidos por gripe, resfriamentos, furunculose e outras doenças como as que mantiveram a alimentação normal

...OS ASTRONAUTAS

Nas viagens espaciais o organismo está sujeito a enorme des-

gaste. Os cientistas procuram compensá-lo com uma alimentação rica em vitaminas do complexo B. A Levedura de Cerveja Estabilizada DYNAVIT é a fonte natural mais abundante em vitaminas do complexo B e ferro (dois fortificantes indispensáveis ao organismo).

...E COM ATLETAS

Todos os desportistas a quem é dada a Levedura Estabilizada DYNAVIT conseguem melhores marcas. Conseguem mais capacidade de realização e mais resistência. São mais lutadores e dão mais rendimento atlético, sem tanto esforço. A sua «forma» é outra, bem diferente da que os outros apresentam.

...NÓS TAMBÉM

Todos os dias ingerimos quantidades que não têm a quantidade suficiente de vitaminas do complexo B e ferro. E isso enfraquece-nos. Basta juntar à nossa alimentação uma pequena quantidade de DYNAVIT para adquirirmos o vigor, elasticidade física e mental de que precisamos. Assim que você começa a tomar DYNAVIT, rapidamente consegue energia e vitalidade — aquele bem-estar que tanta falta lhe faz.

PREENCHA E COLE O CUPÃO ABAIXO NUM POSTAL E REMETA-O PARA:

diese

PRODUTOS DIETÉTICOS, LDA.
AV. DA REPÚBLICA, 46, R/C.
LISBOA-1



PEÇO QUE ME ENVIEM NA VOLTA DO CORREIO:

- | | |
|--|------|
| ☐ Embalagens de DYNAVIT em flocos (200 g) | 60\$ |
| ☐ Embalagem de DYNAVIT em pó (300 g) | 60\$ |

NOME
MORADA

MORADIA E TERRENOS

Vendem-se: Moradia em Carcavelos, preço 850 contos — Andar a 50 metros da praia de Carcavelos, local maravilhoso, preço 420 contos — Quintinha perto do Estoril, preço 420 contos — Terreno para indústria ou armazém no Casal do Marco, à saída da auto-estrada da ponte sobre o Tejo — Lotes de terreno para moradias, com deslumbrantes vistas e nos melhores locais da Costa da Caparica, Caxias, Parede e Cascais, vendemos os terrenos ou construímos por encomenda ao gosto do comprador. Os preços são sujeitos a oferta e facilita-se pagamento em tudo e dão-se rigorosas referências de pessoas para quem construímos por encomenda. Trata a firma proprietária e construtora Tecniciamento, Av. 5 de Outubro, 31-r/s, Lisboa-1, Tels., 539773 e 539774 escritório e 771664 residência.

CHOCOLATES TAGIDES

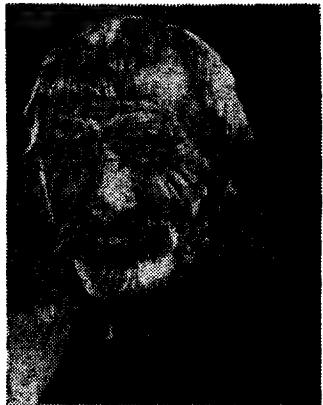
Desperdiçar não é grandeza. Coloque as suas economias em objectos que valham.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

PILULAS DE ALHO ROGOFF

EXTRACTO CONCENTRADO DE ALHO FORTE

PRODUTO DIETÉTICO, ACTIVO CONTRA AS MANIFESTAÇÕES ARTRITICAS, REUMATISMO, E VELHICE PRECOCE.



À VENDA NAS FARMÁCIAS
FRASCO COM 180 PILULAS
M. WOELM. ESCHWEGE
(Alemanha-Occidental)
REPRESENTANTES E DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL E ULTRAMAR:
CREFAR
RUA DA MADEIRA, 171-2.º
LISBOA

João Ortigão Ramos recebeu na embaixada francesa as insígnias de cavaleiro da Ordem das Artes e Letras

«Criança ainda, logo comecei, no ambiente familiar, a amar e a admirar a França e a sua cultura. Educado num colégio francês, mais se radicou em mim essa afinidade que tem sido constante na minha vida».

Estas palavras de João Ortigão Ramos, proferidas, em seu nome, por seu filho João Belo Ortigão Ramos, em virtude daquele, convascente de gripe, se encontraram quase afónicas, foram ditas hoje, ao princípio da tarde, na Embaixada da França em Lisboa, onde se procedeu à imposição àquele empresário das insígnias de Cavaleiro da Ordem das Artes e Letras com que foi agraciado pelo Governo gaulês.

Antecedendo a entrega da condecoração o chefe da missão diplomática francesa proferiu breve saudação enaltecendo a figura e a obra de Ortigão Ramos, à frente do S. Luís, sempre com especial incidência e iniciativas valiosas e de bom gosto ligadas às artes cénica e cinematográfica do seu País.

O embaixador francês recordou que a criação da Or-

dem das Artes e Letras se ficou a dever ao ministro Mallraux e teve depois algumas considerações acerca do êxito das iniciativas do homenageado acrescentando que o público — o difícil público de Lisboa — é o supremo juiz, consagrando com o seu apoio e o aplauso, espectáculos que a crítica «inteligente e livre», por vezes não consagra.

Assistiram à cerimónia os d.ªs. César Moreira Baptista, secretário de Estado da Informação e Turismo, Clemente Rogeiro e Caetano de Carvalho, respectivamente directores-gerais da Informação e da Cultura Popular e Espectáculos; José Manuel Fragozo, embaixador de Por-



O embaixador francês impõe a João Ortigão Ramos a condecoração com que este foi agraciado

tugal no Brasil, Manuel Teixeira, presidente da Corporação dos Espectáculos, Ramiro Valadão, presidente da R. T. P., João de Freitas Branco, novo director do Teatro Nacional de S. Carlos, Mário

Madeira, presidente do A. C. P., general D. Fernando Pereira Coutinho, D. José de Melo e Castro e outras individualidades, entre as quais muitas senhoras, das relações do homenageado.

Chefes de Gabinete e secretários dos novos membros do Governo

Foram já escolhidos os chefes de Gabinete e secretários de alguns dos novos membros do Governo.

Assim, o ministro do Exército escolheu para chefe de Gabinete o coronel Hélio Felgas, e ajudante o capitão Veiga da Fonseca.

Por seu turno, o secretário de Estado do Exército escolheu para seu ajudante o capitão Luís Saldanha.

O ministro dos Negócios Estrangeiros nomeou seu secretário o dr. Rocha Pais, enquanto o ministro da Educação mantém os dois secretários do ministro cessante.

O ministro das Corporações escolheu para secretário o estudante de Direito João Vasco Amaral, enquanto o secretário de Estado do Trabalho e Previdência escolheu para chefe de Gabinete o dr. João Pedro Castelo Branco e para secretário o dr. Alberto Ribeiro de Queirós.

Por seu lado, o secretário de Estado das Comunicações e Transportes escolheu para chefe de Gabinete o eng.º Alvaro Magalhães.

Entretanto, o secretário de Estado da Saúde e os dois subsecretários da pasta do Ultramar e do Trabalho e Previdência mantêm os membros dos Gabinetes anteriormente constituídos.

OS VENCIMENTOS DAS ENFERMEIRAS DA FORÇA AÉREA

Uma portaria da Secretaria de Estado da Aeronáutica estabeleceu os vencimentos das enfermeiras da Força Aérea, em serviço na província de Angola.

As enfermeiras de 1.ª classe têm 3200 escudos de vencimento base e 2150 escudos de vencimento complementar, num total de 5350 escudos mensais.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Venda	Ultramarinos	Efec	Compra	Venda
Consolidado 2 3/4%	—	—	518\$	Jamantes Angola	2.450\$	2.440\$	2.455\$
Consolidado 3%	530\$	—	530\$	H. E. Revus	685\$	680\$	690\$
Consolidado 3 1/2%	620\$	—	620\$	Alho de Príncipe	—	800\$	—
Centenários 4%	—	1.480\$	1.495\$	Moçambique	181\$	181\$	182\$
Obras Tesouro 5%	1.000\$	—	1.000\$	Moçambique	425\$	425\$	—
Ext. 1.ª Série	—	600\$	700\$	Moçambique	444\$	442\$	444\$
Ext. 2.ª Série	825\$	820\$	830\$	Moçambique	86\$	86\$	87\$
Ext. 3.ª Série	—	720\$	—	—	—	—	—
Ext. 4.ª Série	—	780\$	820\$	—	—	—	—
Ext. 5.ª Série	150\$	—	160\$	—	—	—	—
OBRAÇÕES				Diversas			
Agua Lisboa 5%	—	—	—	Cidic	7.950\$	7.900\$	7.950\$
A. P. I. 5% 56	—	920\$	—	Com. Leiria	5.300\$	5.200\$	5.300\$
A. P. I. 5% 58	—	920\$	—	Com. Leiria	—	7.150\$	7.300\$
A. P. I. 5% 65	—	—	—	Col. Navegação	—	—	1.470\$
A. P. I. 5% 67	—	1.000\$	—	Col. Navegação	—	1.590\$	1.600\$
C. U. F. 6%	—	997\$	—	Col. Navegação	—	—	—
C. U. F. 6% 68	—	—	995\$	Col. Navegação	—	—	—
Gás Elect. 4% 48	—	780\$	—	Col. Navegação	—	—	—
Gás Elect. 4% 51	—	800\$	—	Col. Navegação	—	—	—
Gás Elect. 5% 52	—	890\$	—	Col. Navegação	—	—	—
Gás Elect. 5% 58	—	890\$	—	Col. Navegação	—	—	—
Gás Elect. 5% 59	—	890\$	—	Col. Navegação	—	—	—
Gás Elect. 5% 62	—	930\$	—	Col. Navegação	—	—	—
Gás Elect. 5% 63	—	925\$	940\$	Col. Navegação	—	—	—
Gás Elect. 5% 65	—	900\$	—	Col. Navegação	—	—	—
Gás Elect. 5% 67	996\$	995\$	1.000\$	Col. Navegação	—	—	—
H. E. A. Alentejo 5%	—	—	810\$	Col. Navegação	—	—	—
H. E. Cávado 5%	—	—	1.000\$	Col. Navegação	—	—	—
H. E. Cávado 6%	995\$	—	810\$	Col. Navegação	—	—	—
H. E. Douro 5%	—	998\$	995\$	Col. Navegação	—	—	—
H. E. Douro 6%	—	998\$	995\$	Col. Navegação	—	—	—
H. E. Estrela 5%	995\$	990\$	995\$	Col. Navegação	—	—	—
H. E. Estrela 6%	—	835\$	—	Col. Navegação	—	—	—
H. E. Zêzere 5% 55	—	820\$	—	Col. Navegação	—	—	—
H. E. Zêzere 5% 57	—	997\$	1.000\$	Col. Navegação	—	—	—
Lisboa 6%	—	—	997\$	Col. Navegação	—	—	—
Metropolitano 4%	—	—	998\$	Col. Navegação	—	—	—
Metropolitano 5 3/4%	998\$	—	997\$	Col. Navegação	—	—	—
Moçambique 5%	—	—	855\$	Col. Navegação	—	—	—
Nitrato 5%	—	—	950\$	Col. Navegação	—	—	—
Nitrato 5% 60	—	—	920\$	Col. Navegação	—	—	—
Nitrato 5% 60	—	—	850\$	Col. Navegação	—	—	—
Petroquímica 5%	—	—	805\$	Col. Navegação	—	—	—
Port. Celul. 5%	—	—	840\$	Col. Navegação	—	—	—
Sacar 5% 54	—	—	810\$	Col. Navegação	—	—	—
Sacar 5% 60	—	—	84\$	Col. Navegação	—	—	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	84\$	Col. Navegação	—	—	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	81\$	Col. Navegação	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—	Col. Navegação	—	—	—
Sonete 5%	—	—	—	Col. Navegação	—	—	—
T. A. P. 4%	—	—	—	Col. Navegação	—	—	—
Termoelect. Port. 5%	—	—	—	Col. Navegação	—	—	—
U. E. P. 3 3/4%	—	—	—	Col. Navegação	—	—	—
U. E. P. 4%	—	—	—	Col. Navegação	—	—	—
U. E. P. 4 1/2%	—	—	—	Col. Navegação	—	—	—
U. E. P. 5%	—	—	—	Col. Navegação	—	—	—
U. E. P. 5% 60	—	—	—	Col. Navegação	—	—	—
U. E. P. 5% 63	—	—	—	Col. Navegação	—	—	—

ACCÕES	Efec	Compra	Venda
Bancos			
Agricultura	2.320\$	2.315\$	2.325\$
Alentejo	1.127\$	1.127\$	1.130\$
Ang.ª	3.595\$	3.590\$	3.600\$
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	5.650\$	5.650\$	5.700\$
E. Santo	—	18.600\$	19.500\$
E. Santo n.º	—	—	—
Fonseca S.ª	—	20.000\$	—
Fomento Nacional	2.410\$	2.400\$	—
L. & Agares p.ª	7.150\$	7.180\$	7.170\$
L. & Agares n.º	—	—	—
P. Atlântico p.ª	5.750\$	5.740\$	5.760\$
Portugal n.º	3.300\$	—	3.300\$
Portugal p.ª	—	4.200\$	—
Totta Alentejo	—	6.400\$	—
Ultramarino n.º	5.595\$	5.595\$	5.595\$
Ultramarino p.ª	3.900\$	3.895\$	3.900\$
Seguros			
Alentejo	—	115\$	—
Douro	870\$	870\$	880\$
Mundial	—	1.050\$	2.600\$
Sagres	—	60.000\$	65.000\$
Tranquilidade	—	18.000\$	30.000\$
Ultramarino	—	—	—

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rand	46550	38550
América:		
— Dólar de 1 e 2 ...	28500	28550
— Dólar de 5 e 1000	28530	28570
Canadá — Dólar	26520	26570
— Dólar	7555	7585
Alemanha — Marco	7555	7585
Austria — Schilling	408	408
Argentina — Peso	1615	1615
Brasil — Cruzeiro Novo	5400	7500
Espanha — Peseta	439,2	440,7
Holanda — Florim	1665	1665
Inglaterra — Libra	67550	69550
Itália — Lira	404,4	404,65
Bélgica — Franco	455	458
Franga — Franco	4570	5510
Suiza — Franco	6550	6570
Marracos — Dirham	4580	5190
Dinamarca — Coroa	3560	3590
Noruega — Coroa	3585	4515
Suécia — Coroa	5435	5465
Douro		
Inglaterra — Libra Isabel	295500	315500
Inglaterra — 1/2 Libra	260500	280500
Ouro fino — Barra	34570	36570

J. BURNAY. L. DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

EDUCADORAS DE INFÂNCIA VÃO «ENCONTRAR-SE» EM LISBOA

Amanhã e depois, mais de 400 senhoras, cuja profissão (pouco conhecida) se designa por «educadoras de infância», vão reunir-se, no Colégio do Sagrado Coração de Maria, em Lisboa. Trata-se de uma iniciativa que visa

proporcionar o encontro de educadoras provenientes de Lisboa (Escola João de Deus, Escola de Educação de Infância e Instituto de Educação Infantil), Porto (Escola Paula Franchinetti) e Coimbra (Instituto de Formadoras de Infância), para debaterem problemas de carácter pedagógico com referência, sobretudo, à segunda infância (três a sete anos) e tomarem o que pode chamar-se «consciência de classe».

Nível superior — pedem os alunos do Instituto de Estudos Sociais

A assembleia magna de alunos e diplomados do Instituto de Estudos Sociais aprovou por aclamação uma moção propondo que se actue no sentido de o Ministério da Educação Nacional reconhecer ao Instituto o nível superior para provimento de cargos públicos que genericamente exijam licenciatura em cursos superiores, e bem assim para continuação de estudos.

O I Encontro Nacional de Educadoras de Infância iniciase, às 9 e 30, com uma sessão em que a sr.ª D. Maria Teresa Andrade Santos dará algumas palavras de abertura e a dr.ª Carminda Bento falará sobre «A importância da infância no processo da formação do ser».

A tarde, o rev. Van Niele fará uma conferência sobre «As concepções fundamentais de uma pedagogia para os nossos dias» havendo, à noite, uma sessão pedagógica de cinema.

O JULGAMENTO DO FALSO ADVOCADO

Entre outras moções, todas apresentadas pelo Corpo de Delegados, salientam-se as que propõem que as resoluções do Conselho Escolar passem a ser comunicadas por escrito aos estudantes do Instituto e que estes, através do seu organismo representativo, passem a ter assento nas reuniões do mesmo Conselho Escolar; e ainda que se intensifiquem os trabalhos conducentes à criação de um Departamento de Investigações adstrito ao I. E. S., com um Gabinete de Investigação de Sociologia Aplicada e de Economia Social, orientados em especial para a investigação em Relações Industriais. A propósito, acentuou-se também a vantagem da criação de uma carreira docente dentro do próprio Instituto.

No 1.º Juízo Criminal da Boa Hora, em audiência colectiva presidida pelo corregedor Alives Cortês, prosseguiu esta tarde o julgamento do falso advogado José Maria Medeiros Botelho, que como o nosso jornal oportunamente noticiou naquela qualidade, que não tinha, e para simular a qual falsificou múltiplos documentos (as suas habilitações literárias resumem-se ao 5.º ano) interveio em diversos pleitos e actos judiciais, chegando a ser nomeado para exercer o cargo de delegado do Ministério Público em Celorico da Beira, onde foi descoberto.

O Tribunal deu as respostas aos quesitos e é possível que a sentença seja proferida ainda hoje.

NA ZONA COSTEIRA DO NORTE AS FROTAS PESQUEIRAS JÁ SAÍRAM PARA O MAR

PORTO, 16 — O mau tempo que fustigou duramente o País, especialmente no litoral, impedindo durante vários dias a saída das frotas pesqueiras de todos os portos ao norte do rio Douro, deixou esta madrugada de se fazer sentir.

O mar acalmou, o que possibilitou a saída de todos os barcos de pesca de Caminha a Leixões e a abertura dos portos respectivos, com exclusão da barra do Douro, impedida ainda pela forte correnteza do rio.

Em Leixões, o petroleiro grego «Delfin Leto» com 40 mil toneladas de rama de petróleo, que há oito dias aguardava melhoria de tempo para acostar ao terminal da Sacor, fez-o esta manhã, às 11 horas.

Entretanto, conforme a previsão do tempo de Rádio Boa-Nova parece que para a noite de hoje haverá agravamento.

Entretanto, dando que os ventos estão ainda sem rumo certo, alguns barcos de

Administração
de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

«A política, não devendo ser modo de vida, tem de constituir uma carreira»

— palavras do Chefe do Governo ao discursar nas Necessidades

Actuais e antigos membros do Governo, individualidades ligadas ao regime e pessoal superior de vários departamentos associaram-se ontem às cerimónias de transmissão de poderes aos novos ministros, secretários e subsecretários de Estado. Em todas elas usaram da palavra os titulares cessantes e os seus sucessores, e bem assim as personalidades que vão preencher funções governamentais agora criadas.

No Palácio das Necessidades o ministro interino cessante, prof. Marcello Caetano, proferiu o seguinte discurso:

«Creio ser bem patente a minha preocupação de trazer para a vida pública homens novos. E a confiança com que lhes entrego postos governativos. A vida pública, porém, tem as suas dificuldades, que só a experiência ensina a conhecer e a vencer. E essas dificuldades acentuam-se no Governo, cujos lugares são sempre de direcção e de decisão.

Quero eu lembrar que a política, não devendo ser modo de vida, tem de constituir uma carreira onde se aprenda em posições de menos risco aquilo que é requerido para o desempenho de outras de maior responsabilidade.

O estudo, o conhecimento teórico dos problemas, o próprio ensino, o exercício de actividades privadas ou de profissões liberais, fornecem excelentes bases para quem seja chamado a exercer cargos de Governo ou na Administração; mas não chegam para formar políticos e estadistas.

Vossa Excelência, sr. dr. Rui Patrício, é um homem novo pela idade e um homem bem da sua geração. Mas depois de uma brilhante carreira escolar, adiestrou-se com sólida preparação técnica trabalhando na própria Universidade, que o formou. Daí passou, há quase cinco anos, para um posto do Governo, o de subsecretário de Estado do Fomento Ultramarino. E nesse lugar pôde mostrar as suas qualidades de inteligência, de carácter e de trabalho, alargar o conhecimento dos problemas nacionais, apurar os seus dotes de orientação, de direcção e de decisão, adquirindo uma preciosa experiência nos negócios públicos.

Foi o facto de eu saber quanto estavam amadurecidos em si os méritos fundamentais do governante que me levou a chamá-lo a colaborar mais directamente comigo durante o período em que tive de exercer a interinidade desta pasta.

Também não foi alheia à escolha a circunstância de V. Ex.ª estar tão informado sobre o Ultramar português. A grande tarefa da diplomacia portuguesa nesta hora consiste em zelar, explicar, defender a nossa política ultramarina.

É impressionante ver quanto somos desconhecidos no Mundo. É revoltante verificar como a cada passo, somos caluniados. Formou-se uma

cabala contra Portugal tecida de mentiras. E as verdades são rejeitadas, as razões são ignoradas, as evidências são negadas — porque divergem da imagem que os adversários de Portugal malevolamente criaram e insistem em difundir.

Em constante vigilância, atenta e desperta, a diplomacia portuguesa tem de lutar contra essa conspiração, esclarecendo os Governos e elucidando a opinião pública. Não é fácil, mas é indispensável. Na Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros está o quartel-general dessa acção perseverante e corajosa que V. Ex.ª como ministro vai dirigir, continuando a obra dos seus illustres antecessores.

Nestes meses de exercício do lugar de subsecretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, em que V. Ex.ª mais uma vez teve ensejo de manifestar a sua capacidade, pôde tomar contacto com as linhas e os métodos de trabalho. Viu como é sincero o nosso desejo de colaboração e de entendimento com todos os países. Verificou quanto são cordiais as nossas relações com aqueles Governos que praticam as boas normas da vida internacional. Mas tudo sem descurar a defesa dos interesses que nos cumpre salvaguardar. O Ministério fica em mãos seguras, nas mãos de alguém que ama a sua Pátria e tem fé nos destinos da Nação portuguesa. Espou certo de que saberá honrar as tradições desta casa e ser digno continuador da estirpe de grandes servidores do Estado que por aqui têm passado. Escuso de lhe dizer que lhe desejo as maiores felicidades: seria um voto egoísta. Porque tudo quanto for feliz na gestão deste Ministério, redundará em proveito de todos os portugueses. Mas é por eles que aqui estamos, é para servir a causa dos portugueses de aquém e de além-mar e também dos portugueses que, expatriados, ganham o seu pão por esse mundo fora, que nos dispomos a satisfazer as suas necessidades e a satisfazer, porque todos eles são Portugueses.

No seu discurso de resposta o sr. Rui Patrício afirmou nomeadamente:

«Não combatemos para reivindicar novos territórios ou para submeter populações a um jugo alheio, nem para impor ou perpetuar o domínio de um grupo, de uma classe ou de uma raça, de uma região ou de um território. Não desejamos exercer vinganças ou retaliações, nem nos movem ressentimentos ou ódios recalcados. A vitória que desejamos alcançar é uma vitória de paz e de amor. Magnífica vitória será ela: vitória sem Estados vencedores e sem populações vencidas.

No Ministério da Educação Nacional

Dr. José Hermano Saraiva, ministro cessante:

«Desde há algum tempo que as questões da educação vêm ocupando lugar cada vez mais saliente na opinião pública portuguesa. Essa tomada de consciência é indispensável para que os problemas sejam realmente resolvidos, e para que a Nação se disponha a fazer os sacrifícios que essa solução exige.

Prof. Veiga Simão, novo ministro:

«A reforma da Universidade constitui a preocupação primeira deste Ministério e, ouvidos todos os seus elementos representativos, serão ensaiadas soluções que lhe assegurem a posição de vanguarda nos domínios do pensamento e lhe confiram uma eminente dignidade. Procuraremos auscultar amplamente os sectores interessados mas temos os sectores decididos a não perder tempo, pois o sistema vigente atingiu o ponto de rutura, e não queremos assistir, como principal responsável, à sua total desagregação.

No Ministério das Corporações

Prof. Gonçalves de Proença, ministro cessante:

«E mais não direi, desejando, apenas, que o longo período de complexa e inteira paz social em que temos vivido, possa manter-se no futuro, pois melhor compensação não poderá esperar quem aqui exerceu, durante quase dez anos, funções consecutivas de Governo. E assim, com a consciência tranquila e completa isenção, de novo me preparo para na Assembleia Nacional, na Universidade ou onde quer que o destino me conduza, continuar a servir o meu País, até ao limite das minhas forças e da minha capacidade.

Dr. Baltazar Rebelo de Sousa, novo ministro:

«Por mim, disse-o já há cerca de meio ano em Moçambique e volto agora a repeti-lo aqui: «O Estado Social que construímos é um Estado revolucionário na paz, avançado e consciente, que compagina a cada momento o repto dialéctico com o futuro, com a permanência da ordem e da liberdade pública, indispensável ao florescer da sua função de interesse colectivo. É por esse Estado que vamos trabalhar!

No Ministério da Saúde

Dr. Lopo Cancele de Abreu, ministro cessante:

«Está em preparação a absolutamente indispensável reforma da Direcção-Geral de Saúde, primeira fase da Lei Orgânica do Ministério, cuja falta tanto se tem feito sentir. Os estudos para a carreira médica e de enfermagem de Saúde Pública (...) são, entre outros, alguns dos problemas em estudo bastante adiantado ou já em execução no departamento da Saúde.

Dr. Baltazar Rebelo de Sousa, novo ministro:

«Oponhamos, sempre, a paz burguesa, à injustiça social, à limitação da instrução, à insalubridade, à doença do corpo, espírito ou alma — o ideal altaneiro de uma política humana, social, igualitária, progressiva. ...Porque, também neste sector, o mais virá por acréscimo.

No Ministério do Exército

Brigadeiro Bettencourt Rodrigues, ministro cessante:

«A concentração, no mesmo ministério, das pastas da Defesa Nacional e do Exército, a reorganização do Secretariado-Geral da Defesa Nacional de modo a criar-se o Estado-Maior Geral das Forças Armadas (...) são pólos de desenvolvimento, origens de rumo de um conceito que traz desde logo consigo as virtudes da dinâmica e que, directa ou indirectamente, explicita ou implicitamente, incide sobre as estruturas. Como português e como militar, o meu mais profundo desejo é que o desenvolvimento deste modelo conceptual atenuar as dificuldades de administração, simplifique procedimentos, reduza prazos, ajude a equacionar e a resolver problemas económicos e financeiros, facilite a melhor conjugação das capacidades da guerra com as capacidades da nossa indústria e, como resultante de tudo, aumente as possibilidades de actuação do Exército no cumprimento das suas árduas e variadas missões.

General Sá Viana Rebelo, novo ministro:

«Quais as metas que se procurarão atingir nesta junção das pastas da Defesa e do Exército? Indicaremos algumas, a nosso ver: melhor aproveitamento dos quadros do pessoal; tentativa de diminuição dos gastos da guerra; economia de tempo; eliminação das demoras; viagens dos documentos entre o Exército e a Defesa e vice-versa; mais eficiente recrutamento do conjunto do pessoal metropolitano e africano; ajustada normalização das mobilizações de pessoal, das aquisições de material e da instrução nos três departamentos; mais adequada distribuição das medidas de carácter social em classes mais baixas da família militar; e um mais vivo impulso para o restabelecimento da paz no Ultramar por uma estreita e convergente reunião de esforços das operações militares e da logística.

No Ministério das Obras Públicas

Dr. Silva Pinto, subsecretário cessante:

«Sentirei sempre o maior orgulho em ter participado na concretização de algumas das iniciativas levadas a cabo.

Eng.º Rui Sanches, titular da pasta:

«Atravessa o País uma hora de renovação, em que a administração, designadamente no sector que nos está confiado, tem de estar apta a responder, com rapidez e eficiência, às exigências sempre crescentes da vida, dos povos e das terras.

Eng.º Pinto Eliseu, novo secretário de Estado:

«A austeridade de princípios que, no dia-a-dia e desde sempre, norteia a acção do Ministério das Obras Públicas, a essa política o tem conduzido, com sacrifício, é cer-

to, daqueles que o servem, mas sem atropelos nem vexames.

No Ministério das Comunicações

Brigadeiro Fernando de Oliveira, ministro cessante:

«Sinto que fiquei valorizado: a experiência adquirida nos transportes e nas comunicações poderá servir à Força Armada. Reciprocamente, tenho esperança de contribuir para que as necessidades de transporte e comunicações militares se integrem harmoniosamente no conjunto nacional, através de um formulário de requisitos com base no conhecimento de detalhe agora adquirido.

Eng.º Rui Sanches, novo ministro:

«Mercê da estrutura governamental posta agora em prática nestes domínios, procurar-se, efectivamente, alargar e consolidar a base de cooperação permanente entre sectores das obras públicas e dos transportes e daí extrair os benéficos resultados de que o País carece.

Eng.º Oliveira Martins, novo secretário de Estado das Comunicações e Transportes:

«Se é certo que cada vez menos se pode governar sem o apoio de uma opinião pública esclarecida, não é menos certo ser inevitável, uma vez por outra, ter ela de suportar medidas porventura menos agradáveis no plano imediato, mas indispensáveis para assegurar a prossecução de objectivos fundamentais, a médio ou longo prazo.



O prof. Veiga Simão trabalhando esta manhã com os subsecretários de Estado da Administração Escolar (à sua direita) e da Juventude e Desportos

«DECIDIR RÁPIDAMENTE E COM JUSTIÇA»

— O PROGRAMA DO NOVO MINISTRO

O ministro da Educação Nacional, prof. dr. Veiga Simão, passou a sua primeira

manhã no Ministério, analisando os problemas da pasta com os dois subsecretários de Estado que dependem do seu pelouro: o dr. Justino Mendes de Almeida, da Administração Escolar, e dr. Augusto de Ataíde Soares de Albuquerque, da Juventude e Desportos.

Recebendo os nossos re-

dactores no seu gabinete, o novo ministro disse:

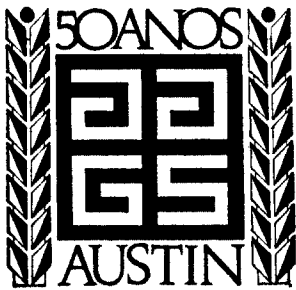
«Seguiremos as mesmas linhas fundamentais, mas entrando numa fase de execução imediata. Pode dizer-se que estamos agora numa breve fase de reflexão para podermos decidir rapidamente e com justiça.

Durante a cerimónia da sua posse, dissera, ontem, o prof. dr. Veiga Simão:

«O desejo incessante de corrigir os nossos próprios

erros; a humildade no seu reconhecimento; a permanente libertação de compromissos geradores de protelamentos indefinidos; a procura reflectida de soluções justas determinadas pelo bom-senso e largueza de espírito; a tolerância, pressuposto de uma formação mútua e esclarecida, são constantes que devem impregnar a nossa conduta. Só elas permitirão o diálogo criador entre todos os sectores da vida educacional».

ÊXITOS AUSTIN 1969 CAMPEONATO NACIONAL DE RALLIES



1.º LUÍS NETTO 2.º CÉSAR TORRES 3.º FERNANDO BAPTISTA

CLASSIFICAÇÕES SUJEITAS A HOMOLOGAÇÕES OFICIAIS

RALLY DAS CAMÉLIAS: 1.º DO GRUPO

2.º DA CLASSIFICAÇÃO GERAL CONDUZIDO POR LUÍS NETTO

RALLY DAS ANTAS: 1.º DO GRUPO CONDUZIDO POR LUÍS NETTO

GRANDE RALLY DO BENFICA VENCEDOR ABSOLUTO

CONDUZIDO POR CÉSAR TORRES

VOLTA AO MINHO VENCEDOR ABSOLUTO

CONDUZIDO POR LUÍS NETTO

RALLY DA MONTANHA VENCEDOR ABSOLUTO

CONDUZIDO POR LUÍS NETTO

RALLY DO FIM DO ANO (PROVA EXTRA CAMPEONATO)

1.º DA CLASSIFICAÇÃO GERAL CONDUZIDO POR FERNANDO BAPTISTA

2.º DA CLASSIFICAÇÃO GERAL CONDUZIDO POR CÉSAR TORRES

TAÇA DAS SENHORAS VENCEDOR ABSOLUTO

CONDUZIDO POR MARIA TEREZA TORRES

DIST. GERAIS: J. J. GONÇALVES SUCRS. S.A.R.L. LISBOA · PORTO · EVORA
BRAGA · SANTARÉM · MATOSINHOS · AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS

Necrologia

FALECIMENTOS

Augusto Ricardo



Augusto Ricardo

No Hospital de Santa Maria, faleceu o jornalista Augusto Ricardo, que também foi poeta de fina sensibilidade.

Augusto Ricardo Domingues Junior, de seu nome completo, nasceu em Porto Brandão, em Novembro de 1884, contando, portanto, 86 anos de idade.

Após ter frequentado o Liceu do Carmo e o antigo Instituto Industrial e Comercial de Lisboa, começou a dedicar-se à literatura, tendo publicado, entre outros, os livros «Agonias Perversas», «A Sombra do Homem», «Casquinhas», «Barretinas de Papel», «O Preceito de Sant'eu», «A Morte da Mãe Iugovitch», «Motivos de Teatros», «A Alfala Amora», «Figuras da Literatura Inglesa», «Horizonte Perdido», «Sentimentos e Opiniões», e outros ensaios. Em teatro, viu premiada a sua peça «Gente Caridosa», e, também, publicou, outras peças, com o título «Dois Fotogénicos», e que foi representada no Conservatório Nacional.

Além disso, Augusto Ricardo colaborou em vários jor-

nais e revistas, nomeadamente no «Século Ilustrado», «Prometeu», «Mundo Gráfico» e «Vida Mundial»; Augusto Ricardo fez parte das redacções do «Século», «Diário de Notícias», «A Noite», «Diário Liberal», «Diário da Noite» e «Jornal da Tarde» e foi chefe de redacção do semanário literário «O Diabo». Agora, estava aposentado após alguns anos de trabalho na redacção da «República». Em todos esses jornais, Augusto Ricardo, por mérito próprio, conheceu o calor da estíma e a graça da simpatia.

Augusto Ricardo era casado com a sr.ª D. Almiria Aleixo dos Santos Ricardo Domingues e irmão dos srs. Francisco José Ricardo Domingues e José Francisco Ricardo Domingues e das sr.ªs D. Leopoldina Ricardo Domingues Alexandre e D. Clotilde Ricardo Domingues Febrero.

O seu corpo foi hoje trasladado para a Casa da Imprensa onde ficará em câmara ardente até à saída do funeral que se realiza amanhã, às 11 horas, para o cemitério do Lumiar.

Eng.º José Lupi

Faleceu esta madrugada, no hospital da C.U.F. (para onde fora transportado de urgência) o sr. eng.º José Lupi. O extinto, que contava 67 anos, sucumbiu a um ataque cardíaco.

O sr. eng.º José Lupi era casado com a sr.ª D. Maria Amélia Freitas Pereira Lupi e pai das sr.ªs D. Maria de Lurdes Pereira Lupi d'Orey, casada com o sr. Hugo d'O-

rey; D. Maria José Pereira Lupi Caetano, esposa do sr. dr. Miguel Caetano, filho do sr. Presidente do Conselho; e, ainda, do cavaleiro taumáquico sr. eng.º José Samuel Pereira Lupi, casado com a sr.ª D. Maria do Carmo Duarte Silva Lupi.

O funeral do sr. eng.º José Lupi, ganadeiro e proprietário da Herdade do Rio Frio, realiza-se amanhã, pelas 12 horas, a cargo da Agência Magno, saindo o préstito da Igreja do Lumiar, para jazir no cemitério dos Prazeres. Às 10 e 30, será celebrada missa de corpo presente.

FUNERAIS

Fernando Barros Vieira Ramos

Da Basílica da Estrela para jazir no cemitério de Oeiras, realizou-se hoje o funeral do sr. Fernando Barros Vieira Ramos que ontem faleceu subitamente. Director comercial da Sacor, onde trabalhava desde a fundação da empresa, o sr. Fernando Ramos tinha 56 anos, era natural de Oeiras e residia em Lisboa, na Avenida Miguel Bombarda, 61, 3.º, dt.º.

Desde muito jovem também, o sr. Fernando Ramos interessou-se muito pelo desporto. Em 1952, foi director do Clube Desportivo de Paço de Arcos e, mais tarde, presidente da Associação de Patinagem do Sul. Já no Sporting Clube de Portugal, de que foi primeiro vice-presidente da comissão executiva das obras do Estádio Alvalade, desempenharia ainda as funções de vice-presidente da direcção do clube, com

o pelouro do futebol, sendo, actualmente, presidente do grupo «Stromps» e membro do conselho superior «leoni-no».

O extinto era casado com a sr.ª D. Maria da Conceição Couvreur de Oliveira Ramos, irmão da sr.ª D. Maria Helena Ramos Mora, casada com o sr. dr. Iário da Cunha Mora e do sr. Rui de Barros Vieira Ramos, casado com a sr.ª D. Irene Maria Rolim Pereira Ramos. Era cunhado das sr.ªs D. Maria Paula Rosado Couvreur de Oliveira e D. Maria Teresa Rosado Couvreur de Oliveira Fraga e do sr. dr. Guilherme Couvreur de Oliveira, do sr. Vasco Couvreur de Oliveira e do sr. eng.º Manuel Couvreur de Oliveira.

SUFRÁGIOS

Dr. António Caetano da Fonseca Monteiro

Por iniciativa de sua família, é celebrada amanhã, às 12 e 30, na Basílica dos Mártires, missa por alma do sr. dr. António Caetano da Fonseca Monteiro.

Ildefonso Antunes Pinto
Mandada celebrar por sua família, é rezada missa por alma do sr. Ildefonso Antunes Pinto, amanhã, às 10 e 30, na igreja de São João de Deus.

AGÊNCIA MAGNO

FUNDADA EM 1874
Não tem qualquer sucursal
na Av. Almirante Reis
Telefones 534167 P.P.C.A. (4
linhas) 43189/662772/288022



Ildefonso Antunes Pinto

Missa de 30.º Dia e Agradecimento

Sua família, participa que, amanhã, às 10.30 horas, na Igreja de São João de Deus, será celebrada Missa pelo seu eterno descanso, agradecendo a todos que se dignarem assistir àquele piedoso acto bem como aos que lhe manifestaram o seu pesar, a quem o não fizeram directamente por desconhecimento de moradas.

P. N. A. M.



Ildefonso Antunes Pinto

Missa de 30.º Dia e Agradecimento

J. ANTUNES PINTO & IRMÃO, LDA.
SANTOS TAVARES PINTO E ABREU, LDA.
ANTÓNIO BATISTA DOS SANTOS
ARNALDO CAMARINHA, LDA.
GAIVOTAS, LDA.

Participam que amanhã às 10.30 horas, na Igreja de S. João de Deus será celebrada Missa pelo eterno descanso, do seu saudoso sócio e bom Amigo.

P. N. A. M.

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

DEPARTAMENTO «S»:

O morto morreu duas vezes

Os actores Peter Wingard, Joel Fabiani e Rosemary Nicol desempenham os principais papéis do episódio «O morto morreu duas vezes», da série Departamento «S», a exibir pelas 22 e 40.

Temos que «Chris Lomax, famigerado criminoso procurado pela Polícia, aparece morto no seu apartamento. Na realidade, era apenas um seu sócio, o industrial Stanley Reeves, como se provou pelas impressões digitais colhidas. Postos na pista do criminoso, que agora se sabia estar vivo, os agentes do Depar-

tamento «S» conseguem, após acidentadas peripécias, descobrir o bandido, que prefere fazer justiça por suas mãos...

«Casei com uma feiticeira»

Realizado por William Asher, o episódio da série «Casei com uma feiticeira» que se exibe cerca das 20 e 55, revela que a firma de Darrin vai encarregar-se da publicidade de um livro de Osgood Rightmire sobre feitiçaria. Rightmire faz uma conferência em que condena todas as su-

persições sobre bruxedos e pronuncia um exorcismo para afastar todo o mal que lhe possam desejar. Samantha começa a desaparecer de vez em quando...

São intérpretes: Elizabeth Montgomery, Dick York, Agnes Moorehead e David White.

TV JUVENIL

ferir-se à figura de Cesário Verde, ouvindo-se na voz de Helena Domingos o poema de Mário Cesariny de Vasconcelos, «Homenagem a Cesário Verde».

«Juventude no Mundo» é preenchido com dois filmes. O primeiro vindo da Suíça, mostra imagens das emocionantes corridas de «Skeleto» na pista «Cresta» na estância de desportos de Inverno de S. Moritz, naquele país. O segundo, de origem australiana, é todo dedicado a cavalos e ponés.

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — Às 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: TV Juvenil; 20 e 15: Cantos TV; 20 e 30: Habitações Económicas; 20 e 55: «Casei com uma feiticeira»; 21 e 30: Telejornal; 22 e 5: O Jogo da Verdade; 22 e 40: «Departamento S»; 23 e 30: Marcha do Mundo; e Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: «Telejornal»; 22: Noite de Cinema «As rochas brancas de Dover»; 23 e 50: Fecho.

AMANHÃ — I Programa — Às 15: Abertura e Telejornal; 15 e 10: Nós, as mulheres; 15 e 40: Culinária; 16 e 05: TV Infantil; 16 e 35: Educação Musical (crianças); 16 e 55: Desporto em câmara lenta; 17 e 05: Estudo sem marcação; 17 e 55: Teledeporto; 18 e 25: Homens e aviação; 19: Telejornal; 19 e 15: «...E a vida continua...»; 19 e 30: Voleibol — Transmissão directa do jogo entre as equipas do Atlético de Madrid e do Porto para o Campeonato da Europa; 20 e 55: Série Juvenil; 21 e 30: Telejornal; 22 e 35: Estudo C; 23: Série do Oeste; 23 e 55: Marcha do Mundo e Fecho.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSION — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: O Grupo Coral de Santo António Aleixo da Restauração; 16 e 30: Roteiro musical português; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; 18 e 05: No mundo da canção; 18 e 20: Uma gota de sangue e renasce uma vida, programa do Instituto Nacional de Sangue; 18 e 40: No mundo da canção; 19 e 45: Rádio Rural — Música, só Música; 20: Diálogo sonoro; 20 e 20: Melodias por orquestras; 20 e 40: 14.º episódio do folhetim «Roca»; 21 e 30: Novidades em discos; texto e selecção de Paulo Medeiros; 22 e 05: O Homem e a Sociedade, pelo prof. dr. Ferreira de Almeida; 22 e 30: Fados por Alice Maya e Tristão da Silva; 22 e 50: Música ligeira; 23 e 05: Programa da noite; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 18: A orquestra Filarmónica, dirigida pelo maestro Igor Markevitch; 16 e 25: Curiosidades musicais; Concerto em dó maior, para flauta, oboé e orques-

tra, 17: Música de Câmara — Música Portuguesa: Sinfonia op. 13, em lá maior «A Pátria», de Viana da Mota, pela Orq. Sinfónica do Porto, dirigida pelo maestro Silva Pereira; 18 e 50: Convite à valsa, de Weber pelo pianista, Gabriel Tacchini; 19: Horizonte literário, por Amândio César e Mário António; 19 e 15: O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20: Diálogo sonoro; 20 e 20: O pianista Bernard Ringeissen, na execução de Estudos de Rachmaninoff; 20 e 30: Música de câmara; Música de bailado: trechos da «Capella», de Delibes, pela Orq. de Concertos Lamoureux, dir. por Jean Fournet; 22: A cantata «O Canário», de Telemann, pelo baritone Dietrich Fischer-Dieskau e conjunto instrumental; 22 e 18: O quarteto n.º 16, em si bemol maior, op. 130, de Beethoven, pelo Quarteto Húngaro, 22 e 58: Fecho.

Programa MF 2 — 94,3 mc/s — Às 23: A ópera em três actos «O Rapto do Serravallo» (Mozart); 0 e 50: Estudo n.º 6 em lá menor «Tema e Variações» (Liszt); 1: Fecho.

Rádio Universidade — 451 m — 665 kc/s — Às 9 e 10: Abertura; 19 e 12: 1.º Disco; 19 e 25: Panorama das ideias. 9 e 45: Fecho.

RÁDIO-CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento teatral; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-jornal; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 07: Europa musical; 20 e 30: Jornal das especulações; 20 e 45: Em fado...; 21 e 03: O Olavo fala consigo; 21 e 15: Música tradicional e palestra religiosa; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Grande roda, 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa da Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 03: Banda Sonora; 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Conjunto; 19 e 30: Estúdio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 02: Orquestras; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 45: Mensageiro do evangelho; 22 e 02: Primeiro piano; 22 e 15: Novas de alegria; 22 e 30: Caracol; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 283,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiograma; 18 e 05: Claque; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos Sócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média 188 m — 1594 kc/s — Rádio Peninsular — Das 7 às 8 das 0 às 12 e das 19 e 30 às 22 — Rádio Voz de Lisboa — Das 17 às 19 e 30 e das 22 às 2 — Clube Radiofónico de Portugal — Das 12 às 14 e 30 — Rádio Graça — Das 8 às 10 e 14 e 30 às 17.

O JOGO DA VERDADE:

«O DIÁRIO»

O quinto episódio da série «O Jogo da Verdade», escrito por Costa Ferreira, intitula-se «O Diário», e é transmitido pelas 22 e 5. Além de Eunice Moñoz e

Sinde Filipe, nele participam, ainda: Carmen González e Costa Ferreira. Os cenários são de António Botelho e a realização de Oliveira Costa.

TELENÓTICIAS

* A R. T. P. aderiu à transmissão directa de parte do Campeonato do Mundo de Ski Alpino, que se realiza de 7 a 15 do próximo mês, em Selva di Val Gardena na Itália.

* Esta semana foram gravados três programas da série musical «Estúdio C», com a participação do Duo N'Gola e dos cançoneiros Maria José Valério e Diamantino.

Noite de Cinema:

«AS ROCHAS BRANCAS DE DOVER»

Esta rubrica, a apresentar pelas 22 horas, é preenchido pelo filme de grande metragem «As rochas brancas de Dover» («The White Cliffs of Dover»), já exibido no I Programa, em 2 de Maio de 1967.

Trata-se de um filme realizado por Clarence Brown e interpretado por Irene Dunne, Alan Marshal e Peter Lawford.

canal da crítica

CONVERGIR, NÃO CONVERGIR: EIS AQUI ESTÃO!

A palestra de Duarte Ivo Cruz foi perfeitamente insuportável. Se as palestras já se suportam com dificuldade cá fora, que fará na televisão? No fundo, até acredito que assistisse a Duarte Ivo Cruz a melhor das intenções. Mas o formalismo, o literatismo que empregou serviram de cascas de banana às tais boas intenções.

Igual heroísmo necessitaria o público para ouvir até ao fim a página desgraçadamente escolhida do último livro de Vingilho Ferreira.

O capítulo mais sugestivo da rubrica, porém, terá sido aquele que se referiu à comemoração dos 50 anos de vida literária de Fernanda de Castro. Parte da reportagem fo-

ra já transmitida em Telejornal, onde encontráramos já David Mourão-Ferreira, Natália Correia, Ary dos Santos, Vitonino Nemésio, etc., etc., enfim, pessoas que, na

opinião de «Convergência», não querem saber de tabulelas.

Nessa homenagem vimos longas filas de mesas dispostas para o jantar. Não se tratou, julgo eu, de mais um tropo: era culinária e a sério. Não fazem mal às musas as lagostas, evidentemente. Sucede até que os poetas, com a sensibilidade apuradíssima com que Deus os do-

tu, estão naturalmente indicados para apreciar os manjares mais requintados. E de-

(Continua na pág. seguinte)

Grupo cénico da Philips

Hoje, amanhã e depois, apresenta-se, no «Primeiro Acto», na Rua Eduardo Augusto Pedreiro, 16-A, em Al-gés, às 21 e 45, o grupo cénico da Philips Portuguesa, com o espectáculo com que participou no Ciclo do Teatro Amador na Empresa.

As peças a apresentar são «O Noivado do Dafundo», de

Almeida Garrett, e «O Lustre Confessionista», de dois novos autores portugueses, Roque e Lira.

Colaboram neste espectáculo Lurdes Medeiros, M. Trindade, Maria da Luz, Maria Laurinda, Pedro Cordeiro, Júlio Silva, A. Vargas, Fernando Ramos, A. Sardinha, Robalo Pires, F. Prazeres, A. Neto e Amílcar Sá.

LICENCIADO

(EM ECONOMIA OU FINANÇAS)

EMPRESA PRIVADA, COM SEDE EM LISBOA, PRETENDE ADMITIR LICENCIADO EM ECONOMIA OU FINANÇAS, COM ALGUMA EXPERIÊNCIA DE GESTÃO FINANCEIRA, PARA EXERCER A SUA ACTIVIDADE NO SERVIÇO DE CONTROLE DE GESTÃO. OS CANDIDATOS DEVERÃO ENVIAR O SEU «CURRICULUM VITAE» A ESTE JORNAL, AO N.º 409.

AUTO-MONUMENTAL DO AREEIRO, SARL

AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA

VOLKSWAGEN

AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, 8C e 8D

(AO AREEIRO) TELÉF. 727654-727665-713057



Carros e furgonetas
amplas facilidades
de pagamento,
peças legítimas,
estação de serviço
e oficinas

SALDOS DE ARTIGOS DECORAÇÃO, ESTOFOS, CARPETES e TAPETES

Artigos sem defeito

HOJE CONTINUA O SUCESSO

GRANDIOSO LOTE

CARPETES, desde 100\$00

TAPETES, desde 15\$00

TERILENES, desde 10\$00

TECIDOS desde 30\$00

RAUL NETO, LDA. — Praça da Figueira, 18-2.º, c/ elevador (esquina Rua da Prata — Junto ao sinaleiro)

ESTUDANTES!

3.º CONCURSO ESCOLAR

DE PINTURA E DESENHO

CISNE

RECEPÇÃO: ATÉ 31 MARÇO 70

Compre a melhor vista de mar comprando APARTAMENTOS MOBILADOS ou moradias a J. PIMENTA, S.A.R.L. em Cascais (Pampilheira)

A 1000 metros da praia e caminho de ferro, mercê duma situação privilegiada desfrutará duma vista panorâmica sobre o mar e Serra de Sintra.
Rendimento de 6 a 10 % garantido por escritura pública, durante 6 e até 18 anos, à escolha do cliente.

Visite o apartamento-tipo em exposição na Rua Regimento Infanteria, 19, n.º 30, em Cascais

J. PIMENTA, S.A.R.L.

LISBOA — Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º — Telex 45843 e 47843
QUELUZ — Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70

CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA EDITAL

LUÍS ROSADO FÉRIA THEOTÔNIO, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE VILA FRANCA DE XIRA:

FAZ SABER que, de acordo com a deliberação da reunião ordinária de 30-12-69, aceita propostas, até ao dia 30-1-70, para o fornecimento de «Slides» alusivos à Festa do Colete Encarnado ou quaisquer outras imagens da região ribatejana, os quais serão seleccionados com destino à execução do «Cartaz» da Festa do Colete Encarnado do ano em curso.
Paços do Concelho de Vila Franca de Xira, 12 de Janeiro de 1970.

O Presidente da Câmara
Luís Rosado Féria Theotónio

PRÉDIO

ALCÂNTARA

Construção antiga, em bom estado, composto de 7 inq., hab. 4 div. soalhas, cozinha, casa de banho e corredor.
Rendimento — 57.660\$00. Preço — 900.000\$00.

MOSTRA E TRATA
«A CONFIDENTE»

Rossio 3-2.º — Telef 369384/5/6 - 328232/3 - 361756



Berta Branca dos Santos

MISSA DO 7.º DIA

Raul Augusto dos Santos, Ilda Luciana dos Santos e Ilda Luciana dos Santos Capinha Rodrigues participam que amanhã, dia 17, às 19.30 h., na Igreja de N.ª S.ª da Saúde, mandam celebrar missa, rogando a Deus pelo eterno descanso da sua muito querida mulher, mãe e avó, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

Comunicado do S.I.P.

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que faleceu em combate, na província de Moçambique, o capitão de infantaria Adelino Oliveira Nunes Duarte, de 31 anos, natural de Retaxo, Castelo Branco, filho do sr. Joaquim Nunes Duarte e da sr.ª D. Maria da Piedade de Oliveira, o qual havia seguido para aquela província ultramarina em 17 de Agosto de 1968.

Na mesma província morreram também em combate, o 1.º cabo n.º 07342068, António Silva Loureiro, natural da freguesia de Bonfim (Porto), filho do sr. João Loureiro e da sr.ª D. Ana Rosa Silva; e o 1.º cabo n.º 12367069, Hídio Carvalho Magalhães, natural de Vila Nova (Celorico de Basto), filho do sr. Avantino Magalhães e da sr.ª D. Maria das Dores Magalhães Carvalho.

Finalistas da Escola

Técnica de Faro

FARO, 16 — Decorre amanhã o baile dos finalistas da Escola Industrial e Comercial, o qual se integra num vasto programa de manifestações que os alunos do último ano levam a efeito, com vista à sua despedida da escola.



Dona

Helena Gomes
Corrêa dos Reis

FALECEU

José Pedro dos Reis, seus filhos e mais família, participam que foi Deus servido chamar à Sua Divina presença a sua muito querida mulher, mãe e parente, e que o funeral se realiza amanhã, pelas 11 horas, da Igreja de Nossa Senhora de Fátima, para cemitério a determinar.

AGÊNCIA BARATA

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

poetas que mal há em que os poetas conviriam para o baciahu... com todos?
Humildemente poder-se-ia concluir que não haverá melhor maneira de homenagear um poeta que ler os seus

Militares falecidos no Ultramar

BISSAU, 16 — (L.) — Faleceram na Guiné, por acidente, o fuzileiro piloto Alberto Soares Moutinho, e o soldado n.º 82044866, Uam Sambu.

Na mesma província morreu por doença o soldado n.º 02937169, Manuel José Rodrigues Soares Paulo.

DILI, 16 — (A. N. L.) — Devido a doença morreu em Timor o soldado do recrutamento local n.º 88309069, Mário Timenes, natural de Maturo, filho de Daniel Timenes e Ana Timenes.



**BENTO DA SILVA
FERNANDES**

Oficial do Exército

FALECEU

Sua mulher, irmã, filhos, netos e mais família participam o falecimento do seu muito querido marido, irmão, pai, avô e parente tendo-se realizado o funeral no passado dia 13. Esta participação é feita depois do funeral por decisão prévia do defunto.

A família agradece a todas as pessoas as atenções que se dignaram dispensar-lhe nesta hora difícil.

AGÊNCIA MEGA

versos. Era o que se deveria fazer em relação a Fernando de Castro quanto mais não fosse para demonstrar que, ali, havia alguma coisa mais do que mera razão de longevidade. A afirmação produzida em «convergência» de que estávamos em presença «de um grande poeta» não pode demonstrar-se ao nível do bife com batatas fritas: só o conhecimento dos versos pode garanti-la. As múltiplas actividades de Fernando de Castro foram de certo apreciadas pelos convidados à sua mesa; mas o público telespectador exigia outra espécie de prova. Tive de contentar-se com imagens, enquanto outros se contentavam mais concretamente

O serão foi totalmente

preenchido com um episódio da série «O jogo da vida» intitulado «A flor de anáguas». Os «hippies» são uns «rufias», um rapto, um resgate de 7500 contos, um contabilista de «gangsters» aposentado, uma irmãzinha gananciosa, uma tristeza de vida. Desta vez o maior dos «gangsters» não tinha culpa nenhuma, colado, Intrigas. Ele não é mais do que um simples comerciante. Faz o seu comércio de gatunagem por atacado e só pede que o deixem fazer isso em paz. É justo. Os «gangsters» também não podem ser culpados de tudo, caramba. Já basta o que basta, perdão!, já basta o que basta.

MARIO CASTRIM

FERGUSON

A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

Oferta excepcional

15 VOLUMES ENCADERNADOS A ESCOLHA
PAGOS SUAVEMENTE

em 10 prestações mensais de 52\$50

Entrega das obras contra o primeiro pagamento

Obras encadernadas em balacuir de

ALEXANDRE HERCULANO

AQUILINO RIBEIRO

CAMILO CASTELO BRANCO

CHARLES DICKENS

JULIO DINIS

STEFAN ZWIEG

WALTER SCOTT

170 autores de várias nacionalidades, sendo: 200 volumes originais de autores portugueses e brasileiros — 200 volumes, traduções portuguesas, mencionados numa lista que remetemos, grátis e sem qualquer compromisso, a quem a solicitar. Todas as obras têm o formato mínimo de 0,19x0,12 m. O número de exemplares disponíveis para esta oferta é limitado. Solicite imediatamente a lista à LIVRARIA CIVILIZAÇÃO — PORTO — Telefone 22286, ou à sua Filial em Lisboa — Av. Almirante Reis, 102, r/c., Dt. — Lisboa-1 — Telef. 58796 e 58798

Recortar este cupão

e remeter a

LIVRARIA
CIVILIZAÇÃO

Rua Alberto Aires
de Gouveia, 27
PORTO

D. L. — Desejo receber, grátis e sem qualquer compromisso, a lista das obras da OFERTA EXCEPCIONAL e um impresso-proposta para a sua aquisição

Nome

Morada

.....



ENG.º JOSÉ LUPI

FALECEU

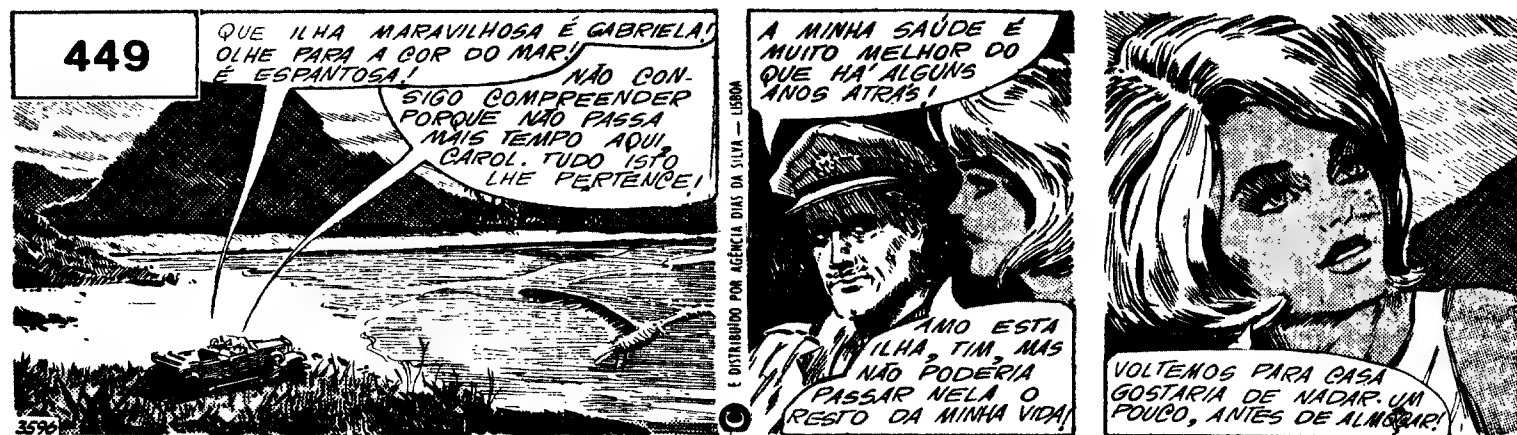
Maria Amélia Freitas Pereira Lupi, Maria de Lourdes Lupi d'Orey e seu marido Hugo d'Orey e filhos, Maria José Lupi Caetano e seu marido Miguel Caetano e filhos, José Samuel Pereira Lupi e sua mulher Maria do Carmo Duarte Silva Lupi e filhos e mais família cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus Servido Chamar à Sua Divina Presença o seu muito querido marido, pai, sogro, avô e parente e que o funeral se realiza amanhã dia 17, às 12 horas, saindo da Igreja do Lumiar para jazigo no cemitério dos Prazeres. Às 10,30 horas será celebrada missa de corpo presente.

AGÊNCIA MAGNO — Telef. 534167

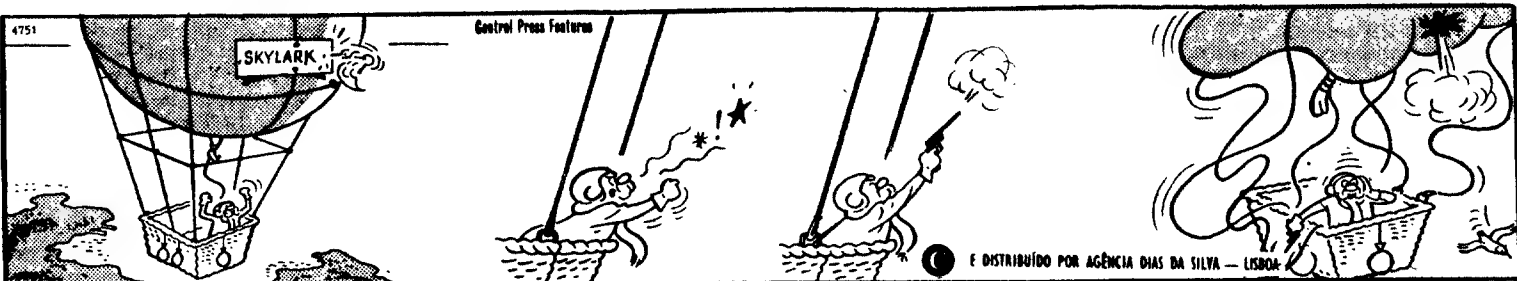
Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

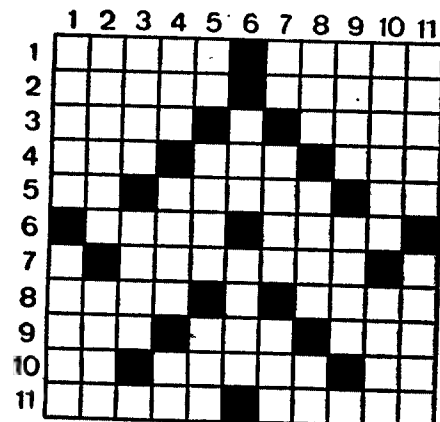
(COM PROVÉRBIOS)

PROBLEMA N.º 5418

HORIZONTAIS: 1 — Ligo de cobre ou zinco. Antra 2 — Perfume. Combinam. 3 — Pronome indefinido. Terra argilosa com a qual se fazem tintas empregadas em pintura. 4 — Patrão. Tomba. Apellido. 5 — Nota musical. Mistério. Artigo definido. 6 — Fechar as asas para descer mais depressa. Lavram. 7 — Desmontaram. Artigo definido. 8 — Vagueia. Bosque. 9 — Dá mios. Pronome possessivo. Ribeiro do distrito de Portalegre. 10 — Rio de Itália. Tarifa. Aqui. 11 — Restos montais. Arma indiana.

VERTICAIS: 1 — Ator época 2 — Fios de latão. Cursos de água natural e abundante. 3 — Completo. Palmeira do Amazonas. 4 — Gosta muito de. Cobertura. Coisa sem valor (Fig.). 5 — O sono das crianças. Enrubesça. Saudáveis. 6 — Progenitor. Homem que não crê em Deus. 7 — Nota musical. Rio da Alemanha. Joieira. 8 — Grito. Lavram. Viração. 9 — Abastada. Aves peraltas. 10 — Relatam. Habitação pobre. 11 — Gostais muito de. Irmão de Moisés.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5417

HORIZONTAIS: 1 — Amua. Cataya 2 — Ferrai. Riem. 3 — Inr. Morra. 4 — Arai. Sopa. 5 — MARTA. Raros. 6 — Aló. Le 7 — Carça. Afiam. 8 — Alia. Ugam. 9 — MAS. Aroam. 10 — Bica. Toco. 11 — Asas. Sitaras.

VERTICAIS: 1 — Afiam. Camba. 2 — MORRA. Alois 3 — Unrar. Risca. 4 — Ar. Itaca. As. 5 — Ao. Ala. Id. 6 — Qi. As 7 — Mor. Agá. 8 — Tropa. FARTÁ. 9 — Alar. Impar. 10 — Ver. O. Aca. 11 — Ama. Sem. Mós.

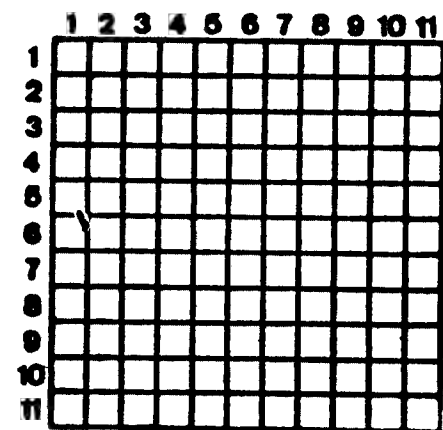
PROVÉRBIOS: Morra Marta, uma morra farta.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9261

HORIZONTAIS: 1 — Oráculo. A morte. 2 — Calhaus. Superfícies planas delimitadas. 3 — Margrete natural. Catafalco. 4 — Diverso. Espiohar. 5 — Sacerdócio (Fig.). Rezara. 6 — Celonico. 7 — Estacionas. 8 — Estolar. Domestica. 9 — Anneda. Içana. 10 — Fogo, na língua tupi. Apellido. 11 — Guarnecéis de asas. Andamento.

VERTICAIS: 1 — Freguesia do concelho de Vila Nova de Gaia. Pé de animal. 2 — Borda de barrete. Quadras. 3 — Desvia. Peleja. 4 — Gemia. Remuneral. 5 — Artigo definido. Avaliara. 6 — Sufixo que designa estado. 7 — Deus dos pastores. Rosada. 8 — Limpar metais. Une com solda. 9 — Sobrar. Em mais alto grau. 10 — Unir por casamento. De alto preço (pl.). 11 — Guarneceram de asas. Cabo da Costa de Portugal.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9260

HORIZONTAIS: 1 — Carpa. 2 — Cibra. Ápia. Pios. 3 — Pesca. Barca. 4 — Arcos. Arrás. 5 — Tosa. Lear. 6 — Mas. R.a. Sim. 7 — Ar. Canda. Al. 8 — Semeana. 9 — Apar. Mma. 10 — Calro. Parar. 11 — Assou. Amara.

VERTICAIS: 1 — Capó. Macaca. 2 — Apertar. Pás. 3 — Riscos. Sais. 4 — Paços. Ceira. 5 — Asaram. Ou. 6 — Irem. 7 — Balada. Pá. 8 — Apare. Amam. 9 — Birras. Afra. 10 — Roçaria. Mar. 11 — Asas. Minara.

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

Conselho Administrativo

CHEFIA DO SERVIÇO DE ORÇAMENTO E ADMINISTRAÇÃO

R. Rodrigo da Fonseca, 180

ENCARGOS RELATIVOS AO ANO ECONÓMICO DE 1969

Para os efeitos devidos, torna-se público que os pagamentos relativos aos encargos em epígrafe só serão efectuados de acordo com a lei, até ao dia 14 de Fevereiro de 1970, impreterivelmente declinando-se toda a responsabilidade no pagamento dos recibos apresentados posteriormente àquela data.

Lisboa, 12 de Janeiro de 1970
O Presidente do C. A.
Aldeiro da Encarnação Pires
Coronel do S. A. M.

BONS PRÉDIOS EM BENFICA

VENDEM-SE
A RENDAR 6% COM
RENDAS MODERNAS
E ANTIGAS

TRATA:
FERMIN GALLEGO
Av. 5 de Outubro, 23-1.º
Telef. 4 59 34

SINTRA ESPERA-NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize
os comboios eléctricos.

Dimplex



Em 41 países os radiadores DIMPLEX a infra-vermelhos significam actualmente — calor confortável, duração e economia. DIMPLEX contém as inovações de uma técnica insuperável e toda uma elegância de, uma intimidade exigente.

A venda nas boas lojas de electrodomésticos
PEÇA CATALOGOS GRÁTIS

Representantes Exclusivos:

RAFAEL BURGUETE, LDA.

R. ANTÓNIO ENES, 20-1.º, TEL. 53 50 57 - LISBOA

R. DR. ALFREDO DE MAGALHÃES, 99 - PORTO

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 16 de Janeiro de 1940 publicava:

«Nada mais justo que esta consagração. Só há que perguntar: porquê tão tarde? É que na vida deste homem, longa, séria, trabalhosa e dedicada à arte — setenta e cinco anos — alguma coisa de muito grande ficou na pintura portuguesa. Velloso Salgado tem direito ao título de mestre, um mestre indulgente, na sua cátedra das Belas-Artes, quarenta anos de gerações sucessivas que lhe passaram pelas mãos, e mesmo fora delas, para aqueles que respeitam o divino ofício de pintar.»

Banco da Agricultura LISBOA CONVOCAÇÃO

É convocada a Assembleia Geral deste Banco para, em sessão ordinária, a efectuar no próximo dia 5 de Fevereiro, pelas 15 horas e na sua Sede Social:

- 1.ª — Discutir, aprovar ou modificar o Relatório, Contas e mais documentos apresentados pelo Conselho de Administração, bem como o parecer do Conselho Fiscal, relativos ao exercício findo de 1969;
- 2.ª — Proceder à eleição da Mesa da Assembleia Geral, dos Corpos Gerentes e dos dois vogais da Comissão a que se refere o Art.º 13.º dos Estatutos.

Lisboa, 12 de Janeiro de 1970
O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
João Garcia Nunes Mexia

DESPORTO DESPORTO DESPORTO

SÁBADO DESPORTIVO

VOLEIBOL FEMININO — TAÇA DOS CAMPEÕES

AS MARIAS DO BENFICA QUEREM VENCER AS AUSTRIACAS

Batidas por 3-1 no jogo de primeira mão da primeira eliminatória da Taça dos Campeões Europeus, em voleibol feminino, disputado em Viena contra o Campeão Austriaco, as «Marias» do Benfica preparam-se para uma sensacional desforra amanhã, à noite, no Pavilhão da Luz.

Admite-se, mesmo, entre os espiritos mais optimistas, a possibilidade de um triunfo capaz de permitir a passagem á segunda eliminatória. É uma esperança que tem tanto de sonho como de convicção da equipa nas suas possibilidades. O ambiente é de justificada expectativa, ainda que seja indiscutível a superioridade das raparigas austriacas, fisicamente mais fortes e beneficiadas por um contacto internacional que neste extremo ocidental da Europa não é possível.

Ontem, á noite, esta simpática equipa benfiquista treinou-se aplicadamente no Pavilhão da Luz, sob a orientação de José Magalhães, técnico responsável pelo voleibol feminino do Benfica. A vontade e o entusiasmo não faltam no ambiente criado por esta equipa, que se notabilizou apenas por ser formada á base do Benfica, tendo já ultrapassado aquela fase de incipiência, tão comum no desporto feminino português.

Adelaide Canas (Maria) é a mais antiga das jogadoras efectivas da equipa. Quase um símbolo de dedicação á modalidade e verdadeiro amor pelo clube, Formada em Medi-

cina, começa a escassear-lhe o tempo para o desporto. De hospital em hospital, no exercício da sua profissão, tem dificuldade em manter a «forma»:

«Jogo há doze anos no Benfica. Estou em baixo de «forma» porque o tempo mal me dá para o trabalho. Entrei na selva da vida!»

Na Áustria não conseguimos opanhar o ritmo da equipa adversária

«Temos esperança, claro!», declarou-nos, a seguir, Maria Teresa Fernandes. — O jogo lá foi mais ou menos equilibrado, excepto o primeiro «set». Não conseguimos apanhar o ritmo que elas impuseram.

E justifica: — É raro nós termos competições internacionais e por isso estranhámos um ritmo excessivamente acelerado. Além disso, o cansaço da viagem, que foi má, prejudicou-nos bastante.

Estagiária no I. N. E. F. Maria Teresa Fernandes, que já lecciona na Escola Marquês de Alorna, encontra no voleibol a realização das suas aspirações desportivas. Atenta, portanto, a todos os

menores técnicos da modalidade, veto da Áustria com uma ideia muito concreta do valor das jogadoras austriacas, mas não encara o jogo com pessimismo.

«A equipa austriaca é superior á nossa e tem uma coisa que a favorece muito: uma grande uniformidade de valores. Eliminá-la é difícil mas ganhar o jogo julgo que é possível. Precisamos principalmente de apoio. Na Áustria tivemos uma pequena «claque» de portugueses. Eram apenas sete mas oviam-se. E deu resultado.

Madalena Canas, professora de Educação Física no Liceu Rainha D. Amélia, é um nome conhecido na modalidade. Uma carreira desportiva que já vai em dez anos, e uma indiscutível classe colocam-na no primeiro plano do nosso desporto feminino. Considera o jogo com as austriacas, difícil, mas possível de ser ganho pela turma benfiquista.

«As nossas possibilidades são reduzidas quanto a mim. No entanto, existem algumas desde que a nossa equipa renda o seu melhor e que ache um incitamento exterior sempre necessário e que faz com que as equipas cresçam. Tendo em conta que jogamos em «casas» talvez a coisa vá. As austriacas não são francamente melhores do que nós. Estávamos á espera de mais, uma vez que a Áustria está encravada junto das



MADALENA CANAS: «Talvez a coisa vá...»

grandes potências desportivas e portanto com facilidades grandes de contactos internacionais. Nota-se sob o aspecto tático que podem pôr em prática certos conhecimentos, que nós também temos, mas não podemos por vezes aplicar por falta de uniformidade de condições nos elementos que constituem a equipa.

Quem ajuda as «Marias do Benfica» nesta empreitada internacional? A resposta pode ser dada por todos os entusiastas que amanhã se deslocarem ao Pavilhão da Luz, onde as espera uma equipa voluntariosa e disposta a prestigiar o voleibol nacional, que merece apoio incondicional.

ACTIVIDADES DA F. N. A. T. — Campeonato Nacional de futebol (distrito de Lisboa), nos campos de Alvalade, Moscavide, Picheleira, Boa Hora, Marvilla e Pina Manique.

ANDEBOL DE SETE — Campeonato de Lisboa, da 1.ª Divisão: Passos Manuel-Técnico, Belenenses-Almada e C. N. O. C. A.-Benfica, no pavilhão de Campo de Ourique, a partir das 20 e 30 horas.

— Campeonato de Lisboa, da 3.ª Divisão: Ateneu-S. L. Aguias, Sp. Penha-Mirante e Caramão-Amadora, no pavilhão do Estádio Universitário, a partir das 20 e 30 horas.

— Campeonato de Lisboa, de Juniores: 1.ª Divisão, Sporting (A)-C. Ourique, às 18 horas; 2.ª Divisão, Oriental-C. D. U. L., às 17 horas, ambos no pavilhão de Campo de Ourique.

— Campeonato de Lisboa, de Juvenis: P. Manuel (C)-Encarnação, P. Manuel (A)-Paredes e C. Ourique-Boa Hora, no pavilhão da Ajuda, a partir das 17 e 30 horas.

AUTOMOBILISMO — «Rallye» Nocturno do Sporting, partida do Estádio de Alvalade, às 12 horas.

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da 1.ª Divisão (fase metropolitana), 1.ª jornada: Sporting-F. O. Porto, às 22 e 30, no pavilhão da Ajuda; Barreirense-Vasco da Gama (21 e 30), B. P. M.-Belenenses (21 h.), Académico-Marinhense (22 e 30), Ginásio Figueirense-C. U. F. (22 e 30) e Académica-Benfica (21 e 30), nos recintos dos clubes indicados em primeiro lugar.

BI LHAR — Campeonato Nacional, a uma tabela, na A. L. A. B., na Rua Gonçalves Crespo, 28-B: 2.ª sessão, às 15 horas; 3.ª sessão, às 21 horas.

CICLISMO — Distribuição de prémios das provas organizadas pela Federação Por-

tuguesa de Ciclismo, na sua sede, às 22 horas.

ESGRIMA — Taça «General Pereira de Castro» (florete, ind.) e Taça «General Campos de Andrada» (sabre, ind.), no ginásio da Academia Militar, às 15 horas.

FUTEBOL — Posse dos novos corpos gerentes da Federação Portuguesa de Futebol, na sua sede, às 14 e 30 horas.

— Campeonato de Reservas da A. F. L.: Casa Pia-Torrensense, Alhandra-Estoril, Sacavenense-Algés e Oriental-Atlético, nos campos dos primeiros, às 16 horas.

— Campeonato de Reservas da A. F. Setúbal: Almada-Amora, Seixal-Montijo Lusitana-Trafaria, Sesimbra-Barreirense e O. U. F.-Cova da Piedade, nos campos dos primeiros, às 16 horas.

— Torneio dos Órgãos de Informação, 2.ª jornada: Capital-Mundo Desportivo (Pina Manique), R. T. P.-Século (Pot. de Água), Jornal do Comércio-Diário de Notícias (Algés), Rádio Clube-Notícias (Palma) e Diário Popular-Rádio Universidade (Benfica) — todos às 16 horas.

GOLFE — Taça «António Casanova», em singulares (homens e senhoras), por partidas, com abono, para apuramento dos quatro primeiros, no campo do Estoril.

KARATE — Curso de estágio, no Centro Português de Karate, na Paredes.

LUTA GRECO-ROMANA — Campeonato Nacional, por equipas, 2.ª jornada: Mercês-Baixa da Benficeira, Belenenses-Académica da Amadora, Benficeira-Runa e Ateneu-Sporting — nos recintos dos primeiros, às 22 horas.

NATAÇÃO — Torneio de Inverno, na piscina do Arceiro, às 21 e 15.

RAGUEBY — Campeonato Nacional da 2.ª Divisão: Regentes de Santarém-Belenenses, em Santarém, às 16 horas.

VOLEIBOL — Eliminatória (2.ª mão) da Taça dos Campeões Europeus (feminino), Benfica-Blau Gellb, incluída num festival misto, no pavilhão do Estádio da Luz, às 15 e 30.

CUF-BARREIRENSE ÀS 14.45 HORAS

O encontro de futebol que se disputa no próximo domingo, no Lavradio, entre o Desportivo da Cuf e o Barreirense a contar para o Campeonato Nacional da 1.ª Divisão começará às 14 e 45, sofrendo, portanto, o seu início uma antecipação de quinze minutos.



A época de ciclismo está a começar. Os corredores preparam-se para a sua campanha de milhares de quilómetros, os clubes cuidam das suas representações. Uma novidade no Sporting: a passagem de Sérgio Páscoa para o cargo de treinador. Aqui vemos a dirigir os ex-colegas, reconhecendo-se Firmino Bernardino

Acontecimentos DE ONTEM

BASQUETEBOL

O Algés conquistou os títulos regionais de juniores e juvenis

Disputaram-se ontem, á noite, no Pavilhão da Tapada da Ajuda as finais dos campeonatos regionais de basquetebol.

O Sport Algés e Dafundo estava interessado nos dois torneios e conquistou os dois títulos.

Na final de juvenis o conjunto de Algés venceu o do Belenenses por 34-28 e em juniores foi por 43-34 a vitória sobre o Benfica.

Nas duas finais realizadas, as equipas apresentaram as seguintes formações:

JUVENIS — Algés, 34-Belenenses, 28.

Algés — Ezequiel (9), Cristo (2), Figueiredo (10), Gama (1) e Baírrada (12).

Belenenses — José Manuel (9), Anselmo (11), Paulo, Singels (2) e Saramago (6).

JUNIORES — Algés, 43-Benfica, 34.

Algés — Mário José (7), Rendeiro (13), Couto (10), Durbalino (3) e Jordão (10). Benfica — Gonçalves (6),

Costa (8), Ferreira (3), Guedes (9), Albuquerque (8), Rosa, Penetra e Coelho.

ANDEBOL

Campeonato de Lisboa da 2.ª divisão

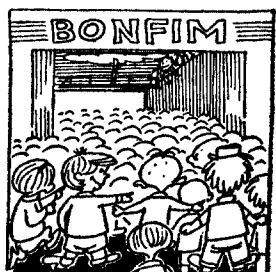
Foram os seguintes os resultados apurados na jornada de ontem do campeonato de andebol de Lisboa da 2.ª divisão que se efectuou no Pavilhão da Ajuda:

Casa Pia, 14-Vendedores de Jornais, 24; Boa Hora, 12-Oriental, 12 e C. I. F., 28-Encarnação, 25.



É ENTRAR, É ENTRAR!!!

O Vitória de Setúbal, como também o Belenenses, dá entrada no



Bonfim a todos os garotos que desejem assistir aos jogos da sua equipa.

Em vez da mendicância degradante — «deixe-me entrar consigo» — o garoto de hoje e praticante ou espectador de amanhã figura como convidado de honra.

Ainda há, felizmente, quem tenha as vistas largas.

SENHORA MASSAGISTA

D. Manuela Eusébio é a massagista do Nazarenos. Rompendo com as tradições e com os hábitos — até agora tal tarefa apenas competia aos homens — aquela senhora deita mão aos músculos dos jogadores da Nazaré e trata-lhes as mazelas e as lesões.

Cavém — treinador-jogador da equipa — continua, portanto, a contar com Eusébio. Não com o famoso moçambicano mas sim com D. Manuela.

«O HOMEM QUE DORMIA NO CHÃO»

Carlos Pinhão não dorme. Nem no chão. Jornalista-humorista acaba, este jornalista-humorista acaba.



ba de tirar o Tamisa a Londres e de atirar para o mercado uma nova obra, que é obra.

Aqueles que minimizam o labor do escriba do Desporto devem ver como afinal, o pontapé na bola não obriga os seus críticos a dar pontapés na gramática.

OUTRO PAPEL PARA CARLOS MANUEL

Carlos Manuel deixou o futebol. Disse adeus ao Vitória de Guimarães e ingressou numa firma que negocia em papel.

Um jogador que parte sem ter dado tudo quanto podia. Mas o futuro preocupava-o e o ultramarino decidiu resolve-lo a tempo e horas. Oxalá seja feliz no seu novo «papel»...

OS POMBOS DE TORRES

Torres não quer a cabeça apenas para fazer golos. Também se serve dela para pensar e criar gosto por outras modalidades além do futebol. Deste modo, o «internacional» benfiquista armou em «ganadero» de pombos e a sua criação é tão seleccionada que ganha prémios uns atrás dos outros.

Palmas a Torres e aos borra-chos...

O «BONECO» DO VASCO

O Vasco de Oliveira, conhecido fotógrafo e belenenses dedicado, recebeu uma recompensa do seu clube por ter proposto um sócio que perfazia mais um milhão de «azuls». O acontecimento deu motivo a retrato nos jornais e o mais curioso é que o Vasco, autor de tantos «bonecos» ao longo da sua



carreira, ficou realmente todo «boneco» naquele em que foi ele o locado.

DESPORTO

«MEIA VOLTA» AO VIETNAM EM BICICLETA

COM CARROS DE APOIO BLINDADOS E DETECTORES DE MINAS

SAIGÃO, 16 — (R.) — Noventa intrépidos ciclistas, precedidos por carros blindados e detectores de minas, partem no domingo para disputarem talvez a prova desportiva mais perigosa do mundo — a meia volta ao Vietnam em bicicleta.

A prova foi organizada para confirmar a teoria governamental de que 97 por cento do território nacional é controlado pelas autoridades de Saigão. No entanto a «meia volta» é assim chamada porque o trajecto não abrange todo o Vietnam do Sul mas apenas uma extensão de 800 quilómetros.

Mesmo assim, os ciclistas serão constantemente acompanhados por uma escolta armada e as estradas serão sobrevoadas por helicópteros que

abrirão fogo de metralhadora e lançarão foguetes para repelir qualquer emboscada do Vietcong.

Esta corrida será muito menos ambiciosa do que a Volta completa ao Vietnam do Sul que tinha sido projectada no ano passado mas acabou por ser cancelada. Dessa vez os organizadores pensavam fazer 16 etapas no total de 2145 quilómetros desde o extremo norte até ao extremo sul do país, mas este ano a prova começa na cidade costeira de Nha Trang situada no centro e termina em Long Xuyen, no delta do Mekong. Dividem-se em seis etapas apenas mas os concorrentes terão de passar das regiões planas e húmidas da costa até às montanhas centrais onde o ar é frio e seco a 1700 me-

tros de altitude, antes de descender novamente para os arrozais do sul.

Os organizadores da prova gastaram mais de um milhão de piastras para garantir a segurança pessoal dos ciclistas e provarem assim que o Governo controla as estradas do país.

O ciclismo foi introduzido no Vietnam pelos franceses e desde então tem sido o desporto favorito. Durante o domínio francês a «Volta» incluía também o que é hoje o Vietnam do Norte mas a partir de 1954, com a divisão do país em dois, passou apenas a ser disputada no Sul.

Os dirigentes eleitos da Federação de Futebol tomam posse amanhã

Está marcado para amanhã, às 14 e 30, o acto de posse dos novos dirigentes da Federação Portuguesa de Futebol. A cerimónia deverá ser presidida pelo dr. Leite de Faria, presidente do Congresso federativo.

Aguarda-se, apenas, a resposta da Confederação Brasileira de Desportos para que o futebolista Fortunato possa inscrever-se, definitivamente, na Associação de Futebol de Lisboa. Aquele jogador treinou-se já sob as vistas de Mário Wilson.

O dianteiro Ernesto deve integrar-se no numero de jogadores do Belenenses que irão para estágio, com vista ao encontro de domingo. Ernesto está completamente recuperado da lesão sofrida.

Admite-se que Quaresma, o defesa central do Belenenses que se encontrava lesionado, possa jogar no domingo, no desafio contra o Varzim. O jogador apresentou-se já a Mário Wilson.

Pedras, cuja recuperação tem sido, verdadeiramente sensacional, tardará ainda algum tempo a integrar-se nos treinos de conjunto da sua equipa. Continua, porém, a preparar-se individualmente.

HOJE À NOITE

ANDEBOL — Campeonato de Lisboa, da 1.ª Divisão (reservas): Passos Manuel Técnico, Belenenses - Almada e C. N. O. C. A-Benfica, no pavilhão de Campo de Ourique, a partir das 20 e 30 horas.

BILHAR — Campeonato Nacional de 1.ª categoria, a uma tabela: 1.ª jornada, a A. L. A. B., na Rua Gonçalves Crespo, 28 B, às 21 horas.

FUTEBOL — Homenagem da F. P. F. aos seleccionadores nacionais, drs. José Maria Antunes e David Sequeira, na sede da F. P. F., às 18 e 30 horas.

TÉNIS DE MESA — Campeonato individual de Lisboa, seniores: 4.ª série, 2.ª fase, nas mesas do Andorinhas, S. L. Aguias, G. D. Operário, Belenenses e Desp. Castelo, às 21 e 30 horas.

— Campeonato individual de Lisboa, de seniores. «Popule» final, nas mesas do Benfica, Avila e Paço de Arcos.

VOLEIBOL — Campeonato de Lisboa, de juniores: Lisboa Ginásio-Moscavite, no ginásio da Escola «Josefa d'Óbidos», às 21 horas.

Eleita a Junta Directiva do Salgueiros

Na Cooperativa do Povo Português realizou-se ontem

BASQUETEBOL

PRAGA, 16 — (A. N. I.) — O Slavia de Praga venceu o Real Madrid por 78-46 (42-35) na primeira «mão» dos quartos de final da «Taça dos Campeões Europeus».

BELGRADO, 16 — (A. N. I.) — O C. S. K. A. de Moscovo venceu por 85-82 (46-45 ao intervalo) o Estrela Vermelha, de Belgrado, na primeira «mão» dos quartos de final da «Taça dos Campeões Europeus».

uma reunião extraordinária do Sport Comércio e Salgueiros, a colectividade nortenha que não tem conseguido estabilizar a sua situação directiva.

A reunião forneceu como principal resultado a constituição de uma lista de nomes para formar a Junta Directiva da colectividade, que foi aprovada por unanimidade e é assim constituída: presidente, eng.º Fernando Gaspar; colaboradores, José Carvalho, Fernando, Ferreira, Luís Pinto Leal, José Costa, António Borges, Telmo do Nascimento, Joaquim Alves, Albino Silva, António Magalhães e António Almeida.

Brados do Alentejo — X21 21X 211 1111; Cavallada do Ritmo — 111 11X 21X 111X; Comércio de Portimão — 111 111 211 1112; Correio dos Açores — 111 X11 212 1XX1; Correio de Coimbra — 11X 211 111 11X1; Correio do Vouga — 111 111 212 11X1; A Defesa — 1X1 XX1 21X 1111; O Distrito de Setúbal — 1X1 111 X11 1111; Ecos de Cac'a — 1X1 X11 212 11X1; Emissora Oficial da Guiné Port. — 11X X1X 212 2XXX; Estação Emissora do OAA (NR) — 111 11X 21X 11XX; Eu Sei Tudo — 111 11X 212 11XX; Folha do Domingo — 11X 211 21X 11X1; Gazeta do Sul — 121 XX2 21X 1111; Imagens Piedenses — 1X1 X1X 211 XX11; Jornal Defesa de Espinho — 111 2XX 212 1122; Jornal Estrela da Manhã — 11X X1X 21X 111X; O Jornal de Felgueiras 111 X1X 212 1111; Jornal do Fundão — 211 1X1 22X 121X; Jornal da Lixa — 11X 111 2X2 X122; Jornal de Santo Tyrso — X1X 112 2X1 121X; Jornal do Sul (AD) — 111 111 21X 2X22; Jornal do Sul (O TL) — X1X X11 211 2122; Linhas de Elvas — 11X X1X 211 11X2; Notícias da

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o Concurso N.º 20-9.ª Época

Amadora — 111 XX1 X21 1111; Notícias de Beja — 11X XX1 X11 111X; Notícias de Chaves — 211 1X2 111 1211; Notícias de Felgueiras (SD) — 111 1XX 2X2 1X11; Notícias de Felgueiras (Tot) — 11X 112 212 1111; Notícias de Guimarães — 1X1 X12 112 1X22; Notícias da Guiné — 111 XX1 212 111X; Notícias de Penacova (totof.) — 11X X12 212 11XX; Notícias de Penacova (Totof.) — 111 1XX X12 1112; Povo Algarvio — 111 21X 212 111X; Rádio Alitude — 111 1X1 XXX 21X1; Rádio Ribatejo — 11X 212 212 21X; Rádio Sports — 111 111 212 1111; Reconquista — 111 X11 X12 1112; Republica — XX2 1X1 212 11X1; Sporting — 111 X11 21X 1122; O Tempário — 112 112 111 1111; Voz de Lamago — 111 X1X X22 1122; A Voz de Palmela — 1X2 121 2X1 111X; Peça Que Não Maça — 111 X1X 21X 1111; Musica e Desporto — 11X 1X1 211 1X11; Notícias do Douro — 121 X1X 211 X12X; Novidades — 11X 121 21X 1XX1; A Ordem — 111 11X 21X 11XX; Passatempo — 1X1 12X 211 11X2; Penafiel — 111 12X 211 X112; Póvoa de Lanhoso (CA) — 111 121 X12 1111; Póvoa de Lanhoso (Desp) — 111 XX1 212 1111; Prog. Electro Mecânico — 111 XX1 212 XX1X; Progr. da Manhã — 111 111 111 1111; Prog. Só-Rádio — 211 11X 212 1111; A Rabeca — 111 XX1 21X X221; Rádio Placard (ENR) — 11X X11 211 2111; Rádio Placard (RCP de Lx.) — X1X 21X 21X 2111; Rádio Placard (RCP) — 111 111 111 1111; Renovação — 111 XX1 212 111X; Repórter do Dia — 111 X1X 212 111X; Repórter do Dia (Angola) — 111 2X1 X1X 1112; O Setúbalense — 1X1 2X2 211 X1X1; Sorriso da Hora do Almoço — 1XX X2X 22X XX22; A Voz dos Ruidiculos — 111 121 212 1111; Auto Rádio — 111 211 X11 11X1; Almanaque — X11 1XX 212 X111; Boletim Desportivo do RP — 1X2 111 XX2 1111; Boletim Desportivo

vo (TA) — 111 121 212 1111; Caminho Ricardo Lemos — 11X 2XX 21X 111X; A Comarca de Arganil — 111 X1X 212 X1X2; O Comércio de Leixões (DTUP) — 11X 111 X12 1211; O Comércio de Leixões (Desp) — 111 11X 212 X1X; O Comércio do Porto — 111 X1X 21X X11X; O Concelho do Porto — 111 X1X 21X X11X; O Concelho de Estarreja — 121 X21 211 1X11; De Tudo Um Pouco — 111 111 212 1111; As 10 Espere Por Nós — 112 1XX 2X2 11XX; Diário do Alentejo — 11X 1X1 X12 111.

Diário de Coimbra — 111 X11 212 211X; O Distrito de Portalegre — 111 21X X11 1112; Ecos do Desporto — 111 21X 212 X1XX; Dos Fracos Não Reza a História — 121 112 XX2 XX2X; Ideal Rádio — 11X XX1 212 111X; Jornal do Barreiro — 11X X2X 1X1 X11X; Jornal de Notícias — 1X1 XXX 21X 1112; Jornal de Sintra — 11X 11X 21X 1XX2; A Lição do Menino Quim — 1X1 X11 X11 1111; Litoral — 111 112 221 111X; Maria da Fonte (Desp) — 111 X11 212 1112; Maria da Fonte (VP) — 11X X22 212 11X2; Momento do Totobola — 111 111 212 22XX; A Voz — 111 211 211 111X; Norte Desportivo — 1X1 XX1 212 X1XX; Correio do Douro — 11X 1X1 1111.

212 X111; Vamos á Bruxa (Adesivo) — XX1 X21 212 1X1X; Vamos á Bruxa (D. Conchita) — 111 X11 212 XX11; Colina Sagrada — 11X 22X 212 2112; Resenha Desportiva — 111 XXX 212 1111; Prog. Sem Nome — 111 111 X12 11X; Rádio Clube do Norte — XX1 121 21X 11X2; Brado Africano — 111 XXX X12 X221; Notícias — 111 X1X 2X2 111X; Domingo Alegre — 11X XX2 212 X11X; Roteiro Sonoro — 11X 1X1 2X1 1XX1; Ferreiro Programa — 11X 11X 211 2111; Passatempo — 211 121 22X 1212; Rondalinho — 1X1 1X1 21X 211X; Vamos Jogar no Totobola — 1X2 111 212 XX21; Voz do 70 — X11 111 211 X111; Jornal Desportivo — 111 1XX 2X2 1122; Onda da Manhã — 112 211 2X1 21X1; A Nossa Chave — 1X1 X11 21X 11XX; Diário — 111 X1X 212 1XX1; Comércio — 111 X11 212 X11X; Lobito — 111 X1X 212 1XX1; Notícias do Totobola — 111 XX2 112 111X; Notícias d'Évora (VJT) — 111 1X1 2X1 111X; Notícias d'Évora (VD) — 1X1 X21 X12 X211; Mundo Desportivo — 11X 1X1 211 111X; Voz do Casa Pia — 111 X11 21X 1111; Diário de Lisboa — 111 XXX X12 X11X; A Ilha — 111 1XX 212 X11X; Açores — 11X XX1 211 1111; Terra Alta — 1X1 11X 2X2 2111; A Voz Desportiva — 11X 21X 212 X212; A Voz do Domingo — 111 X11 212 1111.

RESUMO

CONCURSO N.º 20

N.º	JOGOS	BOLAS		
		1	X	2
1.	Leixões-Braga	113	9	4
2.	Sporting-Setúbal	100	21	5
3.	Boavista-U. Tomar	88	31	7
4.	Cuf-Barreirense	57	53	16
5.	Académica-Porto	70	40	16
6.	Belenenses-Varzim	66	46	14
7.	Guimarães-Benfica	8	20	98
8.	Salgueiros-B. Mar	104	15	7
9.	A. Viseu-Tirsense	35	26	65
10.	Famalicão-SamJoanense	86	28	12
11.	Torriense-Atlético	83	21	12
12.	Montijo-Farense	81	31	14
13.	Oriental-Portimonense	57	43	26

E o prognóstico lógico será: 111 111 212 1111

(a) — Nos termos do Art.º 10.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, os bolões entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

CRUZEIRO CVR V

CONHEÇA, VIVA, REALIZE-SE

LISBOA - MALAGA - CEUTA - FUNCHAL - LISBOA

De 21 a 28 de Julho de 1970

Paquete «MOÇAMBIQUE»

Saída de Lisboa a	...	21 de Julho
Estadia em Málaga	...	22 e 23 de Julho
Estadia em Ceuta	...	24 de Julho
Estadia no Funchal	...	26 de Julho
Chegada a Lisboa	...	28 de Julho

PREÇOS DESDE 1900\$00

CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS OU A

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Rua do Comércio, 85 — Telef. 323021 — Lisboa
Rua Infante D. Henrique, 83 — Telef. 22438 — Porto

Propriedades

— VENDAS — Dinheiro CASAS

MORADIA

Vende-se entre Oeiras e Carcavelos, muito bem situada, a estrada, composta de 1.º andar, com lindas vistas e todos os requisitos modernos, totalmente independente, com uma área de 1500 m², pronta a fazer escritura. Trata e mostra: F. Fernandes & Costa, Ld., Av. Almirante Reis, 104-2.º, telef. 53 61 11-2-3 — Lisboa.

PREDIOS, ANDARES, MORADIAS, FERRELOS, não compre sem consultar a

REDIAL

ROBREL
R. Rodrigues Sampaio, 69

Contacto

H. NUNES



PUBLICIDADE
Telef. 847260

PRÉDIO

POR 2800 CONTOS: A Praça do Chile grande volume de construção, excelente estado de conservação, 6 pisos, hab. c/ 6 c. assoalh., c. banho e marquise. Rendas muito baixas. Rende 174 000\$.

TRATA: A LUZAFRICA
Calç. Carmo, 6-2.º
Tel. 368080

s/ prédios

EMPRESTA-SE rapidamente e em boas condições 15 a 2000 contos em 1.º ou 2.º hipotecas de prédios, parte de prédios, ou construção. Também se aceitam propriedades para venda. Casa Laires, Rua da Prata, 291, 2.º, Dt. — Telef. 325487, 470618 (Junto à P da Figueira).

CASAS para alugar

Procure V. Ex. nos a/créditos onde temos sempre variados andares e lojas para alugar em Lisboa e arredores. Não cobramos qualquer importância a título de comissão aos inquilinos.
Trata: SOC. CONST. INVICTA, Rua do Ouro, 292, 1.º — Telef. 30259-34755.

REPRESENTAÇÕES

PARA A ILHA DA MADEIRA

Aceita firma estabelecida com instalações próprias para exposição e vendas, dispondo de grandes meios de divulgação.

Respostas para:

ISLENA - PUBLICIDADE — Funchal

Automóveis

VENDAS: ALUGUER:

Automóveis e Furgonetas de diversas marcas e modelos. Não compre sem consultar. Florindo M. Coelho — Rua António Pedro, 40, cave. Tel. 448446.

Volkswagen 1500 de Luxe, 1968; N. S. U. Prinz 1000 S, 1968; Simca 1000 G. L. S., 1968; Fiat 850, 1966; Taunus 12 M, 1964; Austin Cooper S 1300, 1964; Morris 850 Super, 1964; Saab mod. '96, de Luxe, 1965.



SERVIÇOS DE NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- 534657 — L. St.ª Bárbara, 5-B
- 49612 — Jomil Auto — Rua Ponta Delgada, 40-A-B
- 769848 — EUROCAR — Av. Barbosa du Bocage, 1
- 42890 — Taxis Univer, Ld.ª — Av. República, 26
- 537476 — RETUR — R. Rodrigo da Fonseca, 56, 1.º
- 727654 — Auto Monumental do Azeite, Ld.ª — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10-E
- 539169/539345 — BRUNAUTO, Rua Joaquim Bonifácio, 10-A
- 553033 — STALL — Rua Soc. Farmacêutica, 30-A
- 714391 — OLIVAUTO — Av. de Madrid, 16-B

Fac. troca e pag.
VENDE: MARCELO Av. João Crisotomo, 47-C

AUTOMÓVEIS s/ condutor. Mod. recentes, impecáveis. Consultar-nos: L. St.ª Bárbara, 5-B. Telef. 53 46 57.

Contacto

H. NUNES



Telef. 847260
PUBLICIDADE

Automóveis de Aluguer

C/ e s/ condutor. Av. Barbosa du Bocage, 1. Tel. 769848-761987.

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL DE SANTA MARIA

CONCURSO PARA O ANO DE 1970

PACEMACKERS DE IMPLANTAÇÃO

Concurso público n.º 71/70

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 às 12 e das 14 às 17 horas, excepto aos sábados, em que o horário será das 9 às 12,30 horas, na Secretaria do Serviço de Aquisições.

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicados no Caderno de Encargos.

Lisboa e Hospital de Santa Maria, em 14 de Janeiro de 1970

O CHEFE DO SERVIÇO DE AQUISIÇÕES,
Mamede Briso Pina de Jesus

Sobre automóveis

Particular empresta 5 a 100 contos

em 1/2 hora com ou s/ hipoteca, mesmo que estejam em dívida ao Stand, ou seguro. Sem fiador. Prazos hipotecados, sem alteração de 40 meses. Tel. 66 36 97. Rua Arco a S. Mamede, 18, 2.º-F (ao Rato)

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAR-SE
Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

A nova máquina de lavar roupa PHILCO agora com o PROGRAMA BIOLÓGICO !!!

descanse... lavando!!!

PHILCO
A MÁQUINA MAIS COMPLETA DO MUNDO

utilize este detergente

A venda na SUPERMANOS

Largo do Mastro, 3 a 9 — Lisboa
DISTRIBUIDORES GERAIS EM PORTUGAL:
Apartado 139 — Porto

MALHAS

Máquinas 8-10 e 12 desde 30 cm a 1 m. talão alto e baixo, manuais e motorizadas. Person, Shaffouse, M. R. e Dubiet Dux — Bobinador de 4 fusos. Aparelhos de passagem, etc.
Vendem-se na Rua Damasceno Monteiro, 59-A — Lisboa — Telef. 832391 e 820666

Capitais

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO

Ficando na mesma de sua propriedade CONSULTE JÁ A

ORCOSI

B FICARÁ SATISFEITO
Rua 1.º de Dezembro, 45
Telefones 36 74 44/32 31 72

DINHEIRO

SOBRE AUTOMÓVEIS E PROPRIEDADES

ROBREL

R. Rodrigues Sampaio, 69
Telef. 44602-536569

SE TEM AUTOMÓVEL

Realize dinheiro rapidamente desde 5 contos; s/ vender, s/ hipotecar, s/ leras, s/ fiador até 40 meses. SIMPLES, EFICIENTE, ECONÓMICO
T. 560713

ESCRITÓRIO MOBILADO NO PORTO

ALUGA-SE na moderna zona comercial do Campo Alegre (junto à Ponte Arrábida/Auto-Estrada), em prédio óptima apresentação, andar independente c/ 4 salas totalmente equipadas mobiliário metálico Foc, máquina contabilidade, telefones instalados. Renda 8.000\$00 período mínimo 1 ano. Trata M. J. Monteiro, R. Santos Pousada, 582, r/c., Porto.

ANDARES AO LUMIAR

Para habitação ou rendimento, compostos de 2, 3 e 4 div. ass., cox., c. banho, marquise, desp. e hall.
Preços: 210/260 e 280 contos.

ORCOSI

Rua 1.º Dezembro, 45-3.º, E. LISBOA
Telef. 323172 - 367444

AUTOMOTORA DE «FIM DE SEMANA»

A C.P. informa que as estações do Ramal de Lagos passam a vender bilhetes para a automotora especial que circula aos sábados e domingos de Vila Real de Santo António - Guadiana a Barreiro, e volta, com ligação em Tunes e no Barreiro, respectivamente, às circulações e carreiras normais.

NA COMPRA VENDA E HIPOTECA DE PROPRIEDADES



(MEDIADORES AUTORIZADOS)

AV. ALMIRANTE REIS, 104-2.º — TELEF. 53 61 11/2/3

PRÉDIO

AMADORA

Muito bem localizado, construção em cimento armado, revestido a mármore. Compõe-se de 4 pisos, hab. 3 div. soalhas, cozinha, casa de banho, despensa e hall.
Rendimento — 76.600\$00. — Preço — 1.320.000\$00.

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rosário, 3-2.º — Telef. 369364/5/6 - 328232/3 - 361756

VENDE-SE

Tractor MF 130 — Vinhas — em estado novo
LEMONS & IRMÃO, LDA.

Rua 5 de Outubro — Telefone 23456/7 — VISEU

Na MOTA o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Sebastião Araújo Alegria, Rua Machado dos Santos, 8.

SE TEM ALGUM DESTES PROBLEMAS...

- Contabilidade complicada e atrasada
- Dificuldade de espaço para ampliar escritório
- Dificuldade em obter pessoal especializado
- Falta de tempo para desenvolver seu negócio
- Dificuldade em preencher lugares no Conselho Fiscal, conforme disposições legais em vigor desde 1/1/70.

ENTÃO, contacte com BELCONTA

Apartado n.º 4008 — Telef. 785840

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreias de hoje — ONDE ESTÁ O JACK? — EUROPA
— THE GRADUATE — SÃO JORGE

EUROPA

(Adultos) Tel. 661016

As 21.30 — ESTREIA
STANLEY BAKER e FIONA
LEWIS em

ONDE ESTÁ O JACK?

CONDES

(M. 12 anos) T. 522523-326710

As 15.15, 18.15 e 21.30

Um desafio aos seus nervos...
Uma aventura no topo do mundo

MISSÃO NO ÁRTICO

Panavision - Metrolcolor

com Rock Hudson,
Ernest Borgnine, Jim Brown

70 mm

ODEON

(M. 12 anos) Tel. 326283

As 15.15, 18.15 (p. r.) e às 21.30

EXITO TOTAL

UM VENDAVAL DE PAIXÕES

PROVOCADAS PELA CONDE-
NAÇÃO DE UM GRANDE

AMOR

MARIA ISABEL

com Silvia Pinal e José Suarez

A odisseia de uma jovem presa
ao segredo de um pecado de uma

amiga...

— EASTMANCOLOR —

MUNDIAL

(Adultos) Tel. 538743

As 15.15, 18.30 e 21.45

2.ª SEMANA

Nada fascina tanto como um
crime misterioso e uma mulher

provocante...

QUE IMPORTA

MORRER

TECHNICOLOR

Kirk Douglas e Sylvia Koscina

Metro: Estação Picoas

MONUMENTAL

(M. 12 anos) Tel. 555131

As 15 e 21.30

EM 5.ª SEMANA

GOODBYE, MR. CHIPS

com Peter O'Toole, Petula Clark
e "Sir" Michael Redgrave

QUINZENA DE FICÇÃO

CIENTÍFICA

HOJE — (Adultos) — 18.30 h.

FRANKENSTEIN CRIOU

A MULHER

de Terence Fisher; com Peter

Cushing e Susan Denberg.

Próxima Quinzena

CINEMA INGLÊS (início a 19)

LIZ

(Adultos) Tel. 48560

As 21 horas

BYE BYE, BARBARA

O ESTRANGEIRO

SÃO JORGE

(M. 17 anos) Tels. 54153/4

As 21.30 — ESTREIA

THE GRADUATE

(A PRIMEIRA NOITE)

com Anne Bancroft, Dustin

Hoffman e Katharine Ross

As 18.15 — «007 ao Serviço de

Sua Majestade» — (17 anos)

IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 555134

As 15.15 e 21.30

4.ª SEMANA

KATHARINE HEPBURN e

A LOUCA

DE CHAILLOT

com Danny Kaye, Giulietta

Massina, Paul Henreid, Yul

Brynnner, Charles Boyer e Ri-

chard Chamberlain

ESTÚDIO

(M. 17 anos) Tel. 555134

As 15.30, 18.30 e 21.45

A obra-prima de MARCEL

CARNÉ

EM 2.ª SEMANA

TRES QUARTOS

EM NOVA IORQUE

com Annie Girardot

ROMA

(M. 12 anos) Tel. 727778

As 15.30 e 21.30

Uma aventura no topo do mundo

MISSÃO NO ÁRTICO

Panavision - Metrolcolor

com Rock Hudson,

Ernest Borgnine

Panavision — Metrolcolor

ESTUDIO 444

(Adultos) Tel. 779095

As 15.30, 18.30 e 21.45

9.ª SEMANA

A espantosa comédia de

PIETRO GERMI

DIVÓRCIO

A ITALIANA

com Marcello Mastroianni

AVIS

(Adultos) Tel. 47163

As 15.30 e 21.45

2.ª SEMANA

Um policial de grande nível

MUITO PARA VIVER...

POUCO PARA MORRER...

com Cláudio Brook — Daniela

Bianchi

Technicolor — Techniscope

CASINO ESTORIL

As 21.30 h. (M. 17 anos)

A MAGIA DA MULHER

com Silvana Mangano, Totó

e Clint Eastwood

TIVOLI

(M. 12 anos) Tel. 50595

As 3 e 8.15 da tarde p. red.

e 9.30 da noite

EM 5.ª SEMANA

UM FILME INCOMPARÁVEL

em TODD-AO cor de Lux

com

SARBARA STREISAND

HELLO, DOLLY

UMA MARAVILHA

POLITEAMA

(M. 17 anos) Tel. 326305

HOJE: 15.15 e 18.15 e 21.30

4.ª SEMANA TRIUNFAL!

do filme de grande classe

espectacular

A PELE DE UM

MALANDRO

com o famoso ídolo

CLINT EASTWOOD

...Nem os lábios de uma linda

mulher o desviaram do seu

maior desejo...

EDEN

(M. 12 anos) Tel. 320768

As 15.15, 18.30 e 21.45

Technicolor — Techniscope

O perigo e o imprevisto

em cada segundo!

ALDO RAY em

COMANDO SUICIDA

com Hugh Smith e Vira

Simentá

VOX

(Adultos) Tel. 720803

As 15.15, 18.30 e 21.45

2.ª SEMANA

QUE IMPORTA

MORRER

com Kirk Douglas, Sylvia Kos-

cina e Eli Wallach

num filme de amor, violência

e imprevisto!

R. Bulhão Pato (á Av. Roma)

CHIADO TERRASSE

(M. 17 anos) As 21 horas

ESCANDALO AO SOL

PROJECTO APOLO

LIDO

Praça D. João I — AMADORA

(M. 12 anos) Tel. 937593

As 21.30 horas

O melhor filme do ano

no «ecran»-gigante — 70 mm

GUERRA E PAZ

3.º episódio — O INCENDIO

DE MOSCOVO

Espectacular versão inglesa

IMPERIAL

(M. 12 anos) Tel. 45933

As 21 horas

PROFISSIONAIS

PARA UM MASSACRE

O NOSSO AGENTE EM VIENA

SÃO LUIZ

(M. 17 anos) Tel. 327172

As 15.15, 18.15 e 21.30

2.ª SEMANA

O regresso de INGRID BERG-

MAN que com WALTER MAT-

THAU forma o par mais sensa-

cional do momento!

A FLOR DO CACTO

A mais deliciosa comédia

cinematográfica do ano!

ALVALADE

(Adultos) Tel. 763080

As 15.45 e 21.45

Technicolor

O regresso de Ingrid Bergman

que com Walter Matthau for-

ma o par mais sensacional

do momento

A FLOR DO CACTO

a mais deliciosa comédia

cinematográfica do ano!

RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 610375

As 21.30 h.

A revelação de uma grande

atriz

SOU EU, A NATÁLIA

com Patty Duke e James

Farentino

CASA DA COMARCA

DA SERTÁ

Foram eleitos os corpos ge-

rentes, para o biénio 1970-71,

da Casa da Comarca da Ser-

tá, Presidência da Assembleia

geral e ao conselho regional, á

direcção e ao conselho fis-

cal, respectivamente, os srs

dr. António Alves da Cruz,

Reinaldo de Jesus Costa e

dr. Manuel Farinha da Silva.

Todas as noites, às 20 e

FARMACIAS DE SERVIÇO

Em Lisboa— Turno A

(Ver pelos bairros das imediações

e telefonos entre parêntesis)

ALCANTARA — Bairro, R. Prior

do Crato, 25 (661821)

ALMIRANTE REIS — Confiança,

Av. Almirante Reis, 46 (42453)

ALVALADE — Zil, Av. da Igreja,

9-D (711780) * São João de

Deus, R. Pedro Ivo, 1-A e -B

(725140).

AMOREIROS — Britânica, Travessa

Léguas da Póvoa, 5 (689250)

ANJOS — Renascença, R. Damas-

ceno Monteiro, 104-A-B (831504)

AREIRO — R. 66, Av. de Roma,

85-B (772466) * Garante, Av.

Padre Manuel da Nóbrega, 5-A

e 5-B (727300) * Imperial, Av.

Guerra Junqueira 30-B (726860)

ARROIOS — Veral, R. Morais So-

ares, 109 (40632).

AVENIDAS NOVAS — Alcântara,

Av. República, 74-A (771379)

* Vale, Av. Marques de Tomar,

45-49 (773043) * Dalva, Av.

Duque d'Avila, 125 (45225) *

S. Sebastião, Largo S. Sebastião,

1-9 (48642).

BAIRRO ENCARNACÃO — As-

censo, R. 27, n.º 41 (311216).

BAIXA — Teixeira Lopes, R. Au-

rea, 154 (324816) * Oliveira,

R. Prato, 240 (321415).

BELÉM — Moura, T. da Memória,

55 (630944).

BENFICA — União, Est. Benfica,

592 (700092) * Alegria, Est.

Benfica, 180-A-B (780511).

CAMÕES — Barreto, R. Loreto, 30

(327284).

CAMPO DE OURIQUE — Label,

R. Infancia 16, 98-B (688807)

* União, R. Saraiva Carvalho,

119 (662643)

CAMPOLIDE — Salutar, R. B, 15,

A-B (Bairro da Liberdade),

(683694) * Pinto, R. Campoli-

de, 11 (682610).

Diário de Lisboa Propriedade de Residência Gráfica, S. A. R. L.

Sede: Rua Luz Sarriana, 44
Tel. 32 02 71-8-9 e 32 11 54-5

End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

CONCURSOS PARA PROFESSORES DE MEDICINA

Na reitoria da Universidade de Lisboa terminou esta tarde os concursos para professores agregados do 6.º e 7.º grupos da Faculdade de Medicina de Lisboa, a que se apresentaram respectivamente os ers. drs. Armando

Octávio Carvalho de Sales Luís e Eduardo Girão do Amaral.

As provas de hoje constaram de leitura e discussão dos relatórios das provas práticas perante os juras, a que presidiu o reitor prof. Carvalho Barreira, e de que fizeram parte todos os catedráticos em exercício da Faculdade de Medicina de Lisboa, e ainda (quanto ao dr. Sales Luís) os profs. drs. Vaz Serra, Mário Trincão, Bruno da Costa, Antunes de Azevedo e Gouveia Monteiro, de Coimbra, e Ferraz Junior, Pereira Viana e Esteves Pinto, de Lisboa, e (quanto ao dr. Girão do Amaral) os profs. drs. Bártolo Vale Pereira e Fernan-

do de Oliveira, de Coimbra, e Sousa Pereira, Álvaro Rodrigues e Joaquim Bastos, do Porto.

Os resultados devem ser conhecidos ao fim da tarde.



DR. OCTAVIO LUIS



DR. EDUARDO DO AMARAL

O CICLISTA MÁRIO SILVA VAI PARA MOÇAMBIQUE

LOURENÇO MARQUES, 16 — (L.) — O ciclista Mário Silva, que tem representado o Futebol Clube do Porto, chegou a acordo com um clube de Lourenço Marques para assumir as funções de orientador técnico e corredor das suas equipas da modalidade — anuncia o «Notícias».

Por contacto telefónico entre o ciclista e dirigentes do clube interessado — cujo nome não foi, contudo, revelado — ficou marcada para os primeiros dias de Fevereiro a partida de Mário Silva para a capital moçambicana.

Embora não tenham sido reveladas também as verbas do contrato, sabe-se que este inclui um emprego, estadia por conta do clube, prémios de vitória e de presença.

Companhias Reunidas Gás e Electricidade

AVISO AOS CONSUMIDORES

A nossa rede de distribuição de energia eléctrica requer frequentes trabalhos de ampliação e conservação, perante o constante aumento de consumidores. Assim, no próximo Domingo, teremos de interromper a corrente para trabalhos indispensáveis, nos seguintes Sectores e Zonas:

- 1.ª Zona — Concelho de Sintra: Fonte das Eiras, Casal de Colorido. (Das 8 às 15 horas).
- 2.ª Zona — CACÉM: E. N. n.º 249, Av. Elias Garcia, Rua do Arco e imediações. (Das 8 às 15 horas).
- 3.ª Zona — Concelho de Oeiras: FALAGUEIRA (parte).
- 4.ª Zona — Concelho de Cascais: AMOREIRA: Rua Costa Pinto e todo o Bairro Novo. (Das 8 às 15 horas).
- 5.ª Zona — Concelho de Loures: Toda a zona industrial e camararia entre Moscavide e Bobadela. (Das 8 às 12 horas).
- 6.ª Zona — Concelho de Torres Vedras: FELITEIRA / DOIS PORTOS / RUNA / MATAÇAES; e toda a zona entre Odaqueira e Sobral de Monte Agraço. (Das 8 às 14 horas).
- 7.ª Zona — Concelho de Sobral de Monte Agraço: S. DOMINGOS DE CARMOES / BOLIQUEIRA / C. A. R. E. IRAS / ZIBREIRO / CARVOEIRA / SOBRAL DE MONTE AGRACO / FRIEIRA e toda a zona entre Sobral de Monte Agraço, e S. Sebastião da Merceana. (Das 8 às 14 horas).
- 8.ª Zona — Concelho de V. F. de Xira: ALVERCA: Quinta de Vale de Ranes, Est.ª da Estação, Estrada Nacional n.º 10, Albandra (parte), Vila Franca (parte), e zona compreendida entre Albandra e Vila Franca de Xira. (Das 8 às 12 horas).

VENDA NOVA (parte). (Das 8 às 15 horas).

Está aberta a inscrição, em qualquer dia útil, das 18 às 20 horas, até ao dia 20, de exemplares destinados a participar na 53.ª Exposição Canina Internacional de Lisboa, que vai efectuar-se nos dias 31 do corrente e 1 de Fevereiro.

53.ª Exposição Canina Internacional de Lisboa

Os boletins de inscrição, devidamente preenchidos e assinados, deverão ser entregues na sede do Clube Português de Canicultura, à Praça D. João da Câmara, 4-3.º, em Lisboa, até àquela data.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava muito nublado nas regiões para norte do sistema montanhoso (Montejunto-Estrela) e pouco nublado para sul; o vento era fraco e havia neblina em alguns locais.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Estoril, 14º; mínima: Penhas da Saúde, -2º,8.

TEMPERATURAS DO AR, AS 9 HORAS — Coimbra, 6º; Faro, 7º; Funchal, 16º; Lisboa, 8º; Portalegre, 4º; Porto, 7º.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 10º; na água do mar, 18º,8.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

A norte do rio Tejo: céu muito nublado; vento de sudoeste moderado, por vezes forte; períodos de chuva ou chuva fraca passando a regime de aguaceiros. A sul do referido rio: céu geralmente pouco nublado; vento fraco de sudoeste. Em todo o território: neblina ou nevoeiros locais.

Amãhã
Nascer às 8 e 54
Oscor às 18 e 40

MARÉS:
PREIA-MAR: Dia 15 — 10 e 17 (3,5 m); 22 e 53 (3,3 m).
Dia 16 — 11 e 20 (3,3 m).
Dia 17 — 0 e 01 (3,3 m); 12 e 40 (3,3 m). BAIXA-MAR: Dia 15 — 3 e 37 (1,5 m); 16 e 21 (1,6 m); Dia 16 — 4 e 50 (1,6 m); 17 e 30 (1,6 m). Dia 17 — 6 e 07 (1,7 m); 18 e 40 (1,7 m).



MARIA SUSANA COUTO

A TAP DE NOVO NO CONCURSO DE PUNTA DEL ESTE

Os Transportes Aéreos Portugueses participam, pela quarta vez consecutiva, no Concurso Internacional de Assistentes de Bordo, organizado pela Câmara de Turismo do Uruguai.

Recorde-se que, nos anteriores concursos, o título de «Princesa do Ar» foi atribuído sempre às representantes

da TAP: Maria Helena Afonso, em 1967; Paulina de Castro, em 1968 e Maria Eduarda Setill, no ano passado.

A representante da TAP para o concurso de 1970 chama-se Maria Susana Couto. Natural de S. Miguel (Açores), aquela assistente de bordo conta 23 anos e tem trabalhado nas linhas de médio e longo curso.

O presidente da Câmara de Turismo do Uruguai, sr. Maurício Littman, convidou novamente o chefe da Divisão de Relações Públicas da TAP, dr. Henrique de Queirós Nazareth, para fazer parte do júri do referido concurso.

A representante portuguesa seguiu na madrugada de hoje para Punta del Este, onde desfilará entre dezenas de outras assistentes da aviação de todo o mundo.

«Nós e o ensino» — debates na Associação dos Alunos do I.L.L.

Na Associação Desportiva dos Alunos do Instituto Industrial de Lisboa, decorre um ciclo de debates sobre o tema «Nós e o ensino», o qual, segundo o programa distribuído, «tema contribuir para uma definição ideológica do ensino tal qual ele é aqui e agora».

Outras sessões realizam-se nos dias 21, 3228 e 30.

BALÃO VERMELHO
TUDO PARA CRIANÇA

SECÇÃO N.º 3

UMA COLECÇÃO CRIADA E ADAPTADA A SUA PERSONALIDADE
AINDA LINDOS CASACOS INGLESES — CAMISEIROS DE MALHA FRANCESES, etc.

AV. ANTÓNIO AUGUSTO AGUIAR, 1-B — Tel. 41279

Para fim-de-semana vai melhor com Hertz

De sexta-feira à tarde a segunda-feira de manhã, poderá ter um Ford Escort ou um Volkswagen 1.300, por 490\$00 (quilometragem ilimitada) ou 360\$00 (incluindo 100 kms. grátis).

Escolha a modalidade que lhe convier e reserve o seu carro Hertz pelos telefones — Lisboa 32 82 47 ou Porto 33 4 55.

vai melhor com Hertz

Temas em discussão:

● **A emigração clandestina portuguesa**, por Carlos Castro-Almeida e António Barreto.



Desenho de Rocha de Sousa para um livro sobre emigração

● **Discordâncias a propósito de um estudo sobre cinema amador**, por Ernesto Gil de Oliveira ● **Problemas do cinema em Portugal**, bases para um colóquio, por Lino de Carvalho ● **Que pensa do individualismo em Portugal?**, inquérito a que respondem um dirigente sindical e um treinador de futebol ● **A Argélia apoia a resistência palestina**, entrevista com o coronel Boumediene.

MESA REDONDA

O mar e a fome

ELEANORA GORBUNOVA

Cada 24 horas o organismo humano necessita de 50 gramas de albuminas. Ora 60 por cento dos habitantes da Terra recebem diariamente apenas 15 gramas. Na Índia esta quantidade é menor ainda: 6 gramas apenas.

Segundo os cálculos dos especialistas, para o ano dois mil, a população do planeta aumentará quase duas vezes, chegando a seis bilhões. Compreende-se pois a preocupação pelo futuro da humanidade e a necessidade de se realizar já hoje uma revisão de valores, avaliando todas as reservas do globo terrestre para a criação de produtos biológicos.

Três quartas partes da Terra são ocupadas pelos oceanos onde se oculta uma vida mais variada do que a observada em terra firme. Das 63 classes de animais conhecidas pelos cientistas, 51 vivem nos mares. Juntamente com as plantas, existem ali 250 mil espécies.

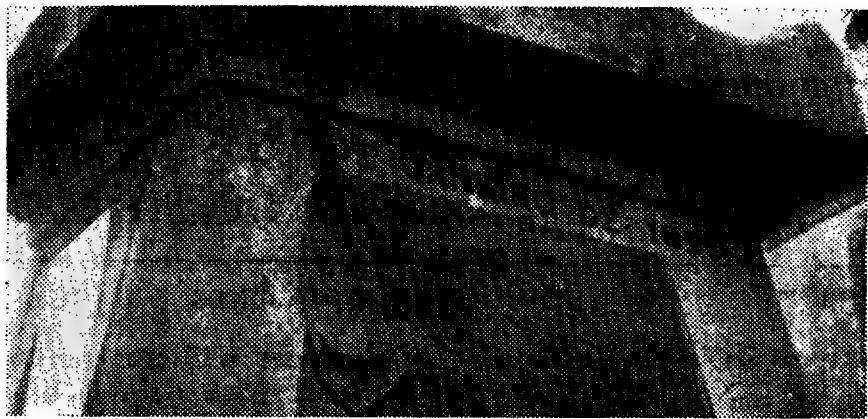
O mar contribui de há muito para a mesa do homem. Mas, a intuição deste não o levou longe e na sua ementa figuram ostras, lagostas ou camarões, isto é, apenas uma pequena fracção das

dezenas de espécies de crustáceos e moluscos existentes. O homem escolheu menos quando se tratou dos peixes. Se analisarmos os numeros referentes à pesca mundial, veremos que o produto desta duplica em cada vinte ou vinte e cinco anos: 9 milhões de toneladas em 1913, 19 em 1938, 40 milhões de toneladas em 1960. Temos aí uma rica fonte de alimentação. Mas será ilimitada?

Mais de 700 espécies prestes a extinguir-se

O homem invade de modo tão decidido a biosfera que, imperceptivelmente, transgride o nível admissível. O resultado é que nos primeiros 1800 anos da nossa era desapareceram 33 espécies animais. O século XIX desapareceram também outros tantas. O século XX exterminou 40 espécies e 600 outras estão prestes a extinguir-se! Trata-se, fundamentalmente, de animais terrestres, mas este tris-

(Continua na pág. 8)



O Partido Republicano e o 31 de Janeiro

FLAUSINO TORRES

Até por volta de 1880 os republicanos, em Portugal, oscilam entre a doutrina federalista que Teófilo Braga ainda defende por essa altura — e defenderá por alguns anos, e cujo primeiro categorizado proponente foi Henrique Nogueira — e a corrente unitária que

com o correr dos anos, foi conquistando terreno.

No ano de 1881 dá-se a primeira grande vitória republicana, com a eleição do primeiro deputado; e consegue-se a fusão das duas tendências, o que foi utilíssimo para o futuro do Partido.

Os jornais republicanos desenvolvem grande actividade; e neles colaboram homens como Teófilo, Rodrigues de Freitas, Latino Coelho, Magalhães Lima e escritores embora jovens como Fialho de Almeida.

Realizam-se comícios, manifestações e cortejos cívicos de vez em quando, servindo de pretexto o desenrolar dos acontecimentos coloniais e a sucessão dos escândalos da monarquia.

Em 20 de Agosto de 1881, Elias Garcia é eleito deputado. E, no fim desse mesmo ano, entram para a vereação de 23 diversos concelhos vários vultos republicanos.

Dentro de Lisboa as

coisas também correram bem para o Partido pois que nesse ano os seus candidatos são apoiados por 4000 votantes! O que é um extraordinário sucesso! A onda vai engrossando!

Jornais republicanos desenvolvem tremenda propaganda. E os frutos vêm-se amadurecer de dia para dia, embora nada de espectacular se verifique nessa altura.

Lisboa mantém, em Junho de 84, os seus 4000 eleitores que levam ao Parlamento 2 deputados — Elias Garcia e Consiglieri Pedroso.

Por esse país fora erguem-se estátuas a personalidades liberais, como por exemplo José Estêvão em Aveiro; prestam-se outras homenagens às grandes figuras do liberalismo de que o Partido Republicano se considera o único legítimo continuador. E certamente com toda a razão.

Mas outro aspecto que

(Cont. na pág. 9)



Análises no laboratório de ictologia do Instituto de Oceanografia de Sebastopol

ASSIM VAI O MUNDO

1984

Despesas militares

Previsão de Robert Lattès em «Mil bilhões de dólares»: 1984 — 60 empresas farão negócios no montante de 1.000 bilhões de dólares (60 por cento do produto nacional bruto dos Estados Unidos nessa altura). Esses 60 mastodontes empregam menos de 1 por cento da população mundial produzindo 1/4 das riquezas do mundo desenvolvido.

E as leis anti-«trusts»? Responde Lattès: estão desactualizadas, não prevêm o método de concentração em uso, «da diversificação, o da conglomeração». A General Electric não se ocupa hoje apenas de energia eléctrica, fabrica também reactores nucleares e calculadores electrónicos. A Ling-Temco-Vought (a 14.ª sociedade dos U. S. A.) fabrica desde hamburgueses a mísseis, passando pelas raquetas de ténis e pelos bombardeiros. O conglomerado dá a possibilidade de vender com prejuízo durante um certo tempo (perde nesse sector, ganha nos outros) de maneira a eliminar os concorrentes e criar uma situação de monopólio.

A economia mundial (a estratégia destas grandes empresas é das sociedades multinacionais) pode assim cair nas mãos de algumas dezenas de potências económicas e financeiras, em suma, dos Estados Unidos visto que o governo dos Estados Unidos faz e fará a política delas.

Solução de Lattès: construir a Europa para barrar o caminho ao domínio económico (e consequentemente político) dos Estados Unidos.

As despesas militares norte-americanas no estrangeiro, exceptuando já as despesas com a guerra do Vietnam, atingiram este ano a cifra «record» de 4,8 bilhões de dólares. Este montante foi revelado pelo Departamento do Comércio e baseia-se numa estimativa a partir das despesas do primeiro semestre deste ano.

No ano passado, as despesas de manutenção das tropas norte-americanas no estrangeiro e de assistência aos países aliados tinham atingido 4,5 bilhões de dólares, enquanto a média anual nos anos anteriores não excedia os 3 bilhões de dólares.

Os países que mais assistência receberam foram, por esta ordem, a Alemanha Ocidental (454 milhões de dólares no primeiro semestre), o Japão (320 milhões), a Coreia do Sul (178 milhões), o Canadá (155 milhões), a Tailândia (139 milhões), a Inglaterra (106 milhões), as Ilhas Ryu-Kyu (104 milhões) e as Filipinas (90 milhões).

Vítima

Referindo-se à morte do «Diário S. P.» (falangista), Rodrigo Rojo escreve que o jornal acabou «vítima da voracidade do grande capitalismo».

O Banco de Crédito Industrial (o dos 10 bilhões da Matosa) ter-lhe-ia recusado cinco milhões de pesetas.

A Opus é um grupo de pressão mais poderoso do que a Falange.

(Lembremos as considerações de Alberto Ferreira sobre o mesmo tema, «Falangismo...», que publicamos no n.º 13).



Um

Gomulka, numa recente intervenção: «Só há um socialismo. As vias para o socialismo é que podem ser diferentes.»

O primeiro secretário do Partido polaco toma assim posição contra a noção de «modelos nacionais» de socialismo.

Água

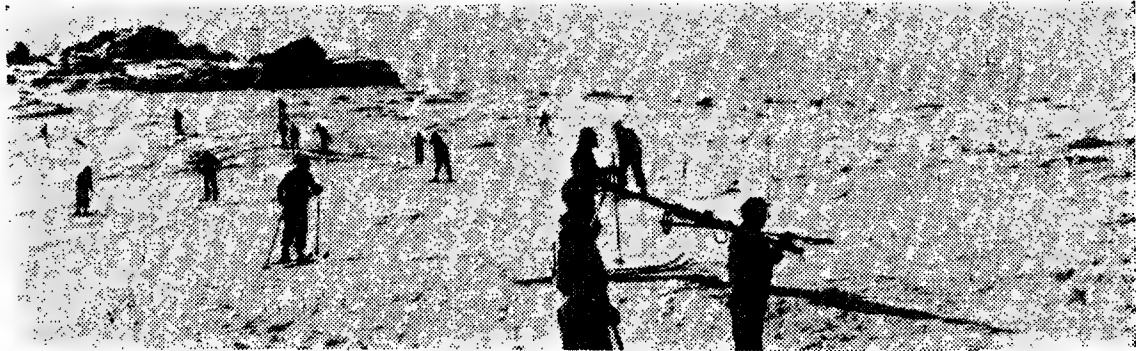
A Organização Mundial de Saúde está preocupada com as dificuldades, cada vez maiores, em proporcionar água potável em abundância às colectividades. A F. A. O., Organização

Mundial de Agricultura e Alimentação, assinala a deterioração de grandes superfícies cultiváveis, pelo uso indevido de canais que provocam a salinidade das terras. A Organização Meteorológica Mundial quer, por seu turno, conhecer as consequências das tentativas do homem para modificar o clima. Os países mais industrializados observam, com receio, que oitenta por cento dos seus recursos hidráulicos superficiais são tributários das necessidades urbanas e que a qualidade da água se malogra pela poluição da cidade e da indústria.

A Conferência Hidrológica Internacional que esteve reunida em Paris fez o balanço dos trabalhos efectuados entre 1965 e 1969 pelas comissões hidrológicas nacionais de cento e quatro países e considerou especial interesse os da Espanha, do Brasil, do Chile, de Cuba, da Argentina e do Uruguai.

A mesma conferência declarou que é preciso intensificar as actividades de reunião, processamento e difusão de dados, se em 1975 se quiser contar com o balanço hídrico mundial. Este problema exigirá, da parte da UNESCO e dos demais organismos internacionais, a organização de programas com vista à preparação de hidrólogos em todos os países em vias de desenvolvimento.

ASSIM VAMOS NÓS



Teleférico — 1

No parecer da Câmara Corporativa acerca da proposta de lei sobre o desenvolvimento da região de turismo da serra da Estrela, afirma-se a propósito do projecto teleférico:

«A Comissão Regional de Turismo obteve, em Junho de 1960, um subsídio não reembolsável do Governo no montante de 4000 contos, escalonados pelos anos de 1960, 1961 e 1962, como parte da comparticipação do Fundo de Turismo no empreendimento do teleférico.

Abriu-se, entretanto, concurso público, que teve a concorrência de casas especializadas da França, Inglaterra, Suíça e Austria, para o fornecimento do equipamento mecânico e montagem do teleférico. Os empreendimentos foram adjudicados a uma casa suíça, de Lucerna, tendo, em fins de 1962, sido celebrado o respectivo contrato de fornecimento e instalação.

A parte de construção civil — estações terminais de vale e de monte, com anexos indispensáveis que incluem instalações de pessoal, arrecadações, oficinas, dormitórios, bares e estacionamento do público, etc., e os maciços de sustentação dos pilares dos cabos foram objecto de outra empreitada. (...) Em Julho de 1964, dava-se conta de que todo o equipamento mecânico do teleférico e ferramenta de montagem já se encontrava, há alguns meses, em Portugal e que as torres de sustentação dos cabos, de fabricação nacional, também estavam ultimadas.

Surgiram, entretanto, múltiplas dificuldades de vária natureza, que conduziram à paralisação das obras do teleférico a partir do fim do Verão de 1965.»

Teleférico — 2

«No interior das estações terminais de vale (Piornos) e de montanha (Torre), encontra-se presentemente ainda guardada a quase totalidade do equipamento metalomecânico não montado, no valor de milhares de contos, constituído por motores, polias de cabos, contrapesos e quadros de comando. Na estação de vale, em baracas de madeira, encontram-se guardados os

cabos e cabinas do teleférico, também no valor de alguns milhares de contos.

Até finais de Dezembro de 1967 tinham-se despendido com o teleférico 7921 contos, dos quais 2926 contos em prestações da parte mecânica, 798 em projectos, fiscalização, honorários de técnicos, etc., e 4200 na parte da construção civil. Acrescia a isto 1336 contos de dívidas a vários fornecedores e 1558 contos de saldo (com os encargos adicionais) das prestações em débito pelo fornecimento e montagem da parte mecânica do teleférico. Além destas dívidas de 5549 contos, havia ainda 911 contos de responsabilidades contestáveis (ao menos em parte).»

Teleférico — 3

«Estimava-se, na mesma data, que o acabamento da parte de construção civil da estação de vale, instalações do público nas estações terminais, incluindo zonas de estacionamento, bares, sanitários, lojas, etc., exigiriam um investimento computado em 1300 contos e a instalação de aquecimentos nas estações terminais uma despesa de 139 contos.

Isto é, aos 7925 contos já pagos haveria que somar 7935 contos correspondentes às dívidas por solver e às despesas ainda a realizar para acabamento dos trabalhos.

A este montante de 15.000 contos acrescerão agora outras despesas: cerca de 2000 contos com a aquisição de dois teleseksis, um para o Covão da Torre, outro para os Covões de Loriga; as indispensáveis para a substituição do cabo, há anos guardado junto da estação de vale, se porventura se concluir que não oferece condições de segurança; as que normalmente resultam de imprevistos ou de dívidas vencidas.

É, pois, perante a conhecida falta de recursos da Comissão Regional de Turismo para levar a bom termo o empreendimento há anos iniciado e paralisado e com o meritório propósito de evitar a perda total do dinheiro já gasto, ficando ainda a perdurar o aspecto deplorável de uma obra inacabada, que o Governo resolveu intervir decisivamente na solução do problema, enviando a Assembleia Nacional a presente proposta de lei.»

Bolsas para estudantes estrangeiros

O número 18 de «Estudos no Estrangeiro» fornece dados sobre 250 mil bolsas de estudo estabelecidas pelas instituições internacionais, pelos governos e por organismos nacionais a favor de estudantes estrangeiros, em 129 países.

Em 1966-67, cerca de 375 500 estudantes frequentavam universidades estrangeiras e esse numero marca a tendência dos últimos anos, só agora começando a diminuir o numero daqueles que vão ao estrangeiro tirar o seu curso. Os peritos consideram útil que os indivíduos se formem no próprio país, para que não haja «fuga de talentos».

Os Estados Unidos registaram no período de 1965-66 mais de cem mil estudantes estrangeiros, a França 30 190, a Argentina 16 789, a Espanha 7656. Quanto aos países que enviaram estudantes para o estrangeiro em 1966, a Jordânia está em primeiro lugar, com 17 842, os Estados Unidos apresentam 17 078, a China Continental 16 051, o Canadá 13 737, o Peru 5145.

A distribuição por disciplinas confirma o prestígio das Letras: 69 435, ou seja 22,3 por cento do total. Seguem-se Engenharia (53 994), Ciências Sociais, Medicina, Ciências Exactas e Naturais e, com pequenas proporções, a Agricultura, a Educação e as Belas-Artes.

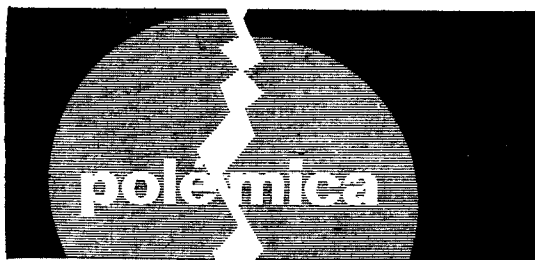


Atrasada

«A burguesia nacional latino-americana está atrasada, entrou na cena histórica na época do socialismo, é já conservador no momento em que devia ser revolucionária» (Michael Lowy). Estarão os militares (Peru, e sobretudo Bolívia) a querer adiantá-la?

Anúncios

A TV soviética começou há meses a projectar anúncios. O «Izvestia» previne que se trata apenas de um meio comercial, consentâneo com a nova reforma económica, sendo o fenómeno marcadamente diferente do americano, em que a publicidade está ao serviço do lucro.



Divergências à cerca de um estudo sobre cinema amador

ERNESTO GIL DE OLIVEIRA

O cinema amador é, para mim, um «hobby», um passatempo realmente caro, mas compensador, na medida em que me permite libertar num sentido que me é facultado e eu escolho, deixando para trás o que a vida me impõe como actividade diária. E se isso me transforma em burguês tranqüilo, me faz adquirir hábitos de convivência social e me leva a pertencer a uma família maior com objectivos e ideias comuns, tanto melhor, pois nem o pacifismo criador faz mal a quem quer que seja, nem tão-pouco as grandes e sinceras famílias trazem ao mundo desgraças e males que contribuam para a sua autodestruição.

Vem isto a propósito do estudo que a Secção de Cinema do Ateneu de Coimbra apresentou no vosso jornal do dia 2 de Janeiro corrente.

Não tenho o prazer de conhecer o Ateneu de Coimbra, embora saiba de sua existência, nem tão-pouco sabia que possuía uma Secção dedicada ao Cinema.

Por isso, foi com curiosidade que me lancei na leitura desse estudo, satisfeito desde o início por saber que afinal existem pessoas fora do restrito ambiente familiar do cinema amador nacional que por ele se interessam e às suas actividades dedicam uma atenção e um carinho traduzidos em aplaudíveis tentativas de análise e indicação dos verdadeiros caminhos.

Contudo, á medida que ia avançando na leitura, verificava com certo desprazer que a análise objectiva e desapassionada antevista na intenção, se apresentava demasiadamente especulativa e tendenciosa, demonstrando até, nalgumas afirmações um desconhecimento confuso em relação ao assunto debatido.

Não me refiro evidentemente á diferença de opinião existente entre mim e os autores do estudo em causa, relativamente a certas apreciações críticas porque considero cada um suficientemente livre e isento para ajuizar a seu modo assuntos que conhece, mas a factos indesejáveis que não são citados, ou se o são, são-no erradamente.

Portanto, se me permitem os autores do estudo, vou indicar onde e porquê discordo das suas afirmações.

1 — Cultura cinematográfica

Começam os autores por dizer: «importa socializá-lo, isto é, fazer dele agente de cultura cinematográfica em geral, pela inserção em organismos autogeridos que o apoiem e divulguem, proporcionando aos seus cultores as facilidades que só com o concurso de todos podem alcançar.»

Quer-me parecer que o cinema amador já é um agente de cultura cinematográfica em geral e está já apolado em organismos autogeridos. Se é que por socialização se entende o estudo da vida social, a tentativa de me-

lhorar as relações sociais, isso tem vindo a ser executado com maior ou menor eficiência. Ex.: «A Rajada», de Vasco Branco; «O Anuncio», de José Cardoso; «O Castelo», de Vasco Pinto Leite. Como agente de cultura

cinematográfica em geral, também alguma coisa está já executada, pois quando, sendo atraídos pela magia do cinema o praticamos, mal embora, nós próprios estamos a adquirir conhecimentos, a modificar a

nossa óptica cinematográfica e os que vêem os nossos filmes e os discutem estão percorrendo o caminho necessário para uma melhor compreensão do fenómeno filmico.

E se não se deseja que o cinema amador caia no vicio da competição e equiparação com o profissional, então deixemo-lo livre e entregue aos anseios estético sociais dos seus cultores, não lhe fixando normas, mas criticando honestamente as intenções.

2 — A constituição dos juris

Factor importante para uma boa apreciação das obras apresentadas aos concursos, a constituição dos juris merece da parte da Federação Portuguesa de Cinema de Amadores (em formação), uma análise cuidada, tendo o assunto sido debatido pelos clubes que a compõem e resolvido a contento.

Assim, em Festivais patrocinados pela Federação é recomendado que o júri seja constituído por «elementos de reconhecidos méritos cultural e artístico e condições de

apreciação cinematográfica.»

O exemplo citado do júri do Concurso Nacional de Filmes de Amadores de 1968, peca por ultrapassado, pois o de 1969, organizado pela Federação contou com mestre Julio Resende, Vitoriano Rosa, Sebastião Lima Rego e Vasco Granja, na sua constituição, o que parece ser desconhecido dos autores, embora tenham presenciado a sessão de projecção dos filmes e entrega dos prémios.

Também no Festival organizado em Guimarães pelo «Convívio» e no de Aveiro, realização do CAT Paula Dias, o júri teve na sua constituição, mestre Julio Resende, engenheiro Lavrador, o que quanto a mim parece ser indicativo suficiente para demonstrar o cuidado com que foi encarado, desde 1969, a constituição dos juris.

3 — O carácter familiar

Insurgem-se os autores contra o carácter familiar de que se revestiu,

(Cont. na pág. 11)



Pequês Ressano Garcia, intérprete do filme «Caminhos da Solidão»

BASES PARA UM COLÓQUIO

Problemas do cinema em Portugal

LINO DE CARVALHO

O texto que se segue de modo algum pretende esgotar um assunto tão rico de discussão como o que apresentamos em título. Ambiciona somente levantar alguns problemas, contribuir para uma análise, que se quer mais profunda, sobre o que se ouve e o que se vê, porque é que se ouve e porque é que se vê, de Cinema em Portugal. Será ainda o primeiro de uma série de textos a publicar pelo Cine Clube Imagem e que poderão servir de base de discussão para o ciclo de colóquios que se realizarão hoje e a 19 e 27 do corrente, pelas 21 e 30, na Sociedade Nacional de Belas-Artes.

Alguma coisa, não muito, se tem dito e escrito sobre a problemática do cinema em Portugal, particularmente nos últimos tempos, seja pela projecção de alguns filmes ditos mais «ousados» seja ainda por declarações vindas a público e que dão conta de uma certa perturbação na indústria cinematográfica.

São destas declarações que nos iremos ocupar mais detalhadamente, já que quanto aos filmes em exibição comercial e que se inscreveriam numa certa política de «liberalização», os críticos de cinema, e os próprios cineclubes, têm tentado, melhor ou pior, a sua desmitificação vestindo-lhes as roupagens que na realidade lhes pertencem (caso de «Helga» por exemplo).

Quanto às declarações produzidas ultimamente,

venham elas da parte de entidades oficiais, de industriais ou de quaisquer outras pessoas ligadas ao meio cinematográfico, são unânimes em afirmar que o cinema, ou melhor a indústria cinematográfica, está em crise no nosso País: menos espectadores, salas que fecham, impostos exorbitantes e todo um ror de queixumes que têm vindo a público. No entanto, quase todas as afirmações têm como substracto a diminuição dos proveitos dos detentores dos meios de produção, neste caso, das empresas cinematográficas, raramente sendo o problema examinado do prisma que nos parece o mais importante, o do público consumidor, o da divulgação de um cinema válido tendente à correcção das perspectivas culturais desse público.

Sem nos preocuparmos em justificar este ângulo de visão do assunto em causa (de tal modo evidente ele nos parece) vamos sim tentar fazer, o ponto dessas afirmações através da apresentação

de alguns dados estatísticos.

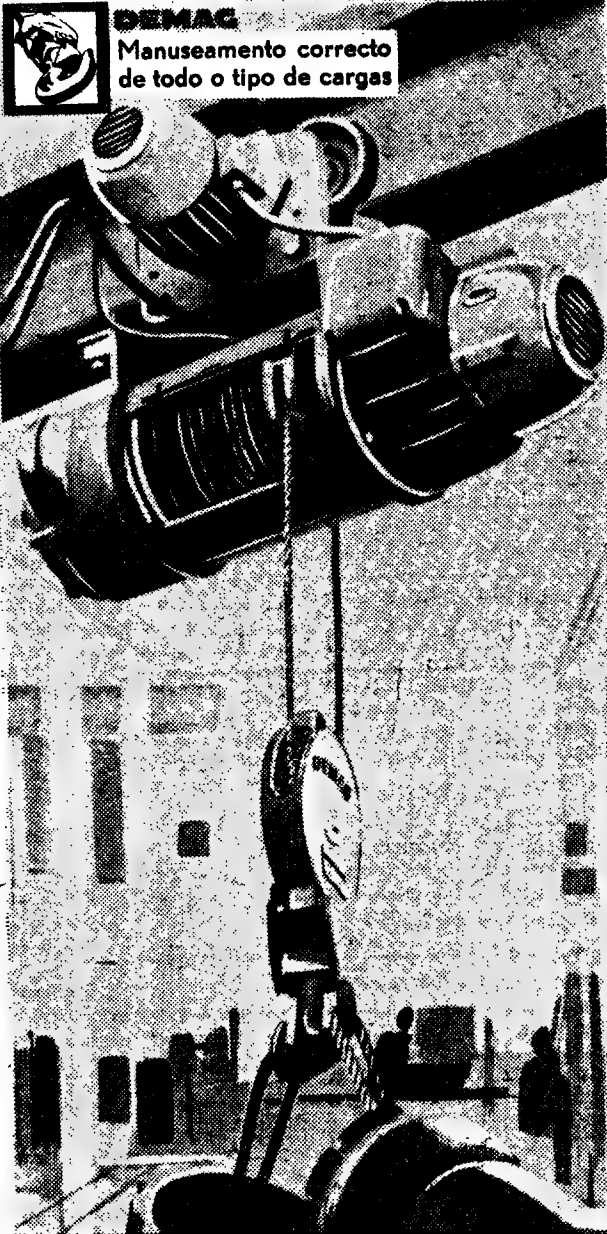
Assim, em relação ao número de espectadores transcreve-se o seguinte quadro publicado no n.º 161 do Boletim da U. G. E.:

ANOS	Espect. (1000)	Espect. Sessão	Licença T. V.
1950	20 567	317	
1951	20 942	310	
1952	22 977	325	
1953	22 100	328	
1954	24 062	332	
1955	25 850	344	
1956	27 029	354	
1957	27 882	352	
1958	26 456	335	17 569
1959	26 603	332	31 256
1960	26 588	333	46 372
1961	26 110	322	64 912
1962	25 552	310	88 993
1963	24 794	300	118 512
1964	24 487	296	151 464
1965	25 660	308	180 095
1966	26 145	306	219 117
1967	27 671	288	269 005
1968	26 618	274	305 623

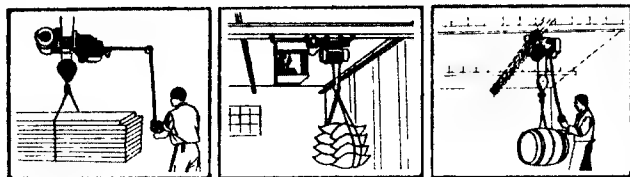
Verifica-se assim que, contrariando o próprio crescimento demográfico, o número absoluto de espectadores diminuiu de 1.264.000 entre 1957 (ano de maior influência) e

1968, tendo-se neste mesmo ano de 1968 atingido o menor número de espectadores por sessão (274). Segundo as declarações

(Cont. na pág. 10)



Em todos os campos o diferencial eléctrico DEMAG representa um auxiliar de alto valor



Mais de 500.000

Diferenciais eléctricos "Demag" em funcionamento em todo o Mundo! Para tanto, meio milhão de organizações recorreram ao diferencial eléctrico "Demag", como meio mais seguro de economizar tempo e energias. Nós movimentamos as cargas de uma forma rápida, segura e económica. À vossa disposição se encontram os nossos Técnicos da Especialidade. Favor telefonarem-nos:

ROMAR SOCIEDADE COMERCIAL
ROMAR, LDA.

LISBOA — TRAVESSA DA GALÉ, N.º 9 — TEL. 63 56 70 / 63 40 61
PORTO — R. FERNANDES TOMÁS, 524-1.º ESQ. — TEL. 244 85 / 258 71 / 322 05

**se é rapaz de se barbear com gilete
também sabe aparar o seu cabelo com a**
isitrime



TOLEDANA — ROSSIO 41 • TABACARIA CARAVELA — ROSSIO, 16 • PORFÍRIOS CONTRASTE
TABACARIA PORTUGUESA — RUA AUGUSTA, 117 • SUPERMERCADOS MODELO
OU PEÇA A COBRANÇA ESCRIVENDO UM SIMPLES POSTAL AO APARTADO Nº 5102 — LISBOA •
é nova • é prática • é económica • é jovem

**INSTITUTO DE LÍNGUAS
DE ALGÉS**

Rua dos Bombeiros Voluntários, 29, 2.º — ALGÉS
Telefone 21 49 10
**INGLÊS — FRANCÊS — ALEMÃO
PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS**
ABERTURA DE NOVOS CURSOS

inquerito

Que pensa do individualismo dos portugueses?

No prosseguimento de um propósito de debate amplo de princípios e de situações que caracterizam este suplemento, iniciamos no número passado, com a resposta do eng.º Sidónio Paes, um novo inquerito, em que perguntamos:

1 — Será o individualismo um mal que afecta particularmente os portugueses?

2 — Que fazer para evitá-lo?

Hoje publicamos os depoimentos de um dirigente sindical e de um treinador de futebol.

Resposta de Saturnino Dias

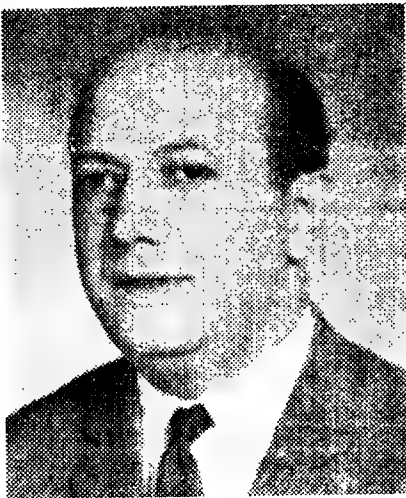
1 — Não creio no individualismo dos portugueses, no sentido negativo, como lhe sendo inerente. Aliás, se a literatura representa o espelho de uma civilização verificamos que, nesta ou naquela época, todos os povos têm sido mais ou menos tocados por qualquer forma de individualismo sem, contudo, deixarem de progredir.

É verdade que presentemente a solidariedade esclarecida não está muito desenvolvida entre nós, o

que leva as pessoas a abdicarem das suas responsabilidades, abandonando-as aos menos dotados, ao Estado, etc., sem procurarem saber o que poderiam fazer para ajudarem a melhorar as condições materiais e espirituais dos seus concidadãos.

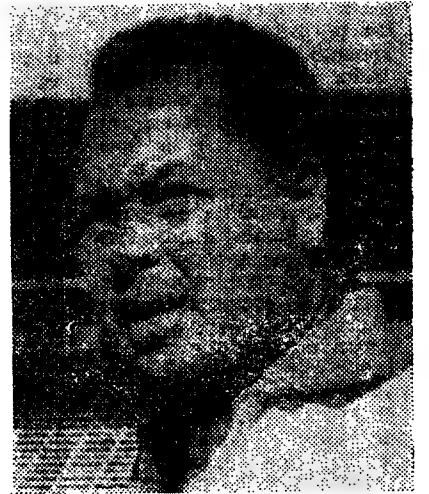
Como dirigente sindical do sector terrestre da aviação comercial verifico que não me faltou a solidariedade dos meus colegas, quando foi necessária, quer em trabalhos de equipa, quer em assembleias, do que resultou a eliminação de numerosas injustiças, algumas absurdas, e a renovação de um Acordo Colectivo de Trabalho que já durava há 18 anos. Para isso, basta definir objectivos precisos e os aderentes aparecerão.

2 — Como não há processo social sem dinâmica, é necessário tomar consciência de que devemos assumir as responsabilidades dentro das estruturas que condicionam a nossa vida e tornarmo-nos disponíveis



Resposta de Mário Wilson

1 — Acho que é. Mas reportando-me apenas ao aspecto desportivo, e numa análise sumária às equipas portuguesas da I Divisão, por exemplo, reconheço, de uma maneira geral, que não impera nelas o in-



dividualismo, muito embora não deixe de constatar em cada uma delas um ou outro elemento de características individuais, interessado e de interesse no colectivismo que deve presidir em todos os conjuntos, quer se trate de futebol, basquetebol, hóquei, etc. Posto isto, acho que se deve estimular, educar e integrar o individualismo precioso de certos jogadores de classe no colectivismo das equipas. Jogadores como Eusébio, Simões, J. J., etc., são não raras vezes colectivistas espantosos, nos seus rasgos individuais. Estes, tanto como os outros, devem personalizar-se e integrar-se na força do conjunto das suas equipas, com pleno conhecimento das suas limitações, abdicando, ou não, dos individualismos, de acordo com as imposições do jogo e dos adversários.

2 — Acho impossível exterminá-lo. Mas reconheço que com uma melhoria do nível de vida, educação e instrução será possível atenuá-lo e, para tanto, têm a palavra o Governo e o povo.

espelho da imprensa

«A emigração: um bem ou um mal?»

«O «Dia Nacional do Emigrante», ontem comemorado, veio pôr de novo à consideração do País os graves problemas da emigração, levando-nos a formular mais uma vez a pergunta tantas vezes repetida: a emigração é um bem ou é um mal? E neste último caso será um mal necessário?»

A doutrina da Igreja e o Direito dizem-nos que emigrar é um direito natural do homem, corolário do princípio da liberdade, que informa a sua natureza. Todo o homem deve poder adquirir através do seu trabalho e no lugar que mais lhe convenga os meios necessários à sua subsistência e à melhoria do seu nível de vida e do respectivo agregado familiar.

Se a emigração é um mal, confessamos humildemente que é um mal necessário. Sabíamos diminuir para a expressão mais simples os seus aspectos negativos e aproveitar ao máximo os seus factores positivos.

Isso é possível, é urgente; constitui uma obrigação para o Estado e resultará um investimento do maior alcance para o País.

(Do editorial de «A Voz», de 12-1-70)

«O acesso à informação»

«... Aliás, se quisermos ir ao núcleo do problema teremos de reconhecer que o acesso à informação comporta necessariamente uma falácia, e tanto mais quanto a intensificação das relações sociais e a instantaneidade das comunicações vêm a tornar impossível na prática uma informação completa. Assim, os intermediários entre os factos e a massa a infor-

mar, nos quais é imperativo distinguir diversos estádios, têm de operar sucessivas selecções do material disponível — e não chocará ninguém dizer-se que, ao fazê-lo, agem segundo as suas ideias e interesse. Apesar disso, as notícias recebidas por qualquer órgão em contacto directo com os destinatários ainda excedem as dimensões do possível, e uma última triagem aparece como indispensável, novamente se afigurando serem de fácil entendimento os critérios nela utilizados. Isto significa indisputavelmente que o leitor (ou o ouvinte, ou o telespectador) não pode nunca ter acesso a uma informação completa; e pode mesmo inquirir-se se o desejaria ou, pelo contrário, protestaria enfiado contra a interminável torrente noticiosa...»

(Do «fundo» do «Diário da Manhã», 10-1-70)

Emigrantes missionários

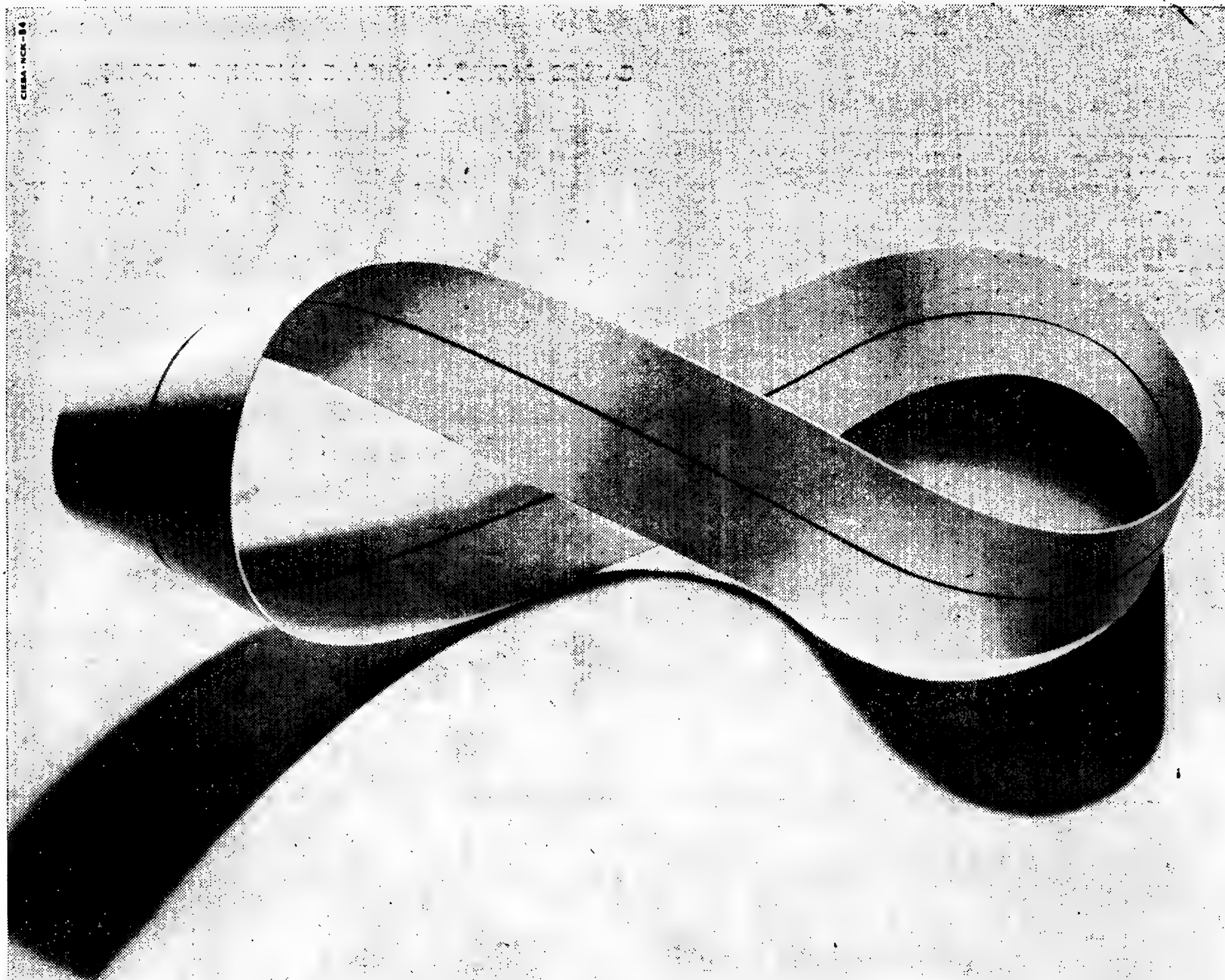
«Passei o último fim de semana, em horas de reflexão e alegre convívio, com um bom punhado de emigrantes portugueses, que têm estado em França e para lá voltarão brevemente.

Beselga, uma paróquia do concelho de Penedono, venceu a inclemência do tempo e esteve presente, com um bom número de famílias. (...) Querendo Deus, o retiro para emigrantes realizar-se-á todos os anos nesta data, aproveitando a altura em que eles vêm de visita às suas famílias.

E Beselga desde já fica proclamada a freguesia piloto, para este apostolado que agora está em causa.

Que bem imenso se poderia fazer chegar a todo o mundo, se todos os emigrantes, á semelhança de tantos portugueses de outrora, fossem todos emigrantes missionários.

(J. F., «Voz de Lamego», de 8-1-70)



Onde vir
este símbolo
é o Banco
que constrói futuro
-o seu

Pedimos-lhe que criasse,
com as suas próprias mãos, o nosso símbolo.
E criou-o.
Verificou que duas superfícies podem converter-se
numa superfície única. Continua.
Como dois Bancos que se fundem para conquistar
o futuro. Como nós.
O símbolo do seu Banco saiu das suas mãos.
Com simplicidade. Com a beleza das coisas
verdadeiramente fortes.
A força do novo Banco que existe para o apoiar na conquista
do futuro. O seu futuro.



BANCO TOTTA & AÇORES

A emigração clandestina portuguesa

CARLOS CASTRO-ALMEIDA E ANTÓNIO BARRETO

A emigração clandestina é o aspecto mais falado e menos conhecido da emigração.

Mais falado, porque fonte de toda uma mitologia alimentada pela imagem histórica de um povo em permanente «aventura»; e também porque alarmou a opinião pública portuguesa (e a europeia), sobretudo as autoridades.

Sobre a atitude dos poderes públicos, que como é sabido agiram mais em relação às condições de passagem das fronteiras, do que em relação às causas do fenómeno emigratório, voltaremos a falar ao longo deste trabalho.

Como já dissemos, a emigração clandestina não é facto totalmente novo. No século XIX, durante o período estudado por Oliveira Martins (1866-1888) era considerável o número de «ilegais». Seja para a Es-

panha, de modo definitivo ou como maneira de evitar as proibições de embarque em Portugal, seguindo depois para a América do Sul; seja, sobretudo para o Brasil. É hoje relativamente difícil conceber como se desenvolvia a emigração clandestina transatlântica, dadas as formalidades impostas actualmente. Era no entanto processo utilizado por largos milhares de pessoas: falsos passaportes, mudanças de destino nos barcos, saídas «à sucapa» de portos menos vigiados, venalidades administrativas, etc., todos estes meios deveriam fazer parte da panoplia do enganador ou do emigrante.

Os motivos da corrente clandestina são fáceis de deduzir: são mesmo claramente enumerados pelos historiadores ou pelos políticos de então: necessidade imposta pelas múltiplas proibições oficiais à emi-

gração (1), subtiliza gerada pela raridade dos passe-ports ou pela sua concessão arbitrária. Os motivos, assim como os processos, conservaram-se, pelo menos em parte, até aos dias que correm.

Do ponto de vista da análise quantitativa, a existência de uma larga corrente clandestina sempre falseou todas as tentativas de contabilização rigorosa.

Duas observações são necessárias. Em primeiro lugar, a presente fuga clandestina de trabalhadores começou a tomar corpo, tendo subido rapidamente.

Todo o recente movimento clandestino está, assim, intimamente ligado ao aumento absoluto da corrente emigratória legal, ao aparecimento e desenvolvimento da emigração temporária e à conversão que se processou ultimamente, no

que toca aos países de destino.

Em segundo lugar, devemos reter a importância numérica deste tipo de emigração.

Esta importância relativa está, aliás, na origem duma das nossas principais difi-

culdades no plano da investigação. É-nos impossível conhecer a estrutura demográfica, profissional e até regional da emigração clandestina. Ora, representando esta quase 25 % do total, a margem de incógnita (que não de erro) deixada em

aberto é relativamente relevante.

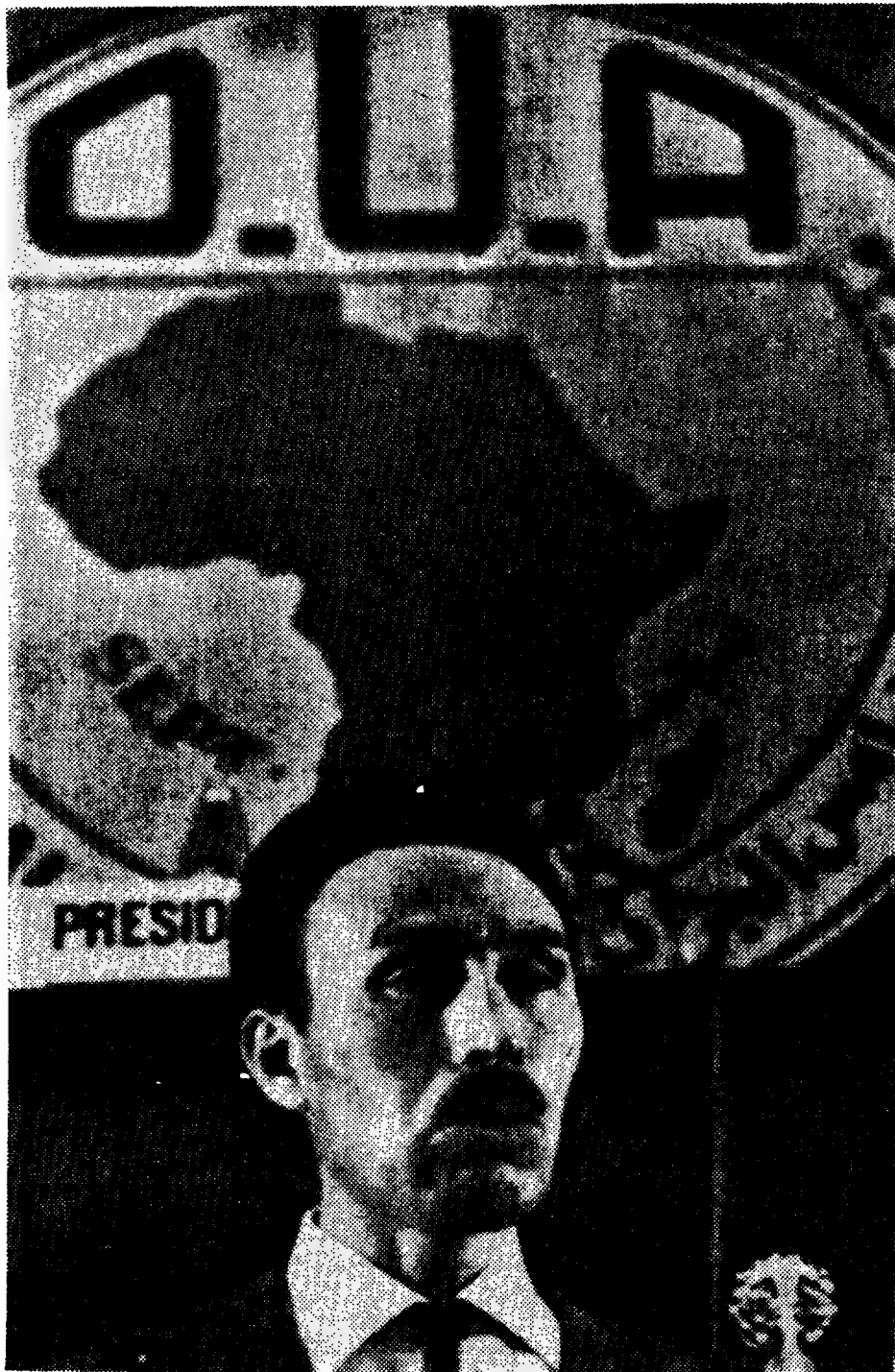
Acrescente-se, por outro lado, que a força de trabalho que emigra clandestinamente se dirige quase exclusivamente para França. Há, no entanto, alguns factos recentes, relatados na

A emigração clandestina portuguesa foi o tema de um filme realizado em França por Christian de Chalonge: «O Salto». Filme ambíguo, lhe chamou o crítico dos «Cahiers du Cinema». Eduardo Geada, na «Vértice», afirmou: «O Salto» é um filme recto, sóbrio, quase prope-déutico. Não é uma arma de combate nem um panfleto de denúncia. É um documento, um acto de simpatia. «O Salto» foi produzido em 1967, ano em que entraram oficialmente em França 35 mil trabalhadores portugueses. O número de clandestinos não devia andar longe, também, daquele número



A Argélia perante o problema

ENTREVISTA COM O CORONEL BOUMEDIÈNE



ARGEL — Como todos os países jovens, que têm

imensas tarefas a realizar, também a Argélia, neste princípio de ano, tem mais tendência para olhar para o futuro que para se debruçar sobre o passado. É significativo, quanto a este ponto, que os seus dirigentes tenham consagrado os últimos dias de 1969 à organização do próximo, plano quadrienal, remetendo para segundo plano retrospectivas e balanços. Contudo, entendem que estes, no conjunto, são positivos. Se há ainda grandes insuficiências, se numerosos problemas continuam sem solução, o certo é que já se obtiveram resultados em diversos domínios, nomeadamente, no económico. Para o coronel Boumediène, que, há quatro anos e meio, preside aos destinos do país, um dos principais êxitos do seu Governo é o de «ter ganhado a batalha da confiança no plano popular».

— Muitos estrangeiros e jornalistas que tenho recebido — declara — têm-me dito que se sentem impressionados com a confiança e o apoio de que o poder goza, junto do povo. É incontestável que o povo argelino acredita naquilo que fazemos; não duvida das nossas promessas, porque sempre cumprimos aquilo que anunciamos. Muitos poderiam ver motivo de reconforto nessa confiança popular. Para nós, é um factor que aumenta moralmente as nossas responsabilidades e que nos leva, a todo o instante, a redobrar de esforços para não desiludirmos essa confiança e as esperanças de um povo que já sofreu de mais

para que lhe vamos infligir novas decepções.

Segundo o chefe do Estado argelino, o ano foi, igualmente, bom no domínio das relações com a França.

— Há uma compreensão muito maior. As relações entre os dois países decorrem de um longo passado e os interesses mútuos são tão importantes que devemos aguardar sempre calmamente as vicissitudes conjunturais.

Até agora temos conseguido resolver muitos problemas que pareciam insolúveis. Actualmente, poucos *dossiers* temos pendentes. Devemos, contudo, acentuar que esses *dossiers* se revestem de um carácter muito importante, porque a sua regulamentação tem directa incidência no desenvolvimento económico do nosso país. De facto, nenhuma razão objectiva impede a solução satisfatória desses problemas para ambas as partes. Penso que a cooperação pode conhecer uma nova vida, tendo em conta, naturalmente não só o estado geral das nossas boas relações, mas também os nossos interesses recíprocos.

Três «dossiers» com a França

— Mas examinemos os três «dossiers» e, primeiro, o do vinho. A não aplicação do acordo de 1964 pesou muito nas relações argelo-francesas, como sabe. Nestes últimos tempos, temos vindo a fazer certo esforço para liquidar o assunto. Não gostaria de tocar outra vez no problema. Agora o que é preciso é olhar para o futuro e, quanto a este ponto, não há ain-

da quaisquer perspectivas. Estamos a esforçar-nos por reconverter a nossa cultura vinícola, mas não é tarefa fácil.

Quanto ao petróleo, há queixas de um lado e de outro. No Outono passado, entabularam-se negociações, que continuarão este ano. Não penso que haja pessoas de boa fé, capazes de sustentar a necessidade de reconduzir pura e simplesmente o acordo de 1965. Esse acordo viu-se contestado pelas realidades. Podemos agora circunscrever todas as suas fraquezas para o tornar mais conforme com os dados concretos e com a evolução geral verificada neste sector. Neste domínio penso que são de evitar as soluções de vistas estreitas, que é de traçar uma solução dinâmica de futuro capaz de abrir largas perspectivas em todos os domínios.

Quanto à cooperação cultural, não existem dificuldades de maior. O plano quadrienal prevê um grande salto em frente no domínio do ensino, em todos os graus. Quer dizer que as perspectivas dessa cooperação continuarão e alargar-se-ão ainda mais nos próximos anos.

— A cooperação desenvolve-se, também, no domínio militar, e diz-se que V. deseja, igualmente, diversificar as vossas relações neste campo.

— A Argélia conduziu uma guerra contra a França. Isso não é razão para pôr de parte a cooperação militar. Do nosso lado, voltámos a página. Não temos ódio nem ressentimento. Já o provámos. Temos, simplesmente, opções claras e precisas tanto na nossa política internacional como na interna. Adentro

esa

Imprensa, que nos obrigam a supor que outras correntes clandestinas tendem a aparecer. Assim, o «Diário de Lisboa» de 1.4.1969, indica que em certas cidades de Espanha se constituem núcleos de emigrantes portugueses. Em Oviedo, no-

meadamente, «...três centenas de pessoas — homens, mulheres e crianças — resignaram-se a esta subexistência dramática». O artigo esclarece, em dado momento, que se trata de «...indocumentados, na sua maioria de proveniência rural», conhecidos pela designação de «Los Gitanos». Outra corrente clandestina foi observada na África do Sul (2). Lê-se num artigo do «Comércio do Porto»: «Desde o início de 1968, a polícia sul-africana prendeu e deportou cerca de 500 emigrantes portugueses clandestinos». Ora, é importante sublinhar que não se trata de moçambicanos mas sim de «grandes contingentes de emigrantes portugueses», atraídos por «redes de engajadores que actuam em Portugal continental e na ilha da Madeira». Segundo o mesmo artigo, Lourenço Marques



Outra imagem do filme «O Salto»

constituiria «o ponto de escala obrigatória para quem pretenda atravessar clandestinamente a fronteira». Finalmente, poderíamos mencionar um terceiro facto, em relação ao qual, no

entanto, as informações são escassas. Trata-se do caso dos trabalhadores portugueses que, depois de se estabelecerem provisoriamente em França, se teriam dirigido para a República Fe-

deral Alemã (3). Ignora-se, todavia, em que proporção os clandestinos estão comprometidos nesse movimento.

Pouco mais se sabe, de modo rigoroso, sobre a emigração clandestina. Várias hipóteses se podem sem dúvida formular sem que, no entanto, nenhuma delas tenha possibilidades de confirmação científica imediata. Tratar-se-á sobretudo de jovens que partem «a monte» para escapar ao serviço militar? É possível, e mesmo quase certo. Será a emigração clandestina, na sua grande maioria, constituída por trabalhadores a quem teria sido recusado o passaporte? Será o contingente dos clandestinos composto especialmente por homens e por jovens, na medida em que os riscos da empresa de-

em Espanha e recambiados para Portugal; condenados a penas de prisão (engajadores e engajados). Os meios utilizados para a travessia são os mais diversos: a pé, de táxi ou de comboio; em camionetas de carga e até mesmo em camiões frigoríficos.

Há ainda outro aspecto, aliás não menos dramático, mas em geral subalternizado nas notícias vindas a público: referimo-nos à exploração de que são vítimas os emigrantes clandestinos, por parte das redes de engajadores, de falsificadores de passaportes, e de funcionários particularmente «condescendentes». E assim à custa «dos dramas» da emigração clandestina, se vai construindo um rendoso negócio, bem organizado, com os seus directores, os seus agentes, os seus executantes.

Mencionemos ainda as implicações da emigração clandestina nos países de destino. Sem papéis, sem nenhuma garantia legal, indefesos perante as autoridades e perante o patronato, os clandestinos vêem-se obrigados a aceitar qualquer espécie de trabalho, assim como as mais inumanas condições de vida. Conhecedores dessa situação, toda uma rede de exploradores da força de trabalho tenta aproveitar ao máximo, desde os patrões, pagando salários baixos e alugando barracas imundas pela preço duma casa, até aos intermediários de toda a es-

na palestiniano

do escrupuloso respeito por estes princípios, não há dúvida de que existem possibilidades de cooperação que merecem ser exploradas.

Os direitos da resistência palestiniana

— Que conclusões tirou da última conferência dos chefes de Estado árabes, e qual é, na nova conjuntura que daí resulta, a posição da Argélia?

— A nossa posição não mudou desde 1967. No Próximo-Oriente há um ocupante e um colonizado. O ocupante, que se julga fortificado com uma vitória militar momentânea, exige o resgate: uma extensão territorial, ou, pelo menos, o seu reconhecimento. Por outras palavras: quer impor a liquidação definitiva do problema palestiniano, o que nós nunca poderemos admitir.

Do outro lado está o colonizado, cujo país está ocupado. Tem o direito e o dever de se libertar por todos os meios. Para ele não há outro caminho que não seja o da luta, o das posições de força, se quer restabelecer a situação em seu favor e reconquistar a pátria usurpada.

Tentou-se deformar a nossa posição, dizendo que a Argélia era intransigente, que queria a guerra. A Argélia entende, apenas, que a guerra é inevitável no Próximo-Oriente, se não se proceder à evacuação dos territórios ocupados e se não se der solução aos problemas palestinianos, dado que as duas questões se ligam estreitamente.

Na verdade, é contraditório reconhecer Israel,

afirmando, ao mesmo tempo, que se é a favor da revolução palestiniana. O problema tem, pois, que ser claramente posto, e não se deve andar a enganar as massas árabes.

Além disso, o facto palestiniano tornou-se uma realidade que se impõe, ali e no plano internacional. Daí que seja impen-sável uma solução que os representantes legítimos dos palestinianos, isto é, da resistência palestiniana, não aprovem.

Defendemos esta posição em Rabat, consideramos que nenhum chefe de Estado árabe pode adoptar outra atitude sem esquecer as consequências da derrota de 1967.

Pensamos, também, que a resistência palestiniana deve usufruir do apoio total e incondicional de todos os países árabes e de todos os homens amantes da liberdade. Mais especialmente, deve poder usufruir de plena liberdade de acção nos territórios que lhe são necessários como bases do seu combate. Quando falo da liberdade de acção, penso, também, nos problemas postos pela unidade da resistência. O dever dos Governos árabes é trabalhar para facilitar essa unidade, não interferir nos assuntos internos dos palestinianos, deixar essa gloriosa organização fora de todas as correntes políticas que dividiram os países do Próximo-Oriente. É este o primeiro dever de todos os responsáveis, cujo objectivo primordial é a liberdade da Palestina.

Não haverá paz no Próximo-Oriente enquanto não for restaurado um Estado palestiniano democrático, onde todos os

cidadãos vivam em igualdade, no respeito mútuo das crenças, um Estado donde fosse bandida para sempre a segregação racial.

— Parece que os outros países do Magreb defenderam a mesma posição em Rabat.

— Estamos de acordo com o Marrocos e a Tunísia para sustentar que o problema palestiniano é um problema colonial, da mesma natureza que o da África do Sul ou da Rodésia. Desta análise decorre um certo número de consequências sobre as quais coincidimos os pontos de vista dos três países da África do Norte.

— De uma maneira geral, as relações da Argélia com os seus vizinhos do Magreb melhoraram sensivelmente em 1969.

— Houve, efectivamente, uma evolução positiva, que é consequência de laborioso trabalho realizado em comum. De certo modo, a «chicotada» deu-se, quando fui visitar o Marrocos, no ano passado, visita essa que foi consagrada com os acordos de Ibrane. O nosso ministro dos Negócios Estrangeiros foi agora a Tunes para assinar os acordos de cooperação e de fixação das fronteiras. Orientamo-nos, cada vez mais no caminho da cooperação, no pleno sentido do termo, porque derrubámos os falsos obstáculos psicológicos e eliminámos as psicoses de desconfiança recíproca. Criou-se agora um clima de confiança, que permite todas as esperanças.

Com a Líbia as nossas relações são muito boas. Não há a mínima incompreensão, muito pelo contrário. Desejamos aos novos dirigentes libios plena

orientada no sentido de liquidar todos os vestígios e consequências da tutela estrangeira.

Já há vários anos que se vem tentando opor a Líbia à Argélia no domínio dos hidrocarbonetos, mas não pode haver divergências com a linha actual seguida pelos responsáveis libios.

É importante que se desenvolva a cooperação entre os países do Magreb, que a confiança se consolide. Queremos que a paz se instaure nesta parte do Mundo, que a nossa região não sirva de terreno de combate entre potências estrangeiras.

«Não precisamos de esquadras estrangeiras no Mediterrâneo»

— A este respeito, a sua posição não parece muito diferente da que o Governo francês expôs recentemente a propósito do Mediterrâneo.

— Falámos efectivamente de «Mediterrâneo para os mediterrâneos» e de «Mediterrâneo da paz»; isso significa que não precisamos de esquadras estrangeiras na nossa região nem de bases na Itália, Líbia, Espanha, etc.

Somos pela partida das esquadras de todos os países que não fazem parte do Mediterrâneo. Do que nós precisamos é de uma cooperação real entre os países ribeirinhos do Mediterrâneo, e isso no interesse desses países. Quanto ao fundo, não há, pois, divergências com a França neste domínio.

— Quais são as grandes orientações do plano

(Cont. na pág. 10)



O primeiro a levar o tema da emigração ao cinema foi Chaplin. Em «O Emigrante», Charlot começa a definir o seu mundo

sencorajaram os velhos e as mulheres? É uma hipótese verosímil. Serão, sobretudo, trabalhadores agrícolas, ou haverá também operários da indústria? Estas e outras perguntas terão de ficar por agora sem resposta rigorosa.

O certo é que a emigração clandestina constitui o aspecto mais agudo de todo o movimento de exodo da população portuguesa. Não só pelas condições em que se processa, mas também pelas implicações que traz o facto de se tratar de trabalhadores indocumentados. No que toca às condições do «salto» para o novo Eldorado basta ler atentamente os jornais quotidianos para tomar conhecimento dos dramas por vezes relatados em tom de «aventura»: mortos ao atravessar as fronteiras; presos

pécie, aos «serviços de colocação», etc. Poder-se-á falar de sobreopressão? Talvez. Mas não será a emigração toda ela uma forma de sobreopressão da mão-de-obra, a qual aproveita às classes possuidoras, sejam elas portuguesas, francesas ou outras? Foi nesta perspectiva que caracterizámos a emigração clandestina como sendo o aspecto mais agudo da emigração tomada na sua totalidade.

(1) — Segundo Joel Serrão («Dicionário da História de Portugal», op. cit.), até meados do século XVIII foram publicados nove textos legais tentando entrar a emigração. Em fins do século XVIII haveria já quatro.

(2) — Cf., por exemplo, «O Primeiro de Janeiro», de 8-11-1967 e «O Comércio do Porto», de 23-2-1969.

(3) — Daniel Courgeau, «Les départs, hors de France, de travailleurs étrangers», in «Population», n.º 4, Julho-Agosto de 1968.

O mar e a fome

(Continuação da página 1)

te processo alcançou também as águas. Diminuíram grandemente as reservas de salmões do Extremo Oriente, do linguado dos mares do Norte, dos caranguejos do Kamchatka, dos esturjões.

Hoje a humanidade defronta-se com um fenómeno muito contraditório: no mar há mais de bilião e meio de toneladas de algas e mais de 32 biliões de

toneladas de animais, o que constitui enorme reserva de alimentos. Parece que são tão grandes que a ameaça da fome é apenas um produto de imaginação doentias. Por outro lado, o exemplo do desaparecimento de preciosas espécies de peixes é um aviso de que a intervenção impensada na vida do mar, o desconhecimento das leis desta comunidade viva, podem violar para sempre o equilíbrio, isto é, as relações que

se constituíram ali durante séculos e que mantêm e geram a vida.

A vida do mar começa pelo fitoplankton, pelas plantas capazes de, absorvendo a energia solar, transformar em substâncias albumináceas o gás carbónico, os sais de nitrogénio e fósforo. Tais substâncias, depois de numerosas transformações, tornam-se em alimentos para pequenos peixes ou para as enormes baleias.

mação de albuminas, encontraram alimentos no meio que então se cercava.

Pelo visto esta propriedade, que consiste em mudar o ciclo vital, encontra-se com frequência. Pelo menos foi verificada em algumas espécies de diatomáceas, como reacção a condições inesperadamente desfavoráveis. Mas, com que frequência isto se dá? Que organismos vegetais podem passar a esta forma de existência tão pouco característica para eles? Os estudiosos do Instituto de Sebastopol só recentemente iniciaram o estudo deste fenómeno que, indubitavelmente, deverá ser tomado em consideração ao fazer-se o cómputo da produção primária dos oceanos.

As experiências com átomos marcados revelaram grande numero de peculiaridades referentes à vida do mundo vegetal. O esgotamento das reservas de fósforo na água inibe grandemente o crescimento dos organismos unicelulares. Mas, verificou-se que estes podem acumular o fósforo, vivendo um certo tempo à custa destas reservas.

Os elos da cadeia alimentar

Os problemas podem ser deslindados de diversas formas. Os cientistas de Sebastopol decidiram-se calcular os recursos biológicos do mar tentam compreender suas leis através do estudo das transformações de energia, das transformações do que é vivo em não vivo e vice-versa. Eles verificaram a produtividade do zooplankton, constituído por animais microscópicos que consomem o fitoplankton. Fizem-no no mar Negro, no mar Vermelho, no Mediterrâneo, no das Antilhas e no Golfo do México. Verificaram que a massa biológica é, do mar Negro, dez vezes superior à do Mediterrâneo. Estudando ao microscópio as águas de diversas regiões oceánicas, os cientistas obtiveram dados sobre a composição do zooplankton quanto às espécies que o formam, sobre a sua geografia e as migrações diárias, nas diversas estações do ano.

Verificou-se que a massa geral do zooplankton se reproduz 25 a 30 vezes por ano. No entanto, os cálculos actuais, necessários para o conhecimento da vida do mar, são muito aproximados, exactamente porque muitas das leis desta continuam desconhecidas.

Para se responder à pergunta: quanta massa biológica fornece o zooplankton, deve-se conhecer a velocidade de proliferação das diversas espécies, a duração da vida e o balanço geral.

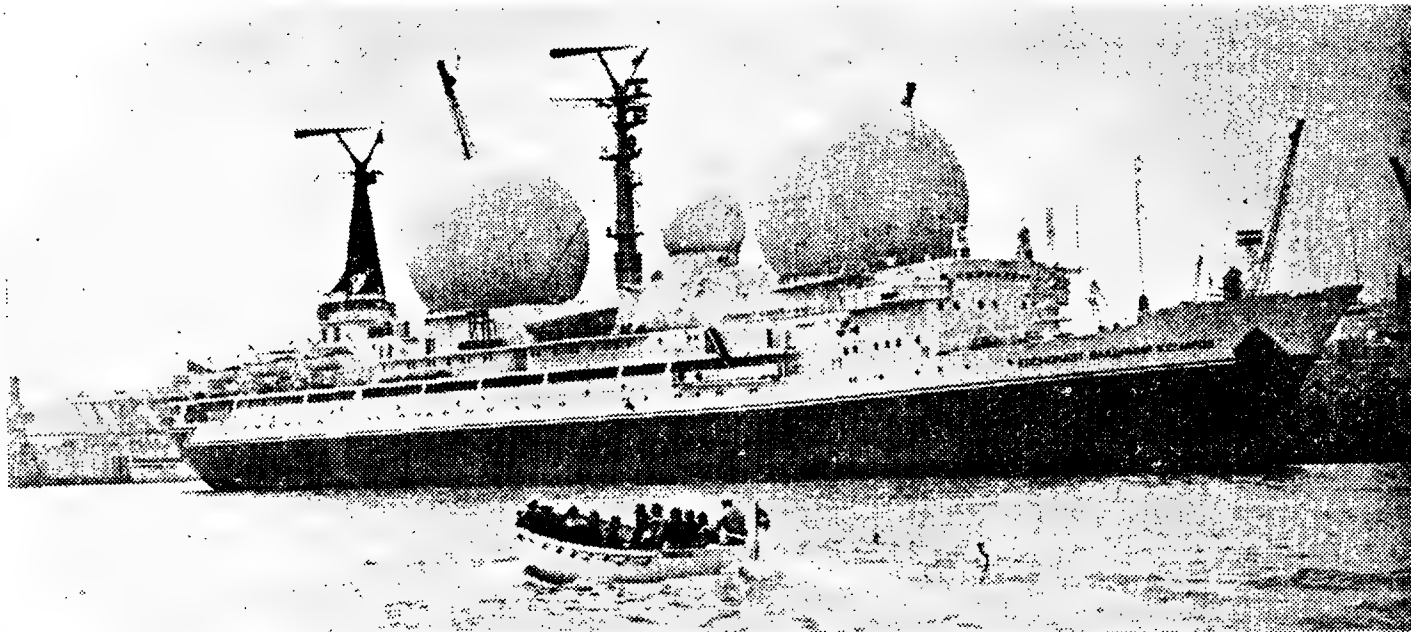
Como se alimentam, de quê e em que quantidade? Para verificá-lo os estudiosos, com um minúsculo bisturi, seccionam os micro-estômagos de animais cujo tamanho não ultrapassa às vezes um centímetro. Pesquisas que duraram vários anos já forneceram dados sobre a vida dos carnívoros. Amanhã permitirão exprimir em números a falta de elos na cadeia alimentar que vai dos animais do zooplankton aos peixes e ao homem.

Cada elo da cadeia alimentar é objecto de estudo de equipas científicas especializadas. Um laboratório estuda a população do fundo do mar, extraordinariamente variada e que vive, no fundamental, à custa de substâncias orgânicas provenientes da decomposição de plantas e de animais. No fundo dos mares os investigadores descobriram espécies de algas muito valiosas para a economia. Hoje os cientistas já podem dizer quais são as reservas do fundo dos mares que constituem considerável fonte da alimentação para os peixes. E podem dizer também qual a sua produtividade.

Falam a linguagem dos números os microbiologistas e bioquímicos do mar, que calculam os «fragmentos de substâncias orgânicas» dissolvidos na água, incluindo-se aí albuminas, ácidos, vitaminas e hidrocarbonetos. O objectivo final deste balanço dos oceanos é a transformação da exploração dos mares em economia dirigida. O objectivo é remoto, mas ele começa a realizar-se já hoje.

As previsões cientificamente fundamentadas dos cientistas de Sebastopol permitem determinar as normas de pesca que garantam o máximo ritmo de reprodução das reservas de peixe. Esta é uma das conclusões reais das pesquisas teóricas. A segunda é a criação artificial de algas, crustáceos e mesmo peixes.

(Exclusivo «Novosti», para o «Diário de Lisboa»)



O barco de investigação científica «Komarov» fundeado no porto de Odessa

Qual a quantidade de fitoplankton existente no mar a diferentes profundidades e em diferentes zonas? Buscam uma resposta a esta pergunta os investigadores do Instituto de Biologia dos Mares do Sul, com sede em Sebastopol, no mar Negro. Trata-se de uma das maiores organizações científicas da U. R. S. S. que se dedicam ao estudo do mar sob os mais diversos aspectos, indo da contaminação pelos resíduos petrolíferos ao estudo dos princípios que regem a capacidade natatória dos peixes. Para verificar a quantidade de fitoplankton, o conteúdo dos frascos com amostras de águas será examinado de modo a fornecer aos estudiosos novos elementos sobre as alterações planetónicas ligadas às estações do ano.

Os cientistas de Sebastopol não se limitam a estudar o mar Negro. Eles organizaram mapas únicos no género, nos quais se encontra assinalada a distribuição do fitoplankton da zona tropical do Atlântico, da parte norte-occidental do Oceano Índico e do mar Vermelho, como resultado de um longo e cuidadoso trabalho. Foi necessário para isto o estudo de milhares de amostras de água colhidas em expedições. Isso trouxe conhecimentos que permitem saber quais as regiões mais ricas em vida e onde se pode esperar melhor pesca.

O Instituto dispõe de uma colecção, única no Mundo, de culturas de algas planctónicas que foram trazidas do mar das Antilhas, do Golfo do México e de outras regiões dos diversos oceanos. Estes organismos unicelulares, de 10 a 30 microns, são muito delicados, perecendo com as menores alterações do regime de luz, temperatura ou composição da água.

As culturas puras, formadas apenas por uma espécie de plantas, ajudam os cientistas a revelar as reservas potenciais dos diversos representantes do reino vegetal. Verificou-se que das trezentas espécies de algas diatomáceas apenas vinte podem ser consideradas verdadeiras criadoras de produção biológica. Algumas delas podem dividir-se até dez vezes por dia, isto é, decuplicar a massa vital!

Plantas monocelulares povoam cada gota dos primeiros cem metros de água que formam a espessura oceanica. A profundidade de 20 a 30 metros elas proliferam com particular ímpeto, sendo esta a zona em que é mais intensa a luz solar. Encontra-se, porém, o fitoplankton também a profundidades de quinhentos ou mil metros, onde as algas não podem «alimentar-se» dos raios solares. Como podem viver ali?

Os estudiosos colocaram numa proveta defendida da luz substâncias alimentícias marcadas. Algumas das algas, desistindo da fotossíntese e da for-



**ALCATIFA
AS
ESTRADAS**



**O
amortecedor
mais barato
por km.
percorrido**

Distribuidores:
SOGERIM - SOCIEDADE GERAL DE IMPORTAÇÃO, LDA.
AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 23-ABC LISBOA
TEL. 56 0156

O Partido Republicano e o 31 de Janeiro

(Cont. da pág. 1)

é indispensável não esquecer é o da intervenção constante e atenta dos intelectuais republicanos nas contendas políticas. Já atrás foram indicados alguns nomes, e não dos menores; mas não pode pôr-se em segundo plano um José Falcão, um Manuel de Arriaga. As coisas atingem tal grau de entusiasmo que o próprio Ramalho — de que alguns biógrafos hoje dizem nunca ter sido republicano — chegou a presidir a um comício!

É bem curiosa a evolução do Ramalho! Consoante a monarquia vai seguindo a senda do abandaloamento moral, da bancarrota financeira, o clericalismo rancoroso e intolerante de um compromisso cada vez mais apertado com a Alta-Finança, da submissão, confessada ou não, aos interesses da Alemanha, França — conforme a monarquia desliza para essa fossa, assim ele se vai aproximando e fundindo mais com ela! A vocação, o destino de alguns homens cheios de basófia,

é realmente extraordinário!

Voltando ao nosso tema, o dos intelectuais e a República: não se trata de escritores que apenas tenham publicado panfletos ou artigos de combate. Alguns são ou virão a ser, em breve, grandes nomes, como é o caso de Teófilo Braga — um gigante, em que ainda hoje certos homens, aliás com responsabilidades, gostam de catar pequenos erros e equívocos, como quem esgaravata a crosta duma pequenina ferida!

É assim que sob a acção de todos estes factores contraditórios — por um lado, erros da monarquia; pelo outro, propaganda positiva e concreta — o número de republicanos vai crescendo a olhos vistos. O que se vê, se se atender a que nas eleições municipais de 1885, 4300 eleitores votam na República; dois anos depois, em 1887, já este número subia para 4500! Sómente em Lisboa!...

Em Lisboa apenas 4500 votos pela República! Não é pouquíssimo? Vale a pena falar nisso? Valerá a pena fazer fin-

ca-pé em tal insignificância? Numa cidade já então com mais de dois centos de milhares de habitantes, que são 4500 votos?

As coisas têm que ver-se sempre em relação umas com as outras. Não está a ver bem a questão quem fala dessa maneira. Na Lisboa de então, o número total de eleitores com todas as restrições que a lei impunha, não chegava a 10 500!

Portanto, os republicanos, apesar da atemorização, das perseguições e de violências inauditas que chegam ao assassinato — no Funchal, como «introdução» às eleições de 1884 e com o objectivo de bater Manuel de Arriaga, são assassinadas a tiro sete pessoas! — conseguem conquistar quase metade do eleitorado. Ora isto não é pequena coisa.

Mas a grande vitória parece ter sido conseguida nas eleições gerais de Março de 1890, a seguir imediatamente ao Ultimatum: a população de Lisboa, passa a ficar representada no Parlamento por três deputados republicanos — Elias Garcia, Latino Coelho, Manuel de Arriaga, pela maioria; e por Serpa Pinto, pela minoria.

Pouco tempo depois — depois da vergonha do beija-mão do Ultimatum e da proposta, que chega a ser feita no Parlamento, da venda das colónias — rebenta a Revolução de 31 de Janeiro, no Porto.

As republicanos crescem sempre, em número e em qualidade, apesar de tudo: em 11 de Novembro de 1891, dez meses após a «derrota» do 31 de Janeiro, os que dão o seu voto à República, nas eleições municipais, em Lisboa, são já 7500!

E donde vem este vigor, esta força sempre crescente que causa o pânico e a indignação dos adversários?

Entre outros, José Falcão, o homem impotente de sempre, lança o mot-d'ordre:

«O Partido Republicano supõe que só há um remédio: e este remédio há-de vir da Revolução. Ou a revolução feita pelo Rei, ou a Revolução feita pelo povo...»

Assim ia terminar aquela monarquia liberal pela qual se bateram Herculano e Garrett; a que deram seu esforço imenso um Mousinho, um José Estêvão, um Fernandes Tomás, um Passos Manuel!

Foi portanto o Partido Republicano, de 91 em diante, que passou de

facto a desfraldar a bandeira da Revolução, que a monarquia se negava a empunhar. O Partido Republicano é o responsável único e convicto por esse grande passado de luta quase permanente desde 1820 a 1852 — luta dos grandes pelo talento e também dos homens simples e serenos que, em certas épocas, constituíram aquelas famosas Juntas que sabiam agregar e canalizar o povo para a posição que mais lhes convinha.

Foi isto plenamente sentido e compreendido por todos os republicanos do País e por todos os homens sérios, sem posição política definida. E foi esta a doutrina desenvolvida no «Manifesto dos Emigrados da Revolução Republicana Portuguesa de 31 de Janeiro de 1891» — assinado em Madrid por um grupo de emigrados, de que faziam parte Alves da Veiga, Basílio Teles, Sampaio Bruno...

Apenas assim, tudo se resgatará, tudo se reconstruirá e poderemos voltar a considerar-nos continuadores dignos dos lutadores pela Liberdade de 1385, 1820, 1891!

«Só um movimento da Nação (unânime no seu querer, revolucionário no seu carácter, pode adquirir as condições necessárias para se atingir o grau de força espontânea precisa a vastos, leais comprometimentos.»

Os homens do 31 de Janeiro não viram de forma alguma, na Rua de Santo António, o fim de tudo, mas exactamente a primeira gota de uma onda que começará pela congregação dos esforços de todos os elementos bons da Nação; e que se irá processando e ampliando até poder estender-se por toda a praia! O 31 de Janeiro não será o fim de tudo, mas exactamente o deflagrar dum movimento de que ele foi apenas o primeiro tiro!

...que iria ter seu fecho em 5 de Outubro de 1910. É caso para corrigir aquela bela canção de Paul Robeson:

«Voltarei um dia à Escócia,
[c]ia,
Voltarei a ver as belas
[m]argens do Lago.
Mas não voltarei a ver a
[m]inha amada...»,
Corrigir, acrescentando:

Mas nós, homens do 31 de Janeiro, voltaremos...

FLAUSINO TORRES
(Do livro a sair em breve: «História Contemporânea do Povo Português», 2.º vol.)



Burroughs apresenta uma nova concepção tecnológica —
ELECTRONIC OFFICE COMPUTER — L-2000

Técnica de hardware avançada - Novo conceito: Firmware - Software já disponível.

Proporcionam: Alta produtividade -
Potente programação interna - Possibilidade de input/output de fita, cartão e edge punched card -
Capacidade de «on line».

Peça já uma demonstração sem compromisso

ao representante **Burroughs**



ROBINSON, BARDSLEY S.A.R.L.

LISBOA — Rua S. Sebastião da Pedreira, 122 — Tel. 56 02 60

PORTO — Rua do Rosário, 104 — Tel. 2 97 67

GOVILHÃ — Rua Marquês d'Ávila e Bolama, 119 — Tel. 2 56 04



Aspectos do cinema português

(Cont. da pág. 3)

vindas a público o fenómeno teria como causa o avanço da televisão, uma vez que foi precisamente no ano em que o decréscimo de espectadores se começou a assinalar — 1957 — que se começaram a instalar os primeiros aparelhos de TV. Daqui a fuga de espectadores, daqui o encerramento de salas. Numa análise objectiva não nos parece, no entanto, que tenha sido o aparecimento de novos meios culturais a causa profunda do afastamento do público cinematográfico. A explicação do fenómeno situa-se sim ao nível do económico: tendo a população portuguesa um baixíssimo poder de compra (uma média de cerca de 1.000\$00 por mês) as suas exigências culturais estarão necessariamente limitadas. Logo, o aparecimento da TV traduziu-se numa possibilidade de diminuição de despesas por parte do consumidor de cinema trocando-o pelo preço de uma «bica» pode passar uma noite distraído (já que limitado o seu acesso cultural não pretende mais do que isso). Embora sendo certo que a análise do problema não se reduz unicamente ao esquema das relações económicas estas são no entanto a sua principal causa.

Vejamos agora o aspecto da falência das empresas cinematográficas que se traduz no encerramento das respectivas salas. Tivemos presente que durante 1968 fecharam sete salas de cinema (quatro em Lisboa; uma em Moncorvo; uma nas Minas de S. Domingos; uma nas Ilhas) abriram em contrapartida três novas salas (uma em Lisboa; uma no Estoril uma em Oliveira de Azeméis). No caso de Lisboa, as que fecharam foram: Palatino, Max, Rex, e Restauradores. A que abriu: o Lumiar. Como imediatamente se verifica fecharam salas populares em que os preços eram reduzidos (4\$50-7\$50) abrindo uma onde os preços oscilam entre 15\$00 e 20\$00.

Assim, se confirma, segundo nos parece, o nosso ponto de vista ao colocarmos o problema ao nível do económico: é que a fuga de espectadores, situa-

-se fundamentalmente nos de mais baixa condição económica que são os grandes frequentadores das salas populares. Com a sua fuga encerram-se essas salas, o que leva por sua vez ao afastamento do restante público que ainda se conservava fiel às velhas salas. Por outro lado o fenómeno repercute-se igualmente ao nível da classe média, que começa também a sentir os efeitos do aumento do custo de vida (inflação), e que a par das frequências dos cinemas populares ia também até às salas de preços mais elevados. Daqui a perda de mercado para as empresas exploradoras destas últimas salas que para lhe fazer face se agrupam, monopolizando a exploração das salas de cinema. Isto contribui para o pressonamento das restantes empresas que ficaram fora desses agrupamentos sendo mais um factor para o encerramento de salas,



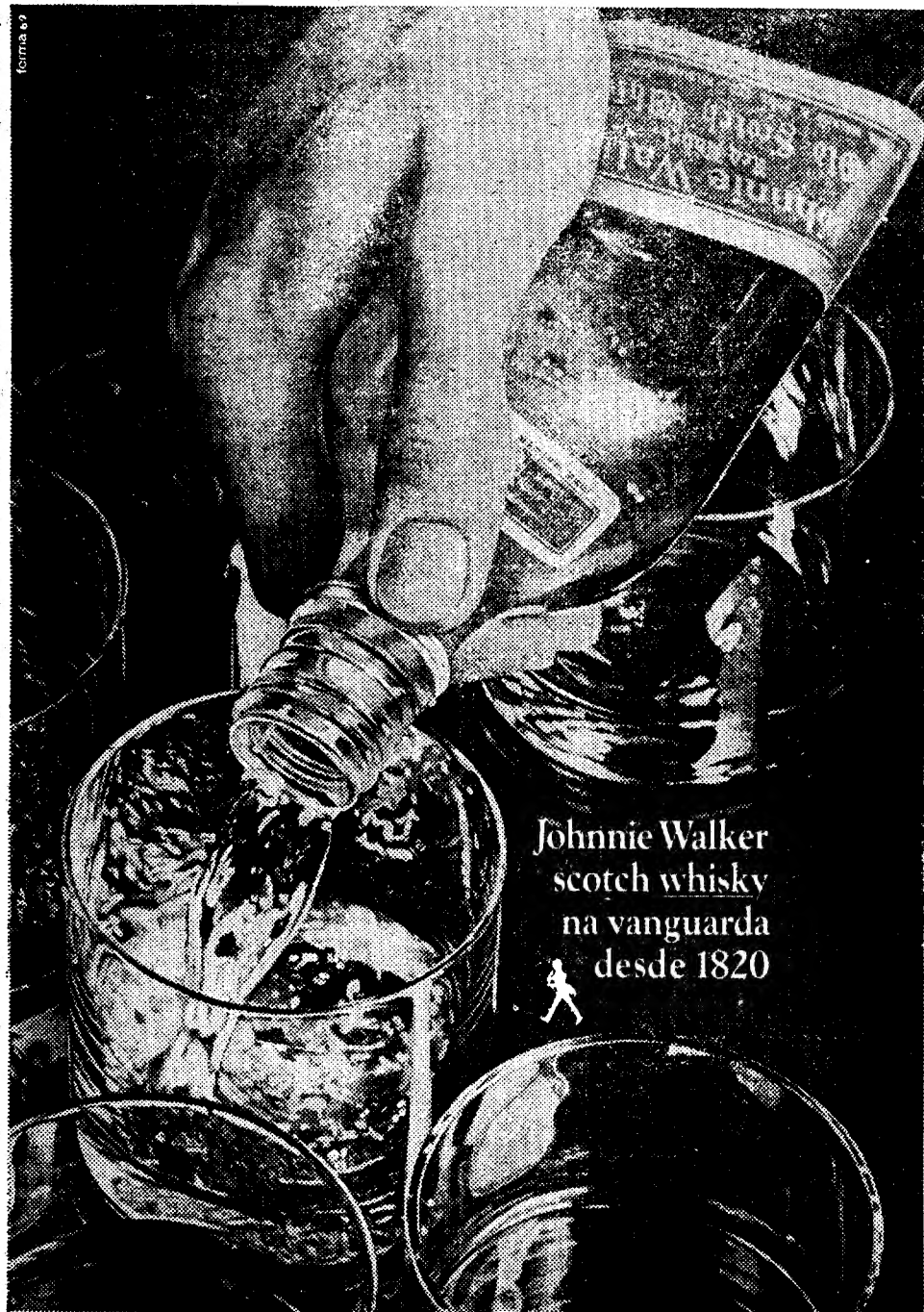
normalmente as tais salas populares de preços reduzidos.

Analisando agora, e rapidamente, já que o espaço não dá para mais, o que se vê verifica-se que das 341 grandes metragens estreadas em 1968 43% eram de origem norte-americana e cerca de 20 % italianas, sendo certo que muitos dos filmes com o rótulo de italianos são produzidos por empresas norte-americanas instaladas na Itália. Destes filmes a temática da esmagadora maioria é a violência e o sexo. A violência pela violência, o sexo pelo sexo, só raramente sendo dado ver alguma obra válida. Válida à luz do seu conteúdo ideológico e político e da sua qualidade estética; válida na medida em que deveria ser um meio de compreensão dos conflitos de classes.

Do que fica dito algumas conclusões se podem tirar: a primeira é a de que a diminuição de frequen-

dores das salas de cinema é devida, principalmente, aos preços elevados dos respectivos bilhetes (10\$80 em média para o Continente; 14\$90 para a cidade de Lisboa), tendo o aparecimento da TV sido a causa aparente, o escape, que deu origem a esse decréscimo; a segunda é a de que o encerramento das salas populares como reflexo da fuga de espectadores não é mais do que um fenómeno típico do desenvolvimento capitalista; a terceira é a de que os temas propostos ao espectador português não são numa perspectiva de elevação cultural, cultura entendida como meio de análise crítica da realidade social e como proposta de transformação dessa mesma realidade, mas como meio de alienação, como meio de condução dos consumidores para os objectivos de uma sociedade em que o lucro é a «mãe» de todas as coisas. Aliás, é digno de nota a percentagem de filmes norte-americanos em exibição. Ela não é mais do que um fenómeno típico da expansão imperialista, neste caso através da difusão de uma certa cultura.

LINO DE CARVALHO
(Do Cine-Clube Imagem)



Entrevista com Boumediène

(Cont. da pág. central)

quadrienal adoptado agora pelo Governo argelino?

— Há três grandes princípios fundamentais:

a) Dar o seu verdadeiro conteúdo à independência económica do país, lançando as bases da industrialização e modernizando a agricultura. Estamos agora a dar início à etapa da revolução industrial e da revolução agrícola;

b) Lançar uma acção de envergadura a favor da promoção do Homem. O nosso objectivo é o de elevar o nível de vida geral, mas também o de empreender um trabalho em profundidade a favor da promoção social e cultural da população. Faremos assim um esforço considerável para escolarizar a totalidade das nossas crianças, para formar quadros a todos os níveis, para democratizar a Universidade, para associar os operários na gestão das empresas, estabelecendo assembleias operárias por unidade de produção, a fim de transformarmos a mentalidade e as condições de vida nos campos;

c) Criar as bases materiais da economia socialista. Com o plano quadrienal, encetamos a batalha decisiva contra o subdesenvolvimento.

A realização destes objectivos exigirá esforços excepcionais. Para o conseguirmos, temos de investir um terço do rendimento bruto da nação. É uma taxa raramente igualada no mundo. Te-

remos de suportar consideráveis quantidades de bens de equipamento. A concorrência internacional tornou-se muito viva na nossa época, mas, no quadro da cooperação, a indústria francesa poderá encontrar mercados muito importantes.

Um Estado forte e sério

— O seu Governo procede, simultaneamente, ao estabelecimento das estruturas institucionais. Em que ponto se está nesse domínio?

Um Estado não se constrói em três ou quatro anos. A própria História da França mostrou que foram necessários séculos para amadurecer as suas instituições, e, apesar disso, elas foram seriamente abaladas pela guerra da Argélia.

Não queremos construir as nossas instituições com uma vara de condão. Os plebiscitos prefabricados, as instituições destinadas a cobrir, a curto prazo, o vazio do estado tiveram, em todo o lado, o fim que se sabe. Desde 19 de Junho de 1965 que a nossa ambição é a de construir um Estado forte e sério adequado às realidades do país. Um Estado que possa resistir aos acontecimentos e aos homens. A nossa vontade é fazer dele um Estado democrático, onde as responsabilidades políticas sejam assumidas por homens eleitos pelo povo.

A nossa preocupação é construir um Estado descentralizado. Para garantirmos, a todos os escalões, a partilha das responsabilidades e para permitirmos que os eleitos das comunas e das regiões registem, por si mesmos, os problemas que se põem nas cidades, aldeias e wilayate (provincias). Já realizamos as reformas comunais e provinciais, e as assembleias dessas colectividades foram eleitas por sufrágio universal. Exercem agora as suas responsabilidades. Demos-thes vastíssimos poderes, a fim de que o nosso Estado seja tão descentralizado quanto possível.

Estamos agora a estudar o último andar do edifício. Refiro-me às instituições nacionais. Não está muito longe a sua criação em bases democráticas, em plena luz e com a participação de todos os cidadãos. Não serão instituições de circunstância, destinadas a impor um chefe político: serão, sim, a concretização da construção nacional e reflectida de um estado sólido e estável, capaz de levar a bom termo as grandes tarefas de desenvolvimento económico, que nos esperam.

PHILIPPE HERREMAN



Cinema amador

(Cont. da pág. 3)

na sua opinião, a sessão de projecção de filmes e distribuição de prémios do Concurso Nacional de Federação. Não percebemos bem se o fazem porque são avessos ao ambiente familiar, se é porque entendem deva o cinema amador ter uma audiência mais vasta, ou se será por considerarem desprézar a convivência social das famílias dos autores dos filmes concorrentes. Se por algum lado se deve começar por conseguir introduzir o cinema amador no gosto da população, parece-me que será a família o melhor começo, pelas perspectivas que oferece de melhor poder fazer uma propaganda efectiva junto das restantes camadas de assistentes em potência.

E do convívio frequente das pessoas só pode advir vantagens, cremos nós.

Contudo também aqui se revela o desconhecimento dos autores, pois já há mais de dois anos que a Casa do Algarve organiza sessões de Cinema de Amadores para os seus sócios e pessoas das suas relações, registando sempre assistências muito boas, não só em relação à quantidade como ao interesse demonstrado pelas obras projectadas.

Igualmente o Nucleo de Cineastas Independentes, Secção de Cinema Amador dos Galitos de Aveiro, Secção de Cinema Amador do Ateneu de Setúbal, Secções de Cinema Amador do Cine-Clube da Beira, do Clube Juvenil de Portimão, da Associação Cristã de Coimbra, do CAT Paula Dias, do Grupo Cultural e Desportivo da C. N. N., do Cine-Clube do Porto, da Casa das Beiras no Lobito, e o Clube Português de Cinema de Amadores, pioneiro destas actividades. E cremos que ninguém melhor que os clubes de cinema amador podem autogerir os seus interesses.

Quanto à afirmação de que o relatório do júri, lido na ocasião da entrega dos prémios no Festival da Federação, continha a frase «Os temas do Cinema Amador, não se podem desenvolver no cinema comercial», é errada, pois que tal não constou do referido relatório como facilmente poderão comprovar.

4 — Divórcio entre o cineclubismo e o cinema amador

É claro que não existe divórcio mas caminhos diferentes e, talvez, objectivos não idênticos. De resto, os cineclubes

com secções de Cinema Amador (Cine-Clube da Beira, por exemplo) fazem parte da Federação deste a primeira hora.

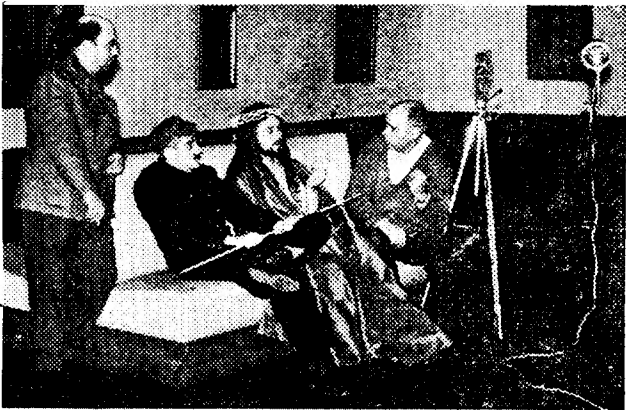
E quanto à actividade de desenvolvimento pelos cineclubes, no sentido de divulgarem o melhor cinema e de o estudarem, ela é, como de resto todas as actividades humanas, muito discutível.

Não vemos também quais são os organismos de cúpula que o cinema amador preferiu para o promover e divulgar, a

pelo cinema, a raiz do interesse e do desenvolvimento que o cinema pode vir a ter em Portugal. E é, meus senhores, a sua obra analisada.

O Clube Micro Cine organizou há relativamente pouco tempo um ciclo de Cinema Amador Crítico, onde os filmes projectados foram analisados exaustivamente, em conjunto com a assistência e o júri escolhido.

E além disso, dentro dos clubes, promovem-se sessões dedicadas aos só-



Cena de trabalho para o filme «Solidão», do dr. Vasco Branco

não ser que se chamem assim os clubes que têm vindo a ser formados ou as Secções de várias colectividades que ao cinema amador se têm dedicado (Ex.: Clube Micro Cine — Nucleo de Cineastas Independentes, Secção de Cinema Amador dos Galitos de Aveiro, Secção de Cinema Amador do Ateneu de Setúbal, Secções de Cinema Amador do Cine-Clube da Beira, do Clube Juvenil de Portimão, da Associação Cristã de Coimbra, do CAT Paula Dias, do Grupo Cultural e Desportivo da C. N. N., do Cine-Clube do Porto, da Casa das Beiras no Lobito, e o Clube Português de Cinema de Amadores, pioneiro destas actividades). E cremos que ninguém melhor que os clubes de cinema amador podem autogerir os seus interesses.

Não, o cineasta amador não é um herói, embora faça os filmes, claro, como pode, é antes um verdadeiro entusiasta

cios, tendentes a aperfeiçoar-lhes os conhecimentos, organizam-se cursos de formação, projectam-se e discutem-se as obras próprias e alheias.

Algo se está fazendo e se não é tudo o que os senhores desejam, podem crer que muito mais desejam os cineastas amadores, e que se ainda o não fazem, isso não significa abandono mas paciência.

Quanto ao vosso lamento sobre a falta de interesse demonstrada pelos críticos de cinema de maior audiência, comungamos convosco.

É realmente pena que exista esse desinteresse mas o que quanto a nós ele revela é o tal preconceito por vós citado, de que o cinema amador é igual a cinema de segunda.

Talvez achem que é desprestigiado falar de cinema menor...

Falam ainda os autores da necessidade de efectuar um maior número

de sessões fora da sede, e nos concordamos com a ideia, mas parece-nos que não sendo bastante é já muito o que se faz. Existem circuitos de filmes, a Casa do Algarve tem organizado várias sessões de divulgação, o Nucleo de Cineastas Independentes também já organizou sessões identicas na Casa do Alentejo, no Centro Espanhol e em Setúbal, o Centro de Estudos Cinematográficos da A. A. C., o Clube Juvenil de Portimão e o Grupo Cultural e Desportivo da C. N. N. também já realizaram algumas sessões.

5 — Os Cineastas

Na apreciação crítica que os autores fazem aos cineastas, cita-se o nome de António Campos, como o do realizador amador português que mais discutido e analisado tem sido. É provável que assim seja mas pesadamente o afirmo, não conheço infelizmente qualquer obra desse autor e como eu estou em idênticas circunstâncias muitos cineastas amadores portugueses. Dizem os autores que ele não participa, significativamente, dos Festivais.

Que se entende por tal afirmação?

Que António Campos considera os Festivais sem interesse e prefere guardar as suas obras para os conhecidos e amigos.

Se é assim, está no seu direito, claro, mas creio não serem de aplaudir tais restrições, porque assim se está a cair forçosamente no tal ambiente exclusivamente familiar e a impedir que as obras de arte cheguem ao grande público. Quando se cria uma obra de arte deve ela ser submetida à apreciação de todos, porque se é boa todos beneficiam em vê-la e se contém defeitos, será o autor beneficiado pois ficará a conhecê-los e poderá, se concordar com os reparos, vir a corrigi-los em futuras obras.

Como disse antes, não conheço quaisquer filmes de António Campos e já agora aproveito para lhe solicitar o favor de me ceder os seus filmes para



«O Castelo», de Vasco Leite Pinto

uma sessão crítica de projecção a realizar no cinema do Grupo Cultural e Desportivo da C. N. N., em data a combinar. Sem dúvida que os cineastas amadores da capital acorreriam interessados a presenciar as suas obras, o que até agora lhes tem estado vedado fazer.

Neste capítulo, porém, o da apreciação crítica dos filmes e seus autores, muito estranhámos que se omitam nomes por de mais conhecidos no País e no estrangeiro e sejam referidos de passagem alguns dos mais representativos do cinema amador nacional. (Casos de Vasco Pinto Leite, José Barbosa, Vasco Branco e Vieira da Fonseca).

A injustiça cometida é tanto mais flagrante quanto é certo serem estes cineastas os que mais galardões conquistaram não só em Festivais de «ambiente familiar» como os nossos, como também, em variadíssimos concursos internacionais.

O dr. Vasco Branco, por exemplo, tem dentro do cinema amador nacional uma obra que importa realçar, pelo que ela tem de valor positivo muito acima do normal, e porque se trata de um cineasta experimentado com vasta e valiosa filmografia.

Na apreciação crítica as opiniões podem ser divergentes, mas devem ser devidamente fundamentadas; no difícil campo da animação, do documentário ou no do enredo, o dr. Vasco Branco já demonstrou bem o seu valor para que não mereça da parte dos autores apenas uma simples referência um tanto ou quanto depreciativa.

E deixámos propositalmente para o fim a afirmação inicial: «...para a criação efectiva das estruturas que o arranque da mediocridade a quem, quanto a nós, e salvo poucas excepções, está votado».

E dessa mediocridade que se salvam e foram largamente premiados no País e no estrangeiro, os filmes que a seguir se indicam:

«Entre a morte e o milagre», «Domingo de Agosto», «A bicicleta», «O espelho da cidade», «Chaos zn-73», «O menino e o caranguejo», «O naufrágio», «Rajada», «O intruso», «1900», «O palhaço», «O castelo», «Ritmos de férias», «Os idealistas», «Indecisão», «Margari-da», «Baixa-mar», «Caminhos da solidão», «O condenado», «E o tempo parou», «João», «Uma vida», «O anúncio», «Pesadelo».

Devemos pois incluir na mediocridade os Festivais que os premiaram, em confronto com a produção mundial amadora: Benidor, La Coruña, Bilbao, Sevilha e Calla

d'Or, Espanha; Paris, Cannes e Montpellier, França; Londres, Inglaterra; La Louvière e Huy, Bélgica; Nyon e Zurique, Suíça; Salermos, Rappallo e Olbia, Itália; Amsterdão, Holanda; Dubrovnik e Skopje, Iugoslávia; Luxemburgo; Salzburgo, Austria; Marburg, Alemanha Federal; Andorra; Tóquio, Japão; Viña del Mar, Chile; Lusaka, Rodésia; Joanesburgo, África do Sul.

É ainda nessa mediocridade que se deve incluir a Alemanha Ocidental e o Canadá, por apresentarem nos seus programas de televisão muito recentemente, alguns filmes de amadores portugueses.

Ao filme de Vasco Pinto Leite, «O castelo», têm sido, por exemplo, atribuídos muitos prémios e feitas excelentes críticas, na Alemanha, no Japão, na Itália, na França; os nomes de Vieira da Fonseca e do dr. Vasco Branco são bem conhecidos nos meios amadores internacionais e algumas das suas obras fazem parte das filmotecas internacionais mas, claro, apenas como manifestação de mediocridade...

A representação portuguesa aos Festivais da UNICA, tem de há alguns anos para cá alcançado lugar entre os quarto e oitavo classificados entre cerca de trinta nações, mas é óbvio que tal representante apenas mediocridade...

E as estruturas de base do cinema amador não estão evidentemente lançadas, porque não têm aparecido novos clubes, porque os clubes não promovem sessões de divulgação e crítica dos filmes, se desinteressam da formação dos seus associados e não procuram regularizar as condições de trabalho dos cineastas amadores...

E ainda porque para melhores resultados serem possíveis, não se constituíram os clubes em comissão e dela não surgiu a Federação Portuguesa de Cinema de Amadores cujos estatutos esperam aprovação oficial e não têm tentado por todos os meios, alcançar divulgação e dignificar o cinema amador português...

Muito falta ainda fazer, mas temos de convir que alguma coisa já foi realizada e a «mediocridade» existe apenas na imaginação dos dirigentes da Secção de Cinema do Ateneu de Coimbra.

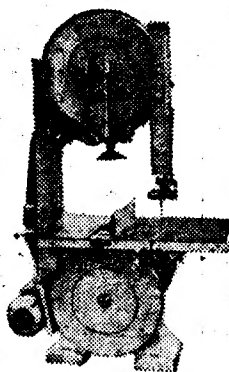
De resto a «genialidade» será sempre privilégio de uns poucos.

Que se há-de fazer?

ERNESTO GIL DE OLIVEIRA

(Director da Secção de Cinema de Amadores do Grupo Cultural e Desportivo da C. N. N.)

«MIDA»



Serra da fita
Mod. SF-70-80-90

Fábrica: — TROFA Tel 94923/4/5

Filial em Lisboa:

Av. Defensores de Chaves, 3/A (Telef. 44147)

UMA FABRICA
ALTAMENTE ES-
PECIALIZADA
NO FABRICO DE
MAQUINAS PA-
RA AS INDUS-
TRIAS DE:

- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA

Relógio suíço

CAUNY

100% Impermeável abaixo de água

O relógio que respira debaixo de água

China: política de contradição?

JOÃO GOMES

A política chinesa desenhase em termos que, aparentemente, parecem recobrir cada vez mais a marca do contraditório. Uma reflexão mais atenta e a vontade de atinar com as causas de tal aparência permitem concluir que no âmago dessa política está a pretensão de Pequim de assumir um papel internacional de primeira plana, papel que esteja de acordo com a sua estatura e com o nível e o ritmo de desenvolvimento económico e técnico encetado em 1949.

A China não é uma nação fácil à mesa da negociação, como o não é nas posições que assume, tanto ao nível dos princípios, como das atitudes. No cerne dessas posições realça a ideia de força e de luta que está no centro do conceito de Mao Tsé Tung a respeito da política. Para o presidente chinês a guerra é uma política sanguínea e a política uma guerra sem sangue. O conceito é válido tanto para o Ocidente como para o mundo socialista. Apesar de tudo parece pueril admitir que no momento da decisão suprema e no auge de uma hipotética crise a China se comportasse para com a União Soviética da mesma maneira que actuaria para com qualquer outra potência de ideologia e de regime diametralmente opostos. Não se descortina bem o acerto do prazer um tanto apressado com que muitos encaram a hipótese de uma guerra entre a U. R. S. S. e a República Popular Chinesa. É muito menos a vivacidade um tanto surpreendente com que viram nos combates do rio Ussuri, na Primavera do ano passado, o rastilho da grande conflagração.

Para lá das dissidências de fundo no campo da doutrina e da política concreta seria ilusório não ter presente os fundamentos ideológicos e os laços que prendem os dois maiores países comunistas. Josué de Castro recordava ainda há pouco (1) o papel preponderante e o carácter quase exclusivo da ajuda soviética no esforço gigantesco e empreendido pela China em 1949. E citava números: nos dez anos que se seguiram à conquista do poder por Mao Tsé Tung a União Soviética forneceu a Pequim créditos no montante de dois biliões de dólares destinados a equipamento, sete mil técnicos, e recebeu nas suas Universidades e em outros centros de formação doze mil chineses, cuja actividade se tornou depois decisiva na arrancada pela industrialização e na luta contra a fome e a miséria.

O factor duplamente chocante e surpreendente nas relações sino-soviéticas consiste na exteriori-

zação da querela, no tom exacerbado e propagandístico que a disputa por vezes reveste. Se este facto indelével resulta de uma linha coerente com os conceitos políticos de Mao Tsé Tung (que por vezes parece tocar uma ideia tão cara a de Gaulle, segundo a qual o verdadeiro Estado não tem amigos) é preciso ver nela a determinação da China de se impor e de ser reconhecida como uma grande potência que é. Esta orientação transposta para o campo das acções quotidianas pode revestir o cariz da aparente contradição. Mas este pode ser o preço a pagar quando se calcorem as vias espinhosas, difíceis e pachorrentamente morosas da política exterior.

Está anunciado para o próximo dia 20 o recomeço das conversações sino-americanas na capital polaca. A 135.ª conferência, ao nível de embaixadores, tem desde já assegurado um mínimo de êxito, porquanto as duas reuniões preparatórias que a antecederam decorreram em ambiente considerado satisfatório. A China, que faz das relações soviético-americanas um dos fulcros do seu dissídio com Moscovo e que viu mais uma vez rejeitada a sua entrada nas Nações Unidas (por 48 votos contra 56 e 21 abstenções), não rejeita sentar-se à mesa da conferência com os imperialistas americanos. É certo que as conversações têm um carácter assaz «exploratório» e que já vem de longe. De qualquer modo são conversações.

No domínio das relações Pequim-Moscovo a situação não é mais singela. Também aí se dá o choque de posições, enquanto na capital chinesa prosseguem as negociações oficiais. Estas não avançaram de maneira substancial, depois do regresso a Pequim do delegado soviético, no dia 1 do corrente. Pequim não logrou ver aceite o carácter injusto dos tratados com a Rússia czarista e do traçado das suas fronteiras decorrente desses mesmos tratados, assim como não conseguiu que o Kremlin retirasse o grosso das tropas que ora guarnecem as fronteiras com a China. Apesar deste «impasse» irrompeu novo venda-

val de críticas violentas na imprensa soviética contra o «militarismo» e o «chauvinismo» do regime de Mao Tsé Tung.

O facto nada tem de inédito no processo já longo e volumoso da disputa sino-soviética. Mais do que recebido com alarme ou nervosismo, deve ser aceite como o resultado de uma política que se inspira numa filosofia de luta. Filosofia que mergulha na experiência das relações passadas com o Ocidente e que tira ânimo para a construção ardorosa do futuro.

(1) «Le Monde Diplomatique», Dezembro de 1969.



Walter J. Stoessel, embaixador norte-americano em Varsóvia

Os cientistas americanos estão descontentes

Numa época em que a ciência está submetida a crescentes ataques, foi provavelmente o medo a nota dominante na reunião anual da elite científica americana, em Boston, na semana passada: pela primeira vez, desde a sua criação, há 136 anos, que a «Associação Americana para o Progresso das Ciências» se viu obrigada a recrutar um grande número de guardas para proteger o seu templo. Os receios dos dirigentes da Associação revelaram-se largamente injustificados, mas a reunião da Associação foi decerto mais agitada que as anteriores. Na reunião final, os membros do conselho directivo da Associação, foram interpellados deste modo: «Nenhum de

vocês tem coragem para enfrentar os problemas?» e apelidados de «eunucos sociais».

Numa sessão anterior, dois sábios «radicais» travaram violenta disputa sobre a maneira de tratar os dirigentes da Associação. Um sábio, alto e de barbas disse a outro, baixo e de óculos, que «saísse». Como este recusasse, o outro levantou-se, agarrou-o e quis levá-lo para fora da sala, seguiu-se uma breve luta, que só terminou com a intervenção dos colegas.

Nunca se tinham dado incidentes desta natureza em toda a história da Associação.

Porque estão os sábios tão excitados?

Segundo alguns, a guerra do Vietnam «radicalizou» uma fracção da comunidade científica: um dos principais temas da discussão dos sábios foi que os resultados da actual investigação científica são utilizados para fins desumanos pelos militares no Vietnam.

Para esses sábios, foi a guerra do Vietnam que fez nascer uma profunda aversão contra os laços que há muito uniam a ciência e os militares, nos E. U. A. como um deles declarou, numa reunião de estudo: «Actualmente a guerra do Vietnam é talvez o caso mais flagrante de desvio da ciência».

É difícil para os sábios passarem sem os militares. A ciência americana ascendeu ao lugar eminente que hoje tem, em grande parte graças à colaboração com os militares. Além disso o Departamento de Defesa, em financiamento trabalhos de investigação científica, mesmo em domínios de investigação fundamental sem aplicações militares.

Mas há numerosos sábios, e, especialmente, entre os jovens, que não sentem nenhum reconhecimento para com o Departamento de Defesa.

Os sábios mais militantes sustentam que a ciência, em vez de servir para ajudar as pessoas, é utilizada para facilitar a supressão dos movimentos populares, para fazer justificar os interesses das grandes companhias e para preservar o sistema capitalista.

Porque é que os sábios se sentem agora tão preocupados com o género de organizações que lhes dão emprego

Brian Schwartz, professor de Filosofia no MIT, propõe a seguinte resposta. Há que notar, primeiro, que a maioria dos cientistas activistas são professores e estudantes em fins de trabalhos de investigação e não jovens investigadores no começo da carreira. Julga ele que numerosos cientistas foram levados ao activismo quando começaram a estudar o mercado do trabalho.

Depois de ter ouvido dizer, durante anos que há uma penúria de cientistas nos E. U. A., descobriu que não só lhes é difícil encontrar o género de situações que procuram, mas até mesmo lhes é difícil encontrar emprego...

Schwartz pensa que os professores têm mais simpatia pelo descontentamento dos alunos, quando procuram colocá-los e constata-se que ponto as suas oportunidades são limitadas.

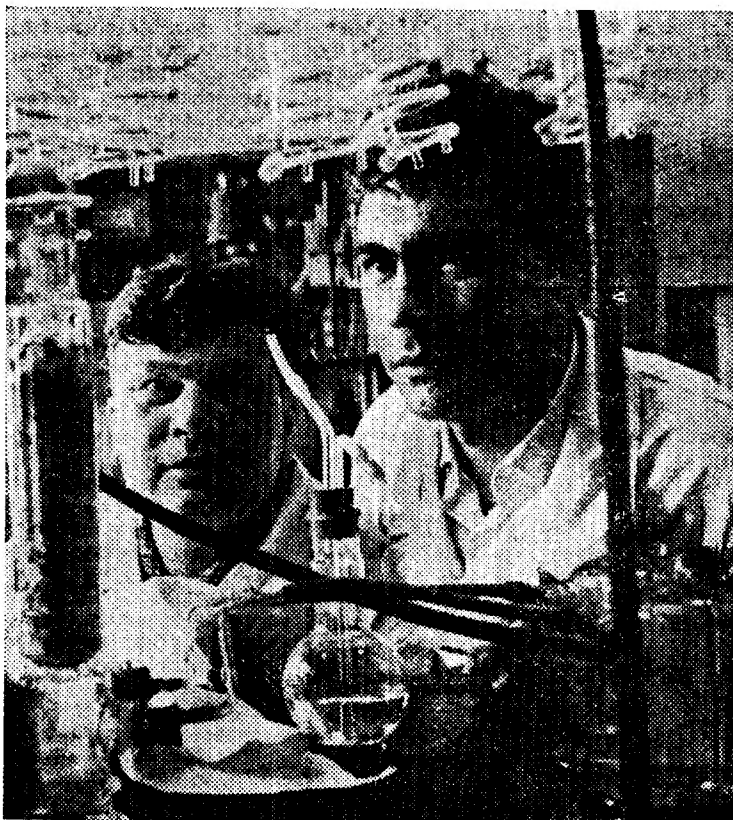
Para lá da guerra do Vietnam e do problema do emprego, numerosos sábios começam a ter dúvidas crescentes quanto ao seu próprio papel. Dantes consideravam-se homens virtuosos, entregues a um trabalho nobre; agora perguntam a si próprios se as suas actividades não contribuem para agravar os problemas humanos, em vez de resolver.

Estas dúvidas foram alimentadas por críticas vindas do exterior: o senador Edmund Muskie declarou aos sábios reunidos em Boston que «o homem empregou tão mal os frutos da investigação científica que ameaçou a sua própria existência».

Talvez por causa de toda essa inquietação sobre o papel social dos cientistas é que os dirigentes da Associação agiram de modo mais politizado que noutros tempos: o conselho da Associação designou um biólogo de Harvard, Matthew Meselson, para planejar um estudo sobre os efeitos do uso dos «desfolhadores» no Vietnam.

O que é ainda mais surpreendente: a Associação votou, por uma maioria de 2 contra 1, uma resolução que convida o Departamento de Defesa a deixar de utilizar quatro dos herbicidas utilizados no Vietnam, porque parece que poderiam provocar o nascimento de crianças deformadas.

Mas estas medidas são insuficientes para satisfazer os sábios mais radicais. Um deles, Michael Jacobson, de 26 anos, doutorado em Microbiologia dizia: «Estes oradores disseram coisas excelentes, mas o problema é que eles nunca fazem nada.»



A função social do cientista, na América ou na U. R. S. S., está na ordem do dia



MESA REDONDA